

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RODRIGO SEEFELD

O MOVIMENTO DA PRODUÇÃO DE SENTIDOS DAS ORGANIZAÇÕES  
PRODUTORAS DE VACINAS NO CONTEXTO POPULISTA BRASILEIRO

CURITIBA

2023

RODRIGO SEEFELD

O MOVIMENTO DA PRODUÇÃO DE SENTIDOS DAS ORGANIZAÇÕES  
PRODUTORAS DE VACINAS NO CONTEXTO POPULISTA BRASILEIRO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração, Área de Concentração em Estratégia e Organizações, do Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Administração.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Natália Rese

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

Seefeld, Rodrigo

O movimento da produção de sentidos das organizações produtoras de vacinas no contexto populista brasileiro / Rodrigo Seefeld. – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Administração.

Orientadora: Profa. Dra. Natália Rese.

1. Narrativas. 2. Populismo. 3. Contranarrativas. 4. Produção de sentidos. 5. COVID-19 (Doença). I. Rese, Natália. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

Bibliotecária: Maria Lidiane Herculano Graciosa CRB-9/2008



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ADMINISTRAÇÃO -  
40001016025P6

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação ADMINISTRAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **RODRIGO SEEFELD** intitulada: **O MOVIMENTO DA PRODUÇÃO DE SENTIDOS DAS ORGANIZAÇÕES PRODUTORAS DE VACINAS NO CONTEXTO POPULISTA BRASILEIRO**, sob orientação da Profa. Dra. NATÁLIA RESE, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 10 de Março de 2023.

Assinatura Eletrônica  
27/03/2023 22:54:14.0

NATÁLIA RESE  
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica  
18/04/2023 17:36:18.0

LUIZ GUSTAVO ALVES DE LARA  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE POSITIVO)

Assinatura Eletrônica  
27/03/2023 12:44:15.0

SAMIR ADAMOGLU DE OLIVEIRA  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/UFPB)

Assinatura Eletrônica  
28/03/2023 14:13:32.0

FÁBIO VIZEU FERREIRA  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE POSITIVO)

---

Av. Lothario Meissner, 632 - Curitiba - Paraná - Brasil  
CEP 80210-170 - Tel: (41) 3360-4365 - E-mail: ppgadm@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 269009

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.pppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>  
e insira o código 269009

Esta tese é dedicada às pessoas especiais em minha vida.

Não há necessidade de nomeá-los.

Sabam que sem vocês, nada seria possível.

## AGRADECIMENTOS

Há quatro anos fui aceito como estudante do Curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Administração (PPGADM) da UFPR, e à época não tinha ideia do quanto essa experiência mudaria minha vida. Sou grato pelas pessoas que conheci, pelas relações que construí, pelo processo que vivenciei, pela educação que recebi e por ter, nessa universidade, realizado o sonho de me tornar Doutor em Administração. Obrigado por tanto UFPR!

A meus pais, irmã e avó que desde o mestrado torcem por mim e que sempre estiveram ao meu lado. Seu apoio e compreensão não serão nunca esquecidos.

A minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Natália Rese, por ter me dado o privilégio de ter sido seu orientando desde o mestrado. Sua inteligência, competência e empatia são inspirações para a minha caminhada profissional.

Aos demais professores e servidores do Programa de Pós-graduação em Administração da UFPR, com quem tive a oportunidade de passar maravilhosos momentos, tanto em sala quanto fora dela.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Camila Camargo e a Jorlene Maria Salomé Kultchek, amiga e conselheira, do curso de graduação à distância em Administração Pública da UFPR. A oportunidade de fazer parte deste projeto e de poder partilhar momentos com vocês foi muito importante na minha formação.

Aos meus colegas professores do Instituto Federal de Santa Catarina – Câmpus Joinville, Célia Regina Beiro da Silveira, Andrea Heidemann, Robson Cristhian Henkel, Caroline Orlandi Brilinger e Marcos Aurélio Schwede. Obrigado.

Ao Guilherme Goulart Righetto, que por, muitas vezes, ouviu minhas lamentações e nunca permitiu que eu desanimasse. Longe, mas sempre perto.

À querida família Sohn, em especial a Andrea Michaela Krelling Sohn, pelo acolhimento durante a minha trajetória.

Aos amigos Jéssica Cristina Ceni, Marcos Vinícius Côrrea Pereira, Salete Ribeiro da Rocha, Sandisha Drepaul, Nargis McCarthy, Daniel Christopher e Glen-Rory Low, pela amizade e pela presença em vários momentos do processo do doutoramento. Gratidão.

Por fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, cujo suporte financeiro foi essencial neste processo.

Existe uma busca quase universal por  
respostas fáceis e soluções semielaboradas.  
Nada perturba tanto algumas pessoas como ter de pensar.

**Martin Luther King Jr.**

## RESUMO

A pandemia de Covid-19 evidenciou a presença das grandes narrativas na realidade brasileira. Caracterizadas pelo negacionismo científico e pelo movimento antivacina, as grandes narrativas encontraram solo fértil no contexto populista brasileiro, o qual endossa e legitima a atuação dessas narrativas, em função da própria constituição do imaginário social brasileiro e das ideologias a ele atreladas. Dessa forma, as organizações produtoras de vacinas do Brasil, Instituto Butantan e Fundação Oswaldo Cruz, ao serem por elas afetadas, engajaram-se ativamente na produção de sentidos a partir da elaboração de contranarrativas, ou também, narrativas de resistência, para negociarem os sentidos frente aos sentidos dominantes vinculados às grandes narrativas dominantes. A partir disso, o objetivo desta pesquisa é compreender como ocorre o movimento de produção de sentidos das organizações produtoras de vacinas do Brasil a partir da pandemia da Covid-19, considerando o contexto populista brasileiro. Para tanto, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e assume como método a lógica abdução, que preconiza a interpretação e a inferência teórico-empírica. Quanto ao recorte temporal é caracterizada como uma pesquisa transversal com aproximação longitudinal, compreendendo o período de 01 de janeiro de 2020 a 30 de junho de 2022. A estratégia de pesquisa utilizada é a pesquisa narrativa que possibilita o acesso e a interpretação dos sentidos produzidos por meio da apreensão das histórias e do enredo que as unifica. Os dados secundários foram coletados (i) nos perfis oficiais no Facebook, (ii) nos respectivos canais oficiais no YouTube e (iii) nos sites eletrônicos de cada organização produtora, entre 20 de maio de 2022 e 22 de agosto de 2022, a partir dos seguintes parâmetros: “novo coronavírus”, “coronavírus”, “corona”, “Covid-19”, “pandemia”, “pandemia de Covid-19”, “vacinação”, e “vacina”. A coleta de dados gerou 1635 postagens do Facebook, 323 vídeos do YouTube – cujo montante é de 35h15min56s, e 1476 notícias dos sites eletrônicos. Para a análise dos dados foram utilizados dois modelos distintos, mas complementares: a análise narrativa e a análise retórica das imagens. O primeiro método prioriza o ato narrativo e as características das histórias, enquanto o segundo engloba os critérios linguísticos, denotativos e conotativos para ilustrar qual a mensagem por detrás de cada imagem. Os resultados revelaram duas contranarrativas no Instituto Butantan: (i) nossos processos e produtos são pautados pelo compromisso e pelo respeito para com a ciência e (ii) a CoronaVac é a vacina do Butantan, segura e eficaz, contra o novo coronavírus. Em contrapartida, a Fiocruz apresentou apenas uma (i) a Fiocruz é *hub* da ciência e atua em prol da sociedade brasileira. A pesquisa elenca três contribuições. A primeira alude ao caráter estrutural das narrativas na concepção das grandes e das contranarrativas; a segunda, reconhece que as práticas comunicativas das organizações estão assentadas em elementos retóricos, utilizados de forma deliberada e instrumental; e, a terceira, preconiza que o movimento da produção de sentidos das organizações produtoras de vacinas é uma (co)construção. Para pesquisas futuras, sugere-se que estudos se debrucem a analisar as grandes narrativas do contexto populista brasileiro; apontando o que tornam os seus sentidos dominantes; e, por fim, explicar como as contranarrativas tornam-se, se isso de fato acontece, grandes narrativas dominantes.

Palavras-chave: grandes narrativas; populismo; contranarrativas; produção de sentidos; novo coronavírus.

## ABSTRACT

Covid-19 pandemic showed the presence of great narratives in the Brazilian reality. Characterized by scientific denialism and anti-vaccine movement, the great narratives found fertile soil in the Brazilian populist context, which endorses and legitimizes the performance of these narratives, according to the very constitution of the Brazilian social imagination and the ideologies linked to it. Thus, vaccine-producing organizations in Brazil, Butantan Institute and Oswaldo Cruz Foundation, when they are affected by them, were actively engaged in the production of meanings from the elaboration of counterattacks, or also, resistance narratives, to negotiate the meanings faced with the dominant senses linked to the great dominant narratives. From this, the objective of this research is to understand how the sense production movement of vaccine-producing organizations in Brazil occurs from the COVID-19 pandemic, considering the Brazilian populist context. To this end, the research adopts a qualitative approach and assumes as a method the abductive logic, which advocates interpretation and theoretical-empirical inference. Regarding the temporal clipping is characterized as a cross-sectional research with longitudinal approach, comprising the period from January 1, 2020 to June 30, 2022. The research strategy used is narrative research that enables access and interpretation of meanings produced by through the apprehension of the stories and the plot that unifies them. Secondary data were collected (i) on official Facebook profiles, (ii) on their official YouTube channels and (iii) on the electronic sites of each producing organization, from May 20, 2022 to August 22, 2022, from the following parameters: “novo coronavírus”, “coronavírus”, “corona”, “Covid-19”, “pandemia”, “pandemia de Covid-19”, “vacinação”, e “vacina”. Data collection generated 1635 Facebook posts, 323 YouTube videos - whose amount is 35h15min56s, and 1476 news from electronic sites. For data analysis two distinct but complementary models were used: narrative analysis and rhetorical analysis of the images. The first method prioritizes the narrative act and characteristics of stories, while the second encompasses the denotative and connotative linguistic criteria to illustrate what message behind the image. The results revealed two counterattacks at the Butantan Institute: (i) Our processes and products are based on commitment and respect for science and (ii) CoronaVac is the Butantan vaccine, safe and effective against the new coronavirus. On the other hand, Fiocruz presented only one (i) Fiocruz is a hub of science and acts for Brazilian society. The research lists three contributions. The first one alludes to the structural character of narratives in the conception of the great and the counterattacks; the second recognizes that the communicative practices of organizations are based on rhetorical elements, used in a deliberate and instrumental manner; and the third advocates that the movement of sensemaking of vaccine producing organizations is a (co)construction. For future research, it is suggested that studies focus to analyze the great narratives of the Brazilian populist context; research to point out what makes dominant meanings; and finally, explaining how counterattacks become, if that happens, great dominant narratives.

Keywords: grand narratives; populism; counter narratives; sensemaking; coronavirus.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – <i>FRAMEWORK</i> TEÓRICO DA PESQUISA .....	37
FIGURA 2 – O QUE É O CORONAVÍRUS .....	60
FIGURA 3 – SAIBA MAIS SOBRE O CORONAVÍRUS .....	64
FIGURA 4 – PROJEÇÃO DE ÓBITOS.....	67
FIGURA 5 – MEDIDAS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL FUNCIONAM .....	68
FIGURA 6 – NÃO VIAJE E SIGA A QUARENTENA.....	69
FIGURA 7 – USE MÁSCARA.....	73
FIGURA 8 – EU TIVE COVID-19 .....	74
FIGURA 9 – O QUE É PESQUISA CIENTÍFICA E O QUE FAZ O BUTANTAN .....	75
FIGURA 10 – ETAPAS DA PRODUÇÃO DE VACINAS .....	78
FIGURA 11 – TESTES DA FASE DE ENSAIOS CLÍNICOS INICIAM .....	81
FIGURA 12 – CIÊNCIA DOS ENSAIOS CLÍNICOS .....	83
FIGURA 13 – ESTUDO DIVULGADO PELA SINOVAC LIFE SCIENCES .....	84
FIGURA 14 – FASE 4 DO DESENVOLVIMENTO DE VACINAS .....	88
FIGURA 15 – PLANO ESTADUAL DE IMUNIZAÇÃO.....	89
FIGURA 16 – <i>FAKE NEWS</i> TAMBÉM É VÍRUS.....	94
FIGURA 17 – A EFICÁCIA DA CORONAVAC TÁ ON!.....	98
FIGURA 18 – TELE CORONAVÍRUS .....	107

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – RESUMO DA COLETA DE DADOS .....	50
QUADRO 2 – <i>FRAMEWORK</i> PARA ANÁLISE NARRATIVA.....	52
QUADRO 3 – <i>FRAMEWORK</i> PARA ANÁLISE RETÓRICA DAS IMAGENS.....	54

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
1.1	OBJETIVOS DA PESQUISA .....	18
1.1.1	Objetivo geral .....	18
1.1.2	Objetivos específicos.....	19
1.2	JUSTIFICATIVA TEÓRICO-PRÁTICA.....	19
1.3	ESTRUTURA DO TRABALHO .....	22
<b>2</b>	<b>CONSTRUÇÃO TEÓRICA DO ARGUMENTO DE PESQUISA.....</b>	<b>24</b>
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>39</b>
3.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO .....	39
3.2	CLASSIFICAÇÃO E DELINEAMENTO DA PESQUISA .....	44
3.3	COLETA DOS DADOS .....	46
3.4	ANÁLISE DOS DADOS .....	50
<b>4</b>	<b>APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>55</b>
4.1	AS CONTRANARRATIVAS DO INSTITUTO BUTANTAN, E O SEU PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS, NO CONTEXTO POPULISTA BRASILEIRO DIANTE DA PANDEMIA DE COVID-19 .....	56
4.1.1	Nossos processos e produtos são pautados pelo compromisso e pelo respeito para com a ciência.....	57
4.1.1.1	Nossa experiência nos capacita contra o novo coronavírus.....	59
4.1.1.2	A melhor prevenção vem da informação .....	62
4.1.1.3	A ciência salva vidas .....	70
4.1.1.4	As vacinas do Butantan seguem todos os protocolos científicos .....	76
4.1.2	A CoronaVac é a vacina do Butantan, segura e eficaz, contra o novo coronavírus.....	79
4.1.2.1	Os ensaios clínicos possuem rigor e método científico .....	80
4.1.2.2	Os resultados iniciais comprovam a segurança e a eficácia da vacina .....	84
4.1.2.3	Projeto Serrana: um exemplo de que a ciência brasileira é competente .....	92
4.1.2.4	A eficácia da CoronaVac é comprovada por outras pesquisas científicas....	96
4.2	A CONTRANARRATIVA DA FIOCRUZ, E O SEU PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS, NO CONTEXTO POPULISTA BRASILEIRO DIANTE DA PANDEMIA DE COVID-19 .....	101
4.2.1	A Fiocruz é <i>hub</i> da ciência e atua em prol da sociedade brasileira.....	101

4.2.1.1	Nosso papel é fornecer informações de qualidade.....	102
4.2.1.2	A vacina da Fiocruz é mais uma opção contra a pandemia da Covid-19 ...	111
4.3	DISCUSSÃO TEÓRICA DOS RESULTADOS DA PESQUISA .....	117
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>124</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>129</b>
	<b>APÊNDICE 1 – REFERÊNCIAS DO INSTITUTO BUTANTAN.....</b>	<b>136</b>
	<b>APÊNDICE 2 – REFERÊNCIAS DA FIOCRUZ.....</b>	<b>140</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Com o auge da pandemia do novo coronavírus, descoberto na província chinesa de Hubei ao final de 2019, presenciou-se mundialmente uma união de esforços entre pesquisadores, laboratórios de pesquisa e demais instituições científicas para o desenvolvimento de imunizantes que fossem capazes de frear o avanço do vírus e atenuar os seus efeitos. O acentuado aumento no número de casos confirmados e óbitos, aliado ao desconhecimento do comportamento do agente viral e à inexistência de fármacos capazes de combatê-lo, foram as principais motivações para a agilidade na disponibilização de vacinas à população mundial.

No Brasil, diante da inesperada, e persistente, presença do novo coronavírus, duas organizações produtoras de imunizantes, a exemplo de outras tantas com o mesmo objetivo de colocarem um fim na pandemia da *Coronavirus Disease* (Covid-19), atraíram a atenção da mídia e estiveram sob os seus holofotes. Trata-se do Instituto Butantan, que produz a vacina CoronaVac, e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), responsável pela vacina AstraZeneca. O pioneirismo contra a Covid-19 não apenas rendeu a essas organizações o devido reconhecimento no combate à doença, mas as tornou alvos de *fake news*<sup>1</sup> disseminadas livremente em ambiente virtual, questionando a eficácia dos imunizantes produzidos e o processo científico por trás dos seus desenvolvimentos.

A CoronaVac e a AstraZeneca, desenvolvidas em parceria com o laboratório biofarmacêutico chinês Sinovac Life Sciences e com a Universidade de Oxford, respectivamente, foram os primeiros imunizantes autorizados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) a integrar o Programa Nacional de Imunizações do governo brasileiro (ANVISA, 2021). A produção em solo nacional e o oferecimento dos imunizantes à população brasileira, em pouco mais de um ano de pandemia, por meio do Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a Covid-19 (PNO), foram um marco na luta contra a Covid-19. (BRASIL, 2022).

No entanto, apesar da disponibilização dos imunizantes em tempo recorde à população mundial, inclusive no Brasil, o que se observou na realidade brasileira, ao longo da pandemia da Covid-19, foi um verdadeiro embate entre duas grandes

---

<sup>1</sup> Reconhece-se como *fake news* o conjunto de informações produzidas cujo intuito é enganar, confundir e influenciar grupos de pessoas. O seu emprego está, usualmente, relacionado à disseminação intencional de estórias com veracidade questionável e de aparente credibilidade. (BEAUVAIS, 2022).

correntes narrativas. Essas narrativas, antagônicas entre si, ganharam espaço nas redes sociais e conquistaram defensores e simpatizantes, os quais ativamente, por meio de postagens, de curtidas e de compartilhamentos, posicionaram-se na defesa de seus ideais. Fato é que o ponto de partida para o surgimento dessas narrativas está intrinsecamente relacionado ao descobrimento do novo coronavírus e a corrida pelo desenvolvimento e pela produção de vacinas para combatê-lo.

Nesse contexto, uma das narrativas que circulou e, notadamente, exerceu dominância dentro do contexto brasileiro é a que introjetou, e perpetuou, a ideia do negacionismo científico, resultando no que Ihlen (2020) denominou de hesitação das vacinas. Do outro lado, viu-se emergir uma vertente opositora que ilustrou o esforço das organizações brasileiras produtoras de imunizantes em desmentir e em esclarecer informações erroneamente disseminadas, que não apenas prejudicaram a imagem e reputação dessas organizações, mas também afetaram o processo de imunização coletivo.

Da relação antagônica entre ambas as narrativas é que surge o argumento teórico que fundamenta esta pesquisa. Sobretudo, porque o contexto brasileiro é fundamentalmente delimitado pelo populismo (BARROS; WANDERLEY, 2020). Assim sendo, a construção teórica do argumento desta pesquisa ressalta que as organizações inseridas em contextos populistas estão sujeitas à ação desse contexto por meio de grandes narrativas e dos sentidos<sup>2</sup> dominantes por elas produzidos, endossados e intencionalmente demarcados. Na outra ponta, as organizações afetadas, no intuito de defenderem-se, engajam-se ativamente na construção de contranarrativas, as quais negociam perante as grandes narrativas, os sentidos envolvidos neste duelo, em um movimento retórico de tensionamento e posicionamento. Contudo, apesar de aparentemente simples, essa relação revela uma complexidade social que não apenas interconecta o contexto populista e as suas narrativas, mas também o imaginário social e as ideologias dele decorrentes.

No campo empírico, as manifestações e os incessantes questionamentos acerca dos imunizantes produzidos, tanto pelo Instituto Butantan quanto pela Fiocruz,

---

<sup>2</sup> A definição do termo assenta-se na perspectiva das práticas discursivas, nas quais o sentido é a porta de entrada para a compreensão do mundo social. Nessa acepção, o sentido é decorrente da negociação e do compartilhamento dos atos dos indivíduos, ou no caso desta pesquisa, das organizações, fazendo com que uma gama de entendimentos e significados assumam um caráter hegemônico em relação às percepções comuns (BROWN, 2000). Deste modo, o sentido é caracterizado como um sistema de significados, coerência e percepções que auxiliam na apreensão e na dinâmica da realidade social e organizacional.

ilustram a dominação e a expressão das grandes narrativas. Tais organizações foram alvo de mensagens difamatórias, duvidosas e fantasiosas, as quais amplamente questionaram o processo científico e as associações firmadas para a contenção da pandemia da Covid-19. Conceitualmente, grandes narrativas são narrativas dominantes e fortes dentro de um contexto (LUNDHOLT; BOJE, 2018), cujo conteúdo tem a capacidade de impactar o interior das organizações como também o seu arredor (VAARA; SONENSHEIN; BOJE, 2016). São consideradas grandes histórias<sup>3</sup> institucionalizadas que fornecem e constroem significados dentro de uma gama de organizações e comunidades (FENTON; LANGLEY, 2011).

Ademais, podem ainda ser reconhecidas como narrativas de segunda ordem, pois provêm interpretações do que constitui e orienta a vida social e o seu imaginário (BERNSTEIN, 2003; RICOEUR; CASTORIADIS, 2016). Presentes em um nível institucional de operação, as grandes narrativas fomentam e corroboram na elaboração coletiva de sentidos, com capacidade e influência para alterarem sentidos já consolidados, bem como para produzirem outros dentro de uma realidade social, afetando diretamente às organizações. Isso ocorre em virtude da capacidade das grandes narrativas articularem, de forma ampla e situada, sentidos e entendimentos (BERNSTEIN, 2003) que, uma vez incorporados pelos indivíduos e assumidos como verdadeiros, passam a compor a imaginação e o julgamento dos integrantes de determinada coletividade.

Nesse contexto, as grandes narrativas contrárias à imunização – e por conseguinte, à ciência – ganharam espaço nas redes sociais, as quais se tornaram uma arena, livre de contestação, censura ou averiguação da veracidade do que se compartilha. Reconhecidamente, considera-se que tais redes agem como um forte mecanismo para manipular, atacar, repudiar, distorcer, propagar e reproduzir tais narrativas e mensagens sem embasamento, fundamentadas no senso comum e em ideologias fortemente internalizadas por figuras representativas e seus defensores. A ideologia, à vista disso, guia e induz a produção de versões de acordo com as perspectivas de determinados grupos e daquilo que acreditam, tendo a mídia, e todo

---

<sup>3</sup> Para o propósito deste trabalho, histórias são consideradas meios tanto de *sensemaking* quanto de contestação dentro e fora das organizações. Nesse sentido, entende-se que sejam meios de acesso a versões da realidade ou de verdade, avocando as experiências como forma de conhecimento contra reivindicações à ciência e a informação. Assim sendo, histórias representam elaborações de narrativas com o intuito de evidenciar fatos como experiências e não como informações. (GABRIEL, 2004).

o seu aparato na contemporaneidade, mas sobretudo as redes sociais, papel relevante neste processo de construção e (re)produção.

Essas narrativas encontraram significância diante do contexto populista (DE CLEEN; GLYNOS; MONDON, 2018; BARROS; WANDERLEY, 2020) e dos discursos institucionalizados amplamente veiculados e corroborados pelas figuras públicas do governo brasileiro. Tradicionalmente, os representantes governamentais brasileiros assumiram, ao longo dos anos, uma liderança arraigada às premissas populistas. Contudo, durante o governo Bolsonaro (2019-2022), percebeu-se uma radicalização, sem precedentes, a respeito da negação da ciência e dos processos científicos e da gestão da pandemia do novo coronavírus.

As diversas narrativas disseminadas e endossadas nas redes sociais são consideradas derivações das grandes narrativas do contexto brasileiro, com forte apelo e teor ideológicos. Isso se deve, pois, essas grandes narrativas encontram amparo no imaginário social (BERNSTEIN, 2003; RICOEUR; CASTORIADIS, 2016) presente, e historicamente produzido, desde sempre na sociedade brasileira, o qual evidencia a produção das características que explicam o pensamento social brasileiro e esclarecem como as ideologias dele decorrentes estão associadas a determinadas figuras representativas no Brasil.

Nesse sentido, mesmo reconhecendo que as grandes narrativas estejam intimamente associadas ao imaginário social, nesta pesquisa, sobretudo, reitera-se que esta relação incite e revele outras conexões. Isso pois, dadas as características do contexto apresentado, em que se identifica a influência ideológica (RICOEUR, 2015) sendo reproduzida a partir das grandes narrativas que reiteram o populismo como meio contextual brasileiro, há uma relação entre essas três esferas que merece desdobramento e aprofundamento.

No caso em perspectiva, entende-se que as grandes narrativas são interpretações do imaginário social, o qual se apresenta narrativamente, por meio de ideologias, no contexto populista em que o Brasil se encontra inserido. Resumidamente, o imaginário social molda o entendimento coletivo dentro de um contexto e fornece princípios que constituem as ideologias, que são a base do populismo (BARROS; WANDERLEY, 2020).

Em linhas gerais, o populismo pontua o interesse das pessoas, do povo, contra uma elite considerada ilegítima (DE CLEEN; GLYNOS; MONDON, 2018). Barros e Wanderley (2020, p. 396, tradução nossa) explicam que

o populismo representa uma aliança marcada pela ambiguidade: o líder media a inclusão das massas no jogo político. O povo reconhece a legitimidade do líder como seu representante, enquanto outras organizações democráticas são destituídas de poder.

O próprio populismo sendo um ato de contar histórias (NORDENSVARD; KETOLA, 2021), explicita narrativamente o que está no imaginário social, especialmente os sentidos coletivamente aceitos e as ideologias presentes. Nesse sentido, as grandes narrativas fornecem interpretações sobre o que orienta a vida social (BERNSTEIN, 2003) e como o populismo estruturou seus fundamentos (RICOUER, 2015). Nessa acepção, o populismo é uma condição inerentemente contextual, que endossa, ratifica e legitima a aceitação e a perpetuação das grandes narrativas ideologicamente orientadas a ressoarem, assim como os sentidos por elas produzidos. Já as grandes narrativas interpretam e transmitem ao público as premissas do populismo e suas ideologias (BERNSTEIN, 2003) por meio dos sentidos absorvidos e aceitos socialmente. Assim, as narrativas não apenas constroem e sustentam sentidos a partir de situações e eventos disruptivos (FENTON; LANGLEY, 2011), mas podem fornecer acesso aos princípios e tradições históricas que constituem o imaginário social (BERNSTEIN, 2003).

Diante do turbulento contexto por conta da gravidade imposta pela doença causada pelo novo coronavírus, da dominância das grandes narrativas no contexto populista brasileiro, alicerçadas no imaginário social e nas ideologias propagadas por certos grupos, percebeu-se um processo ativo de construção de narrativas de defesa, ou de resistência, por parte das organizações produtoras de vacinas. As narrativas de defesa, ou resistência, são denominadas contranarrativas e são conceituadas como narrativas elaboradas para resistir ou se opor às grandes narrativas (BOJE; SVANE; GERGICH, 2016).

Adotando a retórica como meio para a elaboração narrativa, essas organizações engajaram-se na produção de sentidos, os quais passaram a ser compartilhados a partir das contranarrativas, em um movimento retórico de tensionamento e posicionamento em oposição às grandes narrativas dominantes e aos sentidos delas provenientes. Por definição, a retórica, em meio a muitos conceitos, pode ser entendida como o esforço persuasivo para influenciar uma audiência para determinado fim (ALVENSON, 1993; BROWN; AINSWORTH; GRANT,

2012). Essa abordagem, apesar de amplamente difundida nos estudos organizacionais, permanece aberta à teorização e encontra espaço para outros desmembramentos a partir desta pesquisa.

Em suma, como apresentado até aqui, a dinâmica que se formou a partir da chegada do novo coronavírus e do embate entre as duas correntes narrativas ilustra a dominância das grandes narrativas (FENTON; LANGLEY, 2011; LUNDHOLT; BOJE, 2018) e dos sentidos por elas produzidos no contexto brasileiro demarcado pelas políticas populistas, e a ascensão das contranarrativas por parte das organizações produtoras de vacinas no Brasil. Não obstante, a complexa relação entre as narrativas dominantes e a emergência das contranarrativas (BOJE; SVANE; GERGICH, 2016; LUNDHOLT; BOJE, 2018), permite apreender, mediante um olhar histórico, a formação do próprio imaginário social e das ideologias no contexto brasileiro.

Assim sendo, reconhecendo que se as contranarrativas devem atuar como um instrumento de resistência às narrativas grandiosas ou dominantes em algum contexto, reitera-se que a literatura ainda não explora como e em quais condições elas são narrativamente utilizadas no movimento de produção de sentidos para atuarem contra aquelas que emergem do contexto populista. Ademais, a associação existente entre o populismo e o campo das organizações ainda apresenta sinais de território inexplorado dentro dos estudos organizacionais. Portanto, a fim de adereçar essas questões, esta pesquisa apresenta o seguinte problema: como ocorre o movimento de produção de sentidos das organizações produtoras de vacinas do Brasil a partir da pandemia da Covid-19, considerando o contexto populista brasileiro?

## 1.1 OBJETIVOS DA PESQUISA

Para orientar a execução da pesquisa, serão apresentados na sequência os objetivos geral e específicos.

### 1.1.1 Objetivo geral

O objetivo geral da pesquisa é compreender como ocorre o movimento de produção de sentidos das organizações produtoras de vacinas do Brasil a partir da

pandemia da Covid-19, considerando o contexto populista brasileiro. A seguir, encontram-se descritos os objetivos específicos.

### 1.1.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos elaborados seguem elencados:

- a. Descrever quais são as contranarrativas das organizações produtoras de vacinas do Brasil;
- b. Analisar como os sentidos foram produzidos pelas contranarrativas das organizações produtoras de vacinas do Brasil; e
- c. Discutir o papel da retórica na produção dos sentidos das contranarrativas das organizações produtoras de vacinas do Brasil.

## 1.2 JUSTIFICATIVA TEÓRICO-PRÁTICA

Diferentemente dos estudos que preconizam, unicamente, a identificação de lacunas teóricas e a explicação de determinados fenômenos não investigados em profundidade pela literatura, nesta pesquisa propõe-se o diálogo para abertura de novas possibilidades de avanço à teoria, cujos conhecimentos ainda se encontram limitados e permanecem pouco teorizados. Almeja-se, nesse sentido, que as discussões realizadas sejam contributivas para aprofundar e proporcionar o desenvolvimento do conhecimento científico.

Diante dessa perspectiva, antes porém, cabe ressaltar que a descoberta do novo coronavírus e, por conseguinte, o desencadeamento da pandemia de Covid-19 acentuou territórios inexplorados e superficialmente compreendidos pela literatura, razão pela qual também se justifica a importância da realização deste estudo. Acerca disso, esta pesquisa mostra-se relevante ao desvelar, por meio da construção teórica do argumento desta pesquisa, a dinâmica contextual envolvendo as grandes narrativas (BERNSTEIN, 2003; LUNDHOLT; BOJE, 2018) e a sua relação com o populismo no Brasil (BARROS; WANDERLEY, 2020). Essa premissa é basilar para o argumento teórico construído e está assentada em um processo que vai além da simples interposição de ideias entre autores e teorias.

Isso porque a partir da problematização desenvolvida, estima-se que este trabalho fomente o diálogo acerca do papel do contexto na definição e na formatação das grandes narrativas por ele demarcadas e orientadas. Apesar de Nordensvard e Kotela (2021) reconhecerem o populismo como um ato narrativo, a literatura ainda não abarca e aprofunda a relação entre essas grandezas, entendendo-se, dessa forma, que essa associação possa fornecer sinais para a compreensão do que efetivamente está em negociação em um dado contexto social, onde as organizações se encontram inseridas e experimentam da sua influência por meio das grandes narrativas.

Ainda sobre as grandes narrativas, este trabalho ressalta a importância de se adentrar no processo de formação das grandes narrativas, a partir da aceção da produção do imaginário social (RICOEUR; CASTORIADIS, 2016) e da expressão das ideologias (RICOEUR, 2015) dele decorrentes. Ao pormenorizar este processo, pretende-se expor a complexa teia conceitual que embasa as grandes narrativas como interpretações de segunda ordem e o que as fundamenta enquanto histórias institucionalizadas (FENTON; LANGLEY, 2011), relevando as conexões e as interações entre essas esferas. Essa ação, por si só, ilustra a relevância da temática dentro dos estudos organizacionais, que não propriamente apresenta e delinea essas interconexões.

Dessa forma, portanto, ao destacar a relevância das grandes narrativas contextualmente delineada, ilustra-se não apenas a forma como o populismo estrutura suas raízes – bem como revela a sua orientação ideológica (RICOEUR, 2015; DE CLEEN; GLYNOS; MONDON, 2018; BARROS; WANDERLEY, 2020), mas quais as bases que permitem admitir que as grandes narrativas sejam consideradas interpretações provenientes deste contexto, a partir também do desenvolvimento do pensamento social coletivo que caracteriza o povo brasileiro e do aparato ideológico que sustenta e orienta essas narrativas (RICOEUR; CASTORIADIS, 2016).

A pesquisa, ademais, ainda busca compreender como as comunicações organizacionais estão assentadas em práticas retóricas, enaltecendo este campo de conhecimento dentro dos estudos organizacionais. Isso é particularmente importante, pois apesar do propósito da comunicação organizacional ser de fato retórica, enquanto campo permanece limitado às interações envolvendo o conjunto de sentidos atuantes em contexto, carecendo de maior explicação acerca de como as construções

comunicativas foram imbuídas de sentidos para lidarem com situações atípicas e/ou conflitantes. (CONRAD; CHENEY, 2018).

De outra forma, o estudo proposto permite ilustrar como as organizações utilizam-se da retórica em suas práticas comunicativas, sobretudo, a exemplo da pandemia de Covid-19, em eventos inesperados. Essa afirmação é corroborada por Ihlen e Heath (2018), que enfatizam que a aplicação da retórica organizacional carece de engajamento em relação ao processo de utilização dos elementos retóricos para o alcance esperado daquilo que a audiência requer e necessita. Esse posicionamento é também reforçado, conforme apontam Giovannoni e Napier (2022), reconhecendo-se que a retórica enquanto uma perspectiva multimodal, ainda encontra espaço para ilustrar o papel dos elementos retóricos – que comportam textos, imagens e outras representações (CHRISTIANSEN, 2018) – e enaltecer os processos de produção de sentidos que incluem elementos verbais e não-verbais (HÖLLERER; JANCSARY; GRAFSTRÖM, 2018). Com isso, pretende-se suprir a necessidade de estudos que denotam a ausência de pesquisas em relação às práticas comunicativas.

A discussão acerca da retórica organizacional e o seu papel nos processos de produção de sentidos (WEICK, 1995) é, inclusive, outra importante contribuição que esta pesquisa busca proporcionar. Nesse sentido, propõe-se o avanço do campo teórico ao fornecer evidências que possibilitam reconhecer o *sensemaking* como um processo mediado e negociado a partir de entendimentos organizacionais comuns compartilhados (SANDBERG; TSOUKAS, 2020). Além disso, postula-se a produção de sentidos como atividade intrínseca às práticas organizacionais, denotando a intencionalidade das organizações no decorrer do processo de construção (GLYNN; WATKISS, 2020).

Essa tecitura é considerada apropriada no contexto desta pesquisa, pois permite posicionar o papel da retórica no processo de produção de sentidos, a partir da acepção das contranarrativas (BOJE; SVANE; GERGERICH, 2016). Todavia, apesar da literatura já ter se debruçado sobre os resultados do *sensemaking* e apresentar um considerado *know-how* acerca da temática, verifica-se que o processo em si, permanece descoberto e aberto à teorização (SCHILDT; MANTERE; CORNELISSEN, 2020). Por conta disso, apontar de que maneira os sentidos produzidos empregam elementos retóricos para sua construção, e sobretudo, entender o porquê desta prática, torna-se um aporte frutífero.

No domínio prático, especificamente no caso das organizações produtoras de vacinas, esta pesquisa mostra-se valorosa ao demonstrar como essas organizações utilizaram-se da retórica organizacional (BROWN; AINSWORTH; GRANT, 2012) para gerenciar a crise causada pela pandemia da Covid-19, a qual abalou a reputação e a legitimidade das organizações envolvidas. Avista-se uma oportunidade contributiva ao reconhecer o potencial dos elementos retóricos na delimitação das contranarrativas dessas organizações, a ponto de poderem proporcionar a absorção e o consumo daquilo que os sentidos almejam, de fato, alcançar.

Por fim, assume-se como também uma justificativa prática desta pesquisa, o reconhecimento de que organizações ao terem conhecimento das influências contextuais, e por sua vez, das grandes narrativas e sentidos negociados a partir delas, podem estruturar e formatar narrativas de resistência e planejar quais os sentidos que serão produzidos e negociados em seu contexto e para qual audiência. Nessa tratativa, de forma utilitária, as organizações tomam nota daquilo que as afetam e organizam suas defesas, segundo a intensidade das grandes narrativas em suas práticas, ações, produtos, serviços, por exemplo, mas também da repercussão face a sua legitimidade e sua reputação.

### 1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

Os conteúdos a serem apresentados seguem uma estrutura de capítulos. Além desta introdução, compõem o documento, o capítulo de construção teórica do argumento de pesquisa, seguido pelo de procedimentos metodológicos. Posteriormente, há o capítulo de apresentação, análise e discussão dos resultados. Por fim, as considerações finais, as referências e os apêndices encerram este documento.

Entretanto, apesar da organização indicada para a estrutura do trabalho sugerir um enquadramento essencialmente funcional para cada seção, torna-se imprescindível enfatizar que a orientação desta pesquisa está assentada em uma visão oposta às premissas positivistas. E isso decorre da intenção do pesquisador em privilegiar uma revisão problematizada da literatura que prioriza a teorização, sobretudo, em relação à construção do argumento de pesquisa. Nessa acepção, preconiza-se a elaboração do argumento de pesquisa a partir do diálogo teórico e do

confronto às teorias estabelecidas e consolidadas, com vista à produção de um argumento inédito, fundamentado e explicativo dentro dos estudos em organizações.

Reconhece-se que este posicionamento é fruto e reflexo da experiência do pesquisador durante a realização do período de doutorado sanduíche na The Open University Business School, no Reino Unido. A vivência em território britânico associado ao contato com outros pesquisadores e com a 'forma' de fazer pesquisa por aquelas terras, foram fortes influências no processo de idealização desta pesquisa de tese. Essa troca de saberes foi fundamental na delimitação da temática, a exemplo da inserção da abordagem populista no pós-projeto de tese qualificado, que nasceu de uma das orientações com a orientadora do exterior, Professora Dr<sup>a</sup>. Emma Bell. Esse processo foi determinante para a concepção daquilo que se pretende desenvolver e entregar enquanto contribuição à teoria e aos estudos organizacionais. Aliado a isso, soma-se a inquietude natural do pesquisador a métodos protocolares e enrijecidos, que tolhem a liberdade e limitam a capacidade de extrapolação crítica e analítica.

## 2 CONSTRUÇÃO TEÓRICA DO ARGUMENTO DE PESQUISA

O estudo das narrativas dentro da administração e, por conseguinte, dos estudos organizacionais intensificou-se com a denominada virada narrativa, do inglês *narrative turn* (CZARNIAWSKA, 2011). Essa acepção segue uma tendência dentro das pesquisas em organizações que reconhece o papel das narrativas na construção de sentidos coletivos e na cultura organizacional; nas relações de poder; na construção das identidades individual e coletiva; na mudança organizacional e nas interações humanas (FENTON; LANGLEY, 2011).

Conceitualmente, narrativas são construções temporais que apresentam enredo, personagens, entre outros elementos (KJAERBECK; LUNDHOLT, 2017), servindo ao propósito maior de prover sentidos face a determinados eventos e/ou situações (VAARA; SONENSHEIN; BOJE, 2016). Apresentam, ainda, características importantes que conferem às histórias um senso temporal de passado, presente e/ou futuro, principalmente em decorrência de processos de mudança ou na gestão dos sentidos conflitantes (VAARA; TIENARI, 2011).

De outra maneira, significa dizer que as narrativas apresentam capacidade de, não somente, descrever coisas, mas também de fazê-las. Nessa acepção, as narrativas exibem como característica a aptidão para motivar a ação, por meio das histórias, revelando o poder que possuem para suportar uma ideia (GABRIEL, 2004) ou para persuadir uma coletividade, a fim de que seus indivíduos ajam em concordância a uma conduta esperada. Nessa perspectiva ressalta-se o papel institucional das histórias na mudança organizacional e em relação aos sentidos produzidos, disseminados e negociados em um contexto social (VAARA; TIENARI, 2011).

Diante disso, portanto, narrativas são capazes não apenas de construir realidades e partilhar entendimentos em certo contexto, mas também integrar as histórias com o passado e o presente, oferecendo uma projeção de futuro. (GROSS; ZILBER, 2020). Nesse sentido, algumas histórias oferecem voz e a possibilidade de compartilhamento de múltiplas e, muitas vezes, de conflitantes versões. Ao serem exploradas pela lente narrativa, pode-se obter informações como, por exemplo, quem as conta, quais as motivações e as intenções trazidas pela narrativa, qual o estágio e o porquê de terem sido elaboradas e compartilhadas ou até mesmo o que pretendiam alcançar, revelar ou direcionar.

Contudo, dentro da temática, uma linha de estudos tem ganhado especial destaque pelo papel para com a dinâmica e a vida social e organizacional. As grandes narrativas, ou por vezes também denominadas narrativas dominantes, são narrativas institucionalizadas que articulam e legitimam princípios concretos que regem ou orientam a realidade social, mas também as organizações. (BERNSTEIN, 2003; VAARA; SONENSHEIN; BOJE, 2016; LUNDHOLT; BOJE, 2018). Isso porque, na contemporaneidade, as grandes narrativas estão intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento humano e aos julgamentos que permeiam o meio social (BERNSTEIN, 2003).

Por consequência, as grandes narrativas compilam e aglutinam preceitos historicamente contextualizados, fazendo que as narrativas delas provenientes sejam consideradas manifestações verdadeiras de interesses, sentidos ou ainda de estórias reconhecidamente aceitas (FENTON; LANGLEY, 2011). Assim sendo, elas carregam consigo as informações constituintes do imaginário social e fornecem indícios e evidências de versões, de valores e de ideologias que regulamentam a realidade social e o agir em sociedade (BERNSTEIN, 2003). Essas questões são primordiais na construção teórica do argumento da pesquisa em desenvolvimento e serão elucidadas no decorrer desta seção.

Essas narrativas, consideradas de segunda ordem por proverem interpretações sobre a regulação social, podem ser comparadas às narrativas de controle. Dawson e Mäkelä (2022) explicam que as narrativas de controle têm a capacidade de influenciar e moldar a opinião pública. Apesar do foco da pesquisa dos autores ser o de ilustrar como as narrativas tornam-se virais e são livremente propagadas no ambiente virtual, evidenciando como as teorias da conspiração são consumidas e reproduzidas nesses ambientes por meio de informações estrategicamente pontuadas narrativamente, há um ponto de inflexão para com as narrativas dominantes e o movimento anticiência e antivacina. (DAWSON; MÄKELÄ, 2022).

Assim como as narrativas de controle, as grandes narrativas articulam, controlam, alteram e/ou redirecionam sentidos e entendimentos, gerando novos ciclos de apreensão. Tradicionalmente, essas grandes narrativas remetem a princípios fundamentais como verdade, bondade, paz e felicidade (BERNSTEIN, 2003). Todavia, as narrativas dominantes tendem a ser consumidas, reproduzidas e assumidas como verdadeiras muito rapidamente. Genericamente, uma das explicações do porquê tais narrativas assumirem o protagonismo se deve a um processo mais profundo e

enraizado no inconsciente coletivo, remontando a aspectos da própria constituição da sociedade e do seu *modus operandi*.

O *modus operandi* a que esta pesquisa se refere está alinhado ao papel que as grandes narrativas desempenham nas realidades sociais. Para melhor compreender essa relação, faz-se necessário explorar e apresentar qual o contexto que permite que as grandes narrativas promovam interpretações, manifestações e expressões ressignificadas dos sentidos imbuídos e, socialmente, aceitos. Considerando as organizações produtoras de vacinas e as grandes narrativas contrárias à ciência e à imunização coletiva, e de acordo com o argumento teórico em construção, as referidas grandes narrativas estão assentadas, e são validadas, pelo contexto populista brasileiro (WEFFORT, 2003; BARROS; WANDERLEY, 2020; ROBINSON; BRISTOW, 2020).

De pronto, essa relação incita uma série de considerações que permeiam não apenas as grandes narrativas, mas a própria constituição histórica do pensamento social brasileiro. À vista disso, primeiramente, será explorado como as grandes narrativas estão colocadas dentro desse contexto, que não apenas espelha as premissas populistas da política brasileira, mas evoca a constituição do imaginário social e das ideologias que influenciam e embasam as grandes narrativas presentes na realidade pandêmica brasileira.

Historicamente, o Brasil, a exemplo de outras nações da América Latina, presenciou a ascensão do populismo dentro do seu sistema político, sobretudo, na década de 60 (WEFFORT, 2003; ROBINSON; BRISTOW, 2020). Em sua essência, o populismo reconhece a existência de um conflito antagônico entre uma elite, dita ilegítima, e os interesses do povo (DE CLENN; GLYNOS; MONDON, 2018; BARROS; WANDERLEY, 2020). Nordensward e Ketola (2021), em consonância, destacam que o populismo é uma expressão que representa a vontade geral das pessoas, cujas vozes não ouvidas passam a ter a oportunidade de ingressar no debate democrático.

A insurgência dessa nova classe de atores sociais, entenda-se o povo, contra a elite e seus interesses, evidencia a disputa permanente destas forças assimétricas no jogo político (BARROS; WANDERLEY, 2020). Todavia, conforme pontuam De Clenn, Glynos e Mondon (2018), não se deve apreender o populismo apenas segundo o seu conceito clássico, pois diferentes aspectos constituintes de uma realidade social podem desencadear efeitos performativos distintos. Significa dizer que o populismo assume diferentes sentidos, significados e disposições normativas a depender do

contexto em que elas atuam. E esse é um ponto de inflexão para a construção teórica do argumento desta pesquisa, pois o populismo possui como lastro norteador a ideologia (BARROS; WANDERLEY, 2020). Contudo, a ideologia por si é limitada em explicar como o populismo se propaga em diferentes contextos ou diferentes atores sociais (NORDENSVARD; KETOLA, 2021). Essa discussão será abordada mais à frente.

Esse entendimento contextual vai ao encontro do que se pretende construir nesta seção, isso porque se entende que o populismo seja estabelecido a partir do imaginário social brasileiro (BERNSTEIN, 2003; RICOEUR; CASTORIADIS, 2016). Desse modo, as grandes narrativas encontram seu lugar ao transporem, por meio dos sentidos produzidos, negociados e consagrados na sociedade brasileira, aspectos norteadores e coerentes aos interesses da grande massa. Usualmente, o papel dessa ação é designado ao líder (SANDERS, 2019), que não apenas media a inclusão dos interesses da massa (BARROS; WANDERLEY, 2020), mas articula os conteúdos em favor das pessoas que representa.

Na realidade brasileira, durante o período pandêmico, os preceitos populistas puderam ser apreendidos pelas grandes narrativas contrárias à ciência e à imunização coletiva. Isso porque, como afirmam Nordensvard e Kotela (2021), o populismo é um ato de contar histórias. Como já discutido anteriormente, as histórias são elementos de narrativas maiores que permeiam o contexto e são objetos retóricos no conflito enunciado entre as vontades gerais do povo e os interesses da elite. A ideia é que por meio das grandes narrativas, elementos característicos do contexto possam orientar a grande massa em situações complexas ou disruptivas, evocando os sentidos predominantes e a base ideológica que os apoia. Ademais, permitem que se faça conhecida a lógica retórica por detrás da abordagem populista, assim como a lógica da sua estruturação.

Dentro desse conceito, admite-se que, enquanto abordagem contextual, o populismo possui lógica própria (DE CLENN; GLYNOS; MONDON, 2018). Escritos de Laclau (2005), anteriormente, já ressaltavam que mais importante do que saber qual o conteúdo populista, que compreende as demandas formuladas pelos atores populistas ou ainda o grupo de ideias a respeito da política e da sociedade e a sua ideologia, é compreender como esses conteúdos são articulados.

No Brasil, isso é particularmente necessário para se compreender como o populismo constituiu as raízes. Como já abordado, o populismo brasileiro compreende

aspectos que remontam a construção dos valores, crenças e normas de conduta dos brasileiros. Arrisca-se afirmar que o populismo seja, em partes, a expressão narrativa desse movimento de construção social, pois como ponderam Nordensvard e Kotela (2021) as narrativas possuem seu lugar dentro da atividade política.

Ricoeur (2003) afirma, ao tratar da importância das narrativas na realidade social, que, de modo geral, narrativas são composições de experiências vividas, cujo conhecimento possibilita agir em situações cotidianas e/ou inesperadas, reunir informações de situações complexas ou reajustar expectativas ao longo do tempo. Nessa acepção, ao mesmo tempo em que as narrativas revelam e expõem a forma de agir dos sujeitos em sociedade, também permitem, em um sentido inverso, o “conhecer” do que as sustenta.

No contexto populista, as grandes narrativas são caracterizadas pela capacidade de engajar e representar os interesses das pessoas contra a elite considerada ilegítima, corrupta e egoísta. Ao mesmo tempo que elucidam esse conflito, elas enaltecem e articulam as demandas dessa grande massa diante de situações complexas, por meio de quase sempre, um líder carismático. Geralmente tais narrativas denotam um padrão lógico retórico que constrói crenças concretas. (DE CLENN; GLYNOS; MONDON, 2018; NORDENSVARD; KOTELA, 2021). Essas crenças são representações do que compõem o imaginário social brasileiro, sendo as grandes narrativas, de fato, interpretações dele.

Grandes narrativas, portanto, são construções envoltas em um processo interpretativo, que dialogam com a imaginação e a criatividade. Assim sendo, as narrativas emergem como porções desses elementos simbólicos expressos e idealizados para promover acesso ao imaginário social. Nessa acepção, o ato de interpretar é uma capacidade inerentemente humana e uma premissa para o agir, o falar e o contar histórias (RICOEUR, 2012). Quanto a isso, reconhece-se que o “ser humano orienta-se no mundo através da atividade de interpretação. Esta, por sua vez, recorre a uma estrutura simbólica que é essencialmente composta pela linguagem” (RICOEUR, 2012, p. 14).

A linguagem, enquanto função social, permite acessar os conteúdos simbólico e analógico que traduzem e permitem preencher o arcabouço cognitivo que embasa e constrói o imaginário social. Não obstante, favorece acesso às reinterpretações dos sentidos oriundos do que Ricoeur (2012) preconiza ser a parte da encenação mímica

(*mimesis*). Nas palavras de Wunenburger (2007, p. 22, tradução nossa), Ricoeur privilegia

[...] a “compreensão” e a interpretação dos signos com relação, tão somente, às funções lógicas da “explicação” que domina os saberes científicos. Ricoeur assenta o conjunto das operações reflexivas do sujeito numa poética linguística (a metáfora viva) e na conduta narrativa que permite, por meio da encenação mítica (*mimesis*), produzir o sentido temporal de todas as ações humanas. No aspecto da recepção, Ricoeur faz do acesso estético às obras uma ocasião de reinterpretação do sentido, que permite a cada sujeito reconstruir sua própria existência em torno de dimensões simbólicas. Essa atividade de redescrição da realidade torna possível uma poética da ação social que se exprime em particular na utopia enquanto projeção no âmbito dos possíveis. Por meio dessa abertura ao campo político, a imaginação, enquanto “função geral do possível prático”, participa de um dinamismo do agir coletivo.

Quando Ricoeur trata dessas narrativas, a partir do excerto acima, ele discursa sobre as narrativas de ficção. Nessa perspectiva, as narrativas ficcionais encenam e transportam sentidos e estórias, compostas por personagens, enredos e outras formas ficcionais, que permitem interpretar a partir de um ato ficcional a própria realidade. Para os objetivos desta pesquisa, a abordagem ficcional assume caráter meramente ilustrativo, de modo que se considera e se reconhece em razão disso, o aspecto interpretativo que as narrativas possuem assim como a sua função para com a formulação dos sentidos dentro do campo da imaginação.

De outra maneira, a linguagem tem o poder de ilustrar em palavras, pedaços da consciência coletiva. Por meio da linguagem há o desvelamento dos preceitos que corroboram para a constituição dos indivíduos e para o desenvolvimento e a compreensão de como os seres humanos constroem sentidos a partir das suas experiências, conhecimentos e definem a sua identidade por meio das narrativas (FENTON; LANGLEY, 2011). A linguagem, portanto, fornece os elementos simbólicos (RICOEUR, 2012) que compõem as narrativas, permitindo a criação, alteração e interpretação do imaginário social. Todavia, quando analisada isoladamente, a linguagem não basta para apreender toda a complexidade social.

A linguagem, para tanto, é primordial para a elaboração daquilo que se ‘coloca para jogo’, mas é limitada, pois o acesso aos sistemas simbólicos, que a linguagem possibilita, não é garantia de que os sentidos sejam produzidos e apreendidos da forma como foram planejados (SCHOENEBORN; KUHN; KÄRREMAN, 2019). Apesar do potencial da linguagem em promover uma primeira aproximação daquilo que se

enseja negociar, ela por si só, como já mencionado, não é suficientemente forte para isso. A real apreensão da dinâmica social e organizacional perpassa pelas práticas comunicativas, sendo a retórica uma possibilidade para apreender esse movimento. Mas antes, é preciso apresentar o que nesta pesquisa se entende por imaginário social e ideologia e os papéis dessas categorias no contexto da construção teórica do argumento desta pesquisa.

Por definição, o imaginário social é uma estrutura composta de sentidos, de valores, de associações que representam a forma de pensar de uma sociedade. Nele estão consolidados anos de história humana, cujas relações e desdobramentos fomentaram a referida estrutura social (RICOEUR; CASTORIADIS, 2016). Embora esses autores discordem quanto à formação do imaginário, há a concordância principalmente em relação à oposição que ambos fazem ao caráter meramente estruturalista da linguagem e da história. Isso porque as estruturas que regem a sociedade não são “petrificadas e saturadas, mas portadoras de um sentido ainda por explorar” (RICOEUR; CASTORIADIS, 2016, p. 16, tradução nossa).

Apesar de tal convergência, um importante assunto distancia os dois autores. Essa divergência é em relação ao processo de formação do imaginário social, pois enquanto Castoriadis defende a ideia da criação histórica, Ricoeur aposta na acepção da produção imaginária da sociedade. Nesse sentido, a crítica assenta-se no dilema entre o criar historicamente ou o produzir – o imaginário – a partir das configurações históricas preexistentes.

Para Castoriadis, a criação do imaginário social pressupõe a organização de novas estruturas, até então inexistentes, em uma ordem social vigente, de forma que o imaginário social assuma uma natureza instituinte. Em contraponto, Ricoeur acredita que o imaginário é uma produção, não porque não acredite que haja coisas inexistentes, mas sim devido às relações humanas nunca serem desprovidas de algo resultante de ações historicamente pontuadas e posicionadas. (RICOEUR; CASTORIADIS, 2016).

Para Ricoeur, o imaginário social é fruto da compreensão e interpretação dos signos e símbolos que se apresentam e são ‘negociados’ à medida que os sujeitos interagem. Por conseguinte, a linguagem torna-se essencial para a condução narrativa, pois permite aglutinar em porções palatáveis a lógica do agir coletivo. Posto de outra maneira, a linguagem traduz e oferece conteúdo simbólico intuitivo aos sujeitos de determinada sociedade (WUNENBURGER, 2007), mas os sentidos são

de fato apreendidos quando envoltos em práticas sustentadas e mediadas pela comunicação (SCHOENEBORN; KUHN; KÄRREMAN, 2019).

Ricoeur (2012, p. 60, tradução nossa) afirma que “a ação não é um acontecimento, isto é, algo que acontece; entre fazer e acontecer, há a diferença de dois jogos de linguagem; o que acontece é um movimento enquanto observável (físico ou fisiológico)”. Nessa elaboração, portanto, alguns fatores fazem-se essenciais na construção teórica aqui delineada. Retomando a ideia de linguagem, e a sua relação com as narrativas, estima-se que em seu âmago seja o meio para acessar os signos, símbolos e os sentidos que são desenvolvidos a partir da ação (RICOEUR, 2012). Contudo, a interpretação e a apreensão dos sentidos construídos, acontece apenas quando a linguagem é inserida dentro das práticas comunicativas e da utilização de outros elementos de comunicação como a retórica, por exemplo.

Sobre isso, Ricoeur e Castoriadis (2016) enfatizam que grande parte desse processo se deve ao fato do homem não apenas repousar sua compreensão de mundo na ação, mas naquilo que transmite, diz e conta. Signos, símbolos, textos, mitos e estórias são alguns exemplos que aludem ao processo de produzir o imaginário social. Conforme esses elementos são negociados e (re)produzidos, produz-se o imaginário e a ele é dado a formatação do contexto social e das diretrizes da ação na coletividade.

Enquanto as grandes narrativas interpretam e transmitem à audiência “algo”, o imaginário social molda o entendimento coletivo dentro de um contexto social e fornece os princípios que constituem ideologias (BERNSTEIN, 2003). Essas duas grandezas são fundamentais para a construção teórica do argumento de pesquisa, que tanto oportuniza compreender como as grandes narrativas estão fundamentadas no imaginário social brasileiro produzido historicamente, bem como posiciona esta discussão no contexto populista, o qual endossa e partilha desses fundamentos para a concepção do seu ideário – que, de igual forma, influencia as grandes narrativas.

Isso porque, segundo Nordensvard e Ketola (2021) delimitam, o *framework* narrativo, que as grandes narrativas evocam, expressa-se como uma possibilidade para explorar como os conceitos e os elementos constituintes do populismo fazem-se conhecidos e são manifestados. Além disso, ainda permite que essas concepções possam ser interpretadas em outros contextos revelando, inclusive, os traços responsáveis pela estruturação e construção dos seus preceitos sociais.

Nesse cenário, é a partir da ‘imaginação constituinte’ que as experiências são organizadas e formam um amplo conjunto de saberes acerca da realidade que o imaginário social está embasado. Adota-se o termo imaginação constituinte como outra expressão para vincular o imaginário social. Dele duas figuras ou expressões ganham notoriedade: a ideologia e a utopia. Esses dois produtos são fundamentais na produção da realidade humana e social, pois elucidam a dualidade que ambas mantêm com o que é real no contexto social. (RICOEUR, 2015).

Ricoeur (2015) discute ambos os termos alertando que o seu estudo em separado, ameniza as possíveis conexões entre eles. Em uma primeira aproximação, os indivíduos relacionam-se e são partes integrantes da realidade social, de modo que não é possível que se afastem ou pratiquem o distanciamento daquilo que opera a própria realidade. Nesse contexto, e em consonância à versão da produção do imaginário social, tanto a ideologia quanto a utopia não podem ser retiradas dos indivíduos, pois fazem parte das suas próprias constituições individuais.

[...] os indivíduos, assim como os grupos, se relacionam com suas próprias vidas e com a realidade social de um modo que não é somente o da participação sem distanciamento, mas precisamente o modo da não-congruência. [...] Isso me parece a tal ponto verdadeiro que a imaginação social é constitutiva da realidade social. (RICOEUR, 2015, p. 9).

A citação evidencia uma preocupação central no que tange à temática. Ideologia e utopia não podem ser, sob o ponto de vista da análise do social, estudadas como representações externas aos indivíduos e distantes da realidade social analisada. Convém enfatizar que ambos os termos discutidos foram idealizados por Karl Mannheim na obra *Ideologia e Utopia* e remetem a uma discussão muito mais antiga e, de igual modo, atual quando analisados a realidade social e o campo das ideias (RICOEUR, 2015).

Em linhas gerais, a obra explicita o “estudo da relação entre o “pensamento e o “âmbito social” no qual ele emerge”. (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2017, p. 107). Por conta disso é que Ricoeur (2015) menciona a constituição do imaginário social e o relaciona a existência e a influência destes dois produtos operantes do social, pois o autor entende que ambos atuam simultaneamente a partir dos princípios que fomentam o imaginário, ao mesmo tempo que são definidos cada qual conforme a sua própria natureza.

É em função desse entendimento que os conceitos de ideologia e utopia oferecem possibilidades para entender a construção sócio-histórica, de forma a prover a base de entendimentos daquilo que é situacionalmente determinado, levando ao conhecimento das “raízes sociais do pensamento” (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2017, p. 108). Ricoeur (2015) defende que ambos os conceitos são “camadas” da sociedade, situados e delimitados pelas interações que exprimem a ambiguidade tanto da ideologia quanto da utopia.

Um exame da ideologia e da utopia revela dois traços que são partilhados pelos dois fenômenos. Primeiramente, ambos são fenômenos ambíguos, eminentemente situados. [...]. O segundo traço é que, dos dois lados, o aspecto patológico aparece de saída, o que faz com que devamos proceder de maneira regressiva, partindo da superfície das coisas. (RICOEUR, 2015, p. 8).

O trecho acima exalta a simultaneidade de ambos os termos quando o social passa por análise. Conforme ensina Ricoeur (2015), para que este processo seja eficaz, é preciso partir da superfície – pelo que é socialmente visível – para que só então se possa explorar em profundidade como essas ‘camadas’ estão introjetadas em uma sociedade, e conseqüentemente, como são incorporadas pelos seus indivíduos.

Considerando que é a ação que desencadeia a elaboração daquilo que posteriormente seria chamado de imaginário social – juntamente aos outros elementos já discutidos previamente, é plausível que tanto ideologia quanto utopia sejam ponderadas nesta construção. A ideologia e a utopia evidenciam uma percepção situada e contextual do agir em sociedade, viabilizando várias formas de pensar sobre ela.

Para o propósito desta pesquisa, e em função da construção teórica do argumento aqui delineado, reconhece-se o papel da ideologia como categoria teórica e social, pois a utopia está condicionada a uma visão não realizável, uma projeção do futuro almejado do social, ao passo que a ideologia permite apreender a ordem social dominante. Isso decorre do entendimento da ideologia como sendo uma representação legítima e verdadeira dos princípios que estruturam o imaginário social, segundo as crenças, valores, mitos e verdades de determinados grupos dominantes. Por conta disso, é que se declara que as ideologias remetem a um sistema de dominação (RICOEUR, 2015). Ou seja, enquanto categoria social, a ideologia legitima

a autoridade de certos grupos, a partir da aderência e da legitimidade para com alguns elementos constitutivos do imaginário social, definindo como esses elementos se apresentam em sociedade.

Esse posicionamento explica por que determinadas narrativas são mais dominantes do que outras e por qual motivo ela está presente nesta construção. Se as ideologias são a base do populismo (BARROS; WANDERLEY, 2020), de modo que se possa associá-lo ao ato de contar histórias (NORDENSVARD; KETOLA, 2021), parece lógico afirmar que as grandes narrativas dominantes são reflexos do populismo ao serem mediadas ideologicamente. Nessa conjuntura, pode-se encontrar a resposta do porquê as grandes narrativas negacionistas ganharam tanta força dentro do contexto populista brasileiro. Uma possível explicação reside no fato que a ideologia é equiparada a uma semiconsciência que legitima e confere aos seus seguidores, a sensação de pertencimento dentro de um contexto (RICOEUR, 2015). Dessa forma, delimita-se a primeira parte desta construção teórica e passa-se a seguinte.

Até este ponto, preconizou-se pela exposição do que está além das grandes narrativas na realidade brasileira. Nesse processo, pontuou-se a relação das grandes narrativas e do populismo no contexto brasileiro e como essas narrativas encontram subsídio a partir da influência ideológica e dos elementos constitutivos do imaginário social brasileiro. Deste ponto em diante, contudo, passa a ser dado enfoque na dinâmica que incitou a produção de sentidos, a partir do processo descrito e apresentado, e como isso está relacionado às organizações brasileiras produtoras de vacinas dentro do contexto populista brasileiro. Isso pois, ainda se encontra território não explorado em relação ao que torna um sentido suficientemente forte para sobrepujar outros em um mesmo contexto (SCHILDT; MANTERE; CORNELISSEN, 2020).

Esse debate é particularmente necessário dentro da temática em exposição, pois apesar da literatura já tratar extensamente a relação das narrativas com a produção de sentidos (VAARA; SONENSHEIN; BOJE, 2016; SANDBERG; TSOUKAS, 2020), há uma possibilidade contributiva ao navegar pelo processo de produção de sentidos. A interpretação da realidade social, a partir de situações que incorrem em sentidos conflitantes (VAARA; TIENARI, 2011), desafia a literatura a apontar indícios de como os sentidos são revestidos de poder (SCHILDT; MANTERE; CORNELISSEN, 2020) e como eles se tornam predominantes.

Nesse sentido, considerando-se a dominância das grandes narrativas e a sua capacidade de prover interpretações daquilo que é historicamente arraigado (BERNSTEIN, 2003; RICOEUR; CASTORIADIS, 2016) a um contexto e ideologicamente comum a certos grupos representativos, e pontuando que o processo de produção de sentidos assemelha-se a uma arena, com diferentes narrativas opondo-se e negociando sentidos (SCHILDT; MANTERE; CORNELISSEN, 2020), explicar como esse processo pode levar a novos entendimentos e evidenciar o seu papel diante dos mais diversos conflitos, avista-se como possível contribuição perante esta pesquisa.

Não obstante, a partir do conflito entre as grandes narrativas e as narrativas de defesa por parte das organizações produtoras de vacinas, há o reconhecimento de que o *sensemaking* não é apenas um processo social, unicamente, mas também político (GLYNN; WATKISS, 2020). Essa aceção encontra respaldo em Weick (2020), pois quando eventos inesperados tornam-se conhecidos, o *sensemaking* deixa de ser iminente para tornar-se deliberado, enaltecendo o caráter político existente, sobretudo, nas grandes narrativas do contexto populista brasileiro.

A emergência das grandes narrativas no contexto populista brasileiro, evocando aspectos intrínsecos do imaginário social e com a mediação ideológica influenciando o que se propaga e dissemina, estimulou a resposta das organizações produtoras envolvidas. Teoricamente, a elaboração de narrativas de defesa, ou resistência, é uma resposta às grandes narrativas do contexto em que as organizações estão inseridas (BOJE; SVANE; GERGERICH, 2016).

São consideradas narrativas de oposição e isso significa que não apenas delimitam o ponto de vista das organizações, mas auxiliam na produção de sentidos para dentro de seus limites e na negociação dos sentidos produzidos pelas narrativas dominantes contextuais (LUNDHOLT; BOJE, 2018). Isso é particularmente importante para a construção teórica do argumento, pois no centro das discussões, assenta-se a ideia de que as contranarrativas são instrumentos de resistência que envolvem estórias e outros fragmentos narrativos no enfrentamento às estórias dominantes. (BOJE; SVANE; GERGERICH, 2016).

Vislumbra-se uma direção promissora de pesquisa, no tocante à como essas narrativas de resistência são orientadas contra as grandes narrativas e os seus sentidos dominantes. Isso porque o engajamento ativo nas redes sociais para a produção de sentidos a partir dessas narrativas denota uma preocupação das

organizações produtoras para com a sua imagem e reputação organizacionais. Para tanto, um caminho que permite que essa elaboração seja realizada, e apreendida, é por meio da retórica (ALVENSON, 1993; IHLEN; HEATH, 2018).

Enquanto conceito, a retórica preconiza esforços calculados aliados a persuasão e a argumentação para explicitar uma posição ou uma visão de mundo (BROWN; AINSWORTH; GRANT, 2012), tendo ganhado espaço devido ao desenvolvimento da internet e das redes sociais. No campo das organizações, a retórica assume o papel de advogar a favor das organizações servindo a dois propósitos. Segundo Boyd e Waymer (2011), o primeiro é o de melhorar a percepção externa acerca da postura ética das organizações e o segundo, o de promover o interesse organizacional com a mesma ênfase externa. De outra maneira, a retórica auxilia a articulação do conteúdo das contranarrativas ao comunicarem-se com o público externo (IHLEN; HEATH, 2018).

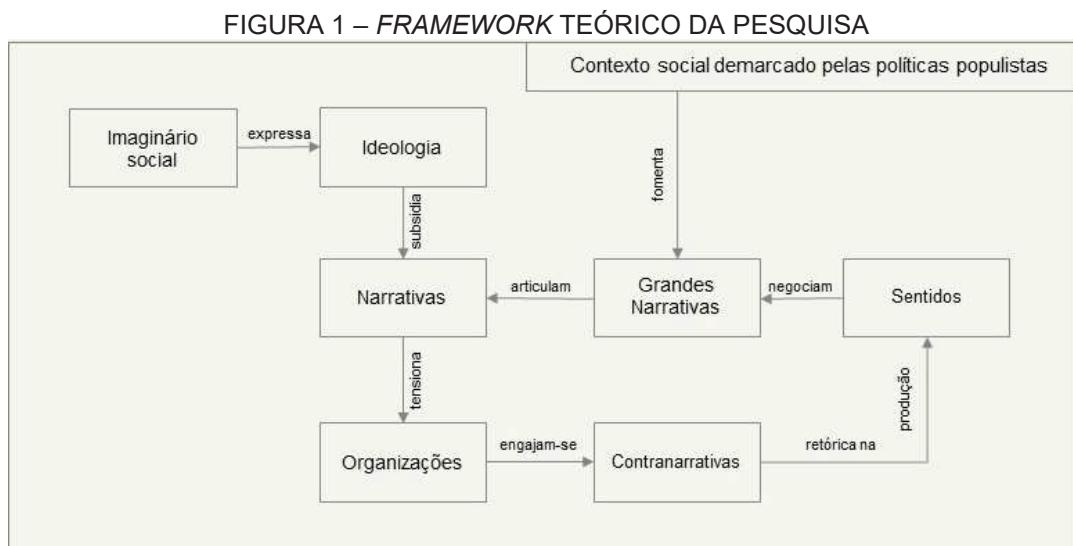
A retórica, nesse contexto, é uma maneira de ajudar a explicar como as organizações procuram alcançar seus objetivos políticos, construir ou retificar sua identidade e desenvolver relacionamentos (IHLEN; HEATH, 2018). Essa abordagem encontra espaço dentro do *sensemaking* e da perspectiva narrativa, pois alude a um processo que pretende modificar percepções do *status quo* vigente enquanto alimenta uma audiência com conceitos e explicações plausíveis em relação a situações disruptivas de sentidos. Ademais, compete à retórica mitigar os efeitos dos eventos que impactam na legitimidade organizacional, reduzindo o questionamento e a crítica, como consequências das alterações contextuais e das práticas dominantes que contestam a legitimidade das organizações. (BOYD; WAYMER, 2011).

Uma outra aproximação, de acordo com a proposta dessa pesquisa, é a que reconhece a prática retórica como um sistema simbólico que induz a cooperação (IHLEN; HEATH, 2018) e a resposta a estímulos que evocam generalizações em um contexto social. Nessa acepção, é valioso destacar que a retórica pressupõe a análise contextual, pois julgar o que é útil, aprazível e interessante à audiência, faz parte da elaboração retórica dentro de uma abordagem que alude à narrativa organizacional (SILLINCE; GOLANT, 2018).

Outrossim, em decorrência do postulado, verifica-se a relação da retórica para com a abordagem narrativa e a produção de sentidos. Sendo uma atividade carregada de simbolismo, a retórica ilustra a relação complexa, e muitas vezes dual, entre os elementos que compõe o *sensemaking* e os pressupostos *taken for granted* ou

esquecidos deliberadamente, que necessitam de novas informações para que a audiência os entenda e tire suas próprias conclusões. (IHLEN; HEATH, 2018; SILLINCE; GOLANT, 2018). Esse processo explicita como narrativamente os sentidos produzidos em alinhamento retórico contribuem para normalizar crenças, comportamentos, posicionamentos e confrontar a dominância de determinadas narrativas em um contexto que ratifica ideologicamente os aspectos históricos do imaginário social.

Finalmente, após discorrer sobre a construção teórica do argumento desta pesquisa, apresenta-se o *framework* teórico para fins de ilustração.



FONTE: O autor (2023).

O *framework* teórico esquematizado na figura 1 é resultado da construção teórica apresentada nesta seção. Em suma, o argumento desta pesquisa assume a existência de grandes narrativas, cuja presença e propagação ilustram a sua dominação, sendo essas fomentadas pelo contexto social brasileiro demarcado pelas políticas populistas. Não obstante, essas grandes narrativas articulam narrativas – e outras estórias – pressupondo uma ação subsidiada por ideologias que realçam valores, crenças e visões particulares de determinados grupos.

A ideologia, por sua vez, encontra amparo no imaginário social brasileiro constituído produzido historicamente pela ação, fornecendo as premissas e as bases para a expressão ideológica. Tais narrativas, intencionalmente, elaboradas tensionam as organizações, as quais se engajam na elaboração de narrativas de defesas – contranarrativas – como resposta opositora à dominância das grandes narrativas. De

antemão, contudo, há a utilização da retórica como estratégia para a produção dos sentidos que serão negociados com os sentidos oriundos das grandes narrativas contextuais, cujo movimento esta pesquisa visa compreender.

O argumento da pesquisa, ademais, evidencia a posição das organizações dentro do contexto populista brasileiro e o seu papel com relação à comunicação nesta perspectiva. Disso, apreende-se que as organizações interagem narrativamente a partir de práticas comunicativas que carregam pedaços de suas próprias histórias e entendimentos acerca do que as rodeiam e daquilo que as impactam. Esse movimento é fundamental para o processo de produção de sentidos, pois ressalta o caráter retórico que as inserções assumem quando, por exemplo, as organizações enfrentam períodos de incertezas, de ambiguidades e/ou de conflitos. Por fim, contribuem para que os sentidos sejam formatados e, deliberadamente, elaborados para alcançarem determinada finalidade.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO

A descoberta do novo coronavírus responsável pela Covid-19, em 31 de dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, capital da província chinesa de Hubei, alterou a ‘normalidade’ mundial. Diagnosticado, *a priori*, a partir um surto de pneumonia, constatou-se que o agente infeccioso é uma variante de uma família de vírus que compromete, principalmente, em humanos, o sistema respiratório. Além disso, pesquisas comprovam que o recém-descoberto vírus – SARS-CoV-2 – é, na verdade, uma mutação genética mais contagiosa e mais agressiva que seu predecessor SARS-CoV, identificado em 2003. (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020a).

Nesse contexto, em função do desconhecimento acerca do comportamento e das características de transmissão do ‘novo’ coronavírus aliado à inexistência de tratamentos medicamentosos de eficácia comprovada ou de imunizantes capazes de suprimi-lo, em menos de um mês, foram confirmados, em todo o mundo, 7818 casos da doença, na China – com a grande maioria dos casos – e em mais 18 países. Devido a essas condicionantes, em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde, do inglês, World Health Organization (WHO) reconheceu que o novo coronavírus representava uma Emergência de Saúde Pública de Preocupação Internacional, manifestando a preocupação com a gravidade da doença e de suas consequências (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020a). Todavia, em virtude do agravamento da COVID-19 ao redor do mundo, o reconhecimento de que se tratava de uma pandemia, veio pouco tempo depois. (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2021b).

Com a elevação da Covid-19 ao patamar pandêmico, um dos assuntos mais polêmicos, e um dos mais debatidos, questionados e criticados, esteve relacionado à prevenção e ao tratamento da doença, sobretudo em seu início. Diante do aumento do número de casos confirmados e óbitos pela doença, medidas preventivas como a restrição de mobilidade, o isolamento social, a profilaxia de mãos e superfícies e o uso de máscaras faciais foram incentivadas, adotadas, e, por vezes, impostas, em todo o mundo em uma tentativa de diminuir a circulação e a propagação do vírus, barrar o avanço da doença causada pelo novo coronavírus e atenuar a sobrecarga dos sistemas de saúde. (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2021c).

Das medidas preventivas elencadas, a primeira a ser implementada foi o *lockdown*, cuja prerrogativa estabelece a restrição e a limitação da mobilidade social, ao priorizar o isolamento e a não aglomeração de pessoas. É considerada a estratégia ideal no contexto pandêmico, pois conforme estudo desenvolvido por Doremalen *et al.* (2020), o novo coronavírus tem a capacidade de ficar no ar por até três horas e, dependendo do material ou superfície, até dias. Além disso, Eyawo, Viens e Ugoji (2021) asseguram que a prática de *lockdown* é uma resposta estratégia efetiva contra o aumento do contágio pelo novo coronavírus, pois diminui a possibilidade de transmissão e fornece tempo hábil para identificar meios de prevenção, diagnóstico e tratamento.

O *lockdown* assim como as outras medidas preventivas se fizeram necessários, pois estudos apontaram que a transmissão e a contaminação pelo novo coronavírus podem ocorrer de três formas distintas: a primeira, pelo contato direto entre os seres humanos; a segunda, pelo contato indireto por meio de objetos e superfícies que estejam contaminados pelo vírus e, a última, pelas proximidades com pessoas infectadas a partir do contato com secreções e gotículas respiratórias oriundas da tosse, fala, espirro e saliva, as quais podem acessar nariz, boca e olhos de outrem. (OPAS, 2021a).

Outro motivo se assenta no fato de que apesar de aproximadamente 80% dos infectados apresentarem os sintomas leves da doença, como dor de garganta, febre, perda de paladar e olfato, entre outros, estima-se que uma a cada seis pessoas, tenha desenvolvido os sintomas graves da doença, necessitando de assistência hospitalar, internação e, a depender da gravidade, intubação em unidades de terapia intensiva. Constatou-se que apesar da inexistência de sinais de infecção, os assintomáticos, assim como os que desenvolvem os sintomas, também são focos transmissores da COVID-19. (OPAS, 2021a), ratificando a grandeza e a magnitude destas medidas para o controle da dispersão e da evolução da Covid-19.

Em virtude da severidade da doença e, por conseguinte, do avanço da pandemia, centros de pesquisas, laboratórios farmacêuticos, universidades, organizações científicas e demais entidades de pesquisa, uniram esforços para o desenvolvimento de vacinas específicas contra o novo coronavírus. Vacinas são fundamentais para a manutenção da vida pois, segundo dados da WHO, são responsáveis por salvar anualmente mais de três milhões de pessoas, ao preparar o sistema imunológico humano para se defender dos inúmeros agentes infecciosos

causadores de doenças, reduzindo o risco de dispersão, de transmissão e de contaminação. Ademais, a proteção fornecida pelas vacinas não resguarda apenas o imunizado, mas também a outros a seu redor, corroborando com a obtenção da imunidade de rebanho, motivos pelos quais a vacinação é amplamente recomendada pela WHO e pela comunidade científica. (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2021d).

No entanto, apesar do *background* científico e de exemplos positivos da vacinação na erradicação de doenças no Brasil como, por exemplo, a varíola e a poliomielite, na realidade brasileira, entretanto, observou-se o surgimento de uma corrente contrária a esse processo, ganhando força e intensidade na pandemia do novo coronavírus. Ela ganhou destaque e proeminência ao questionar a fundamentação científica das medidas de prevenção adotadas pelos governos e ratificada pelas autoridades em saúde pública, pela oposição à campanha de vacinação, pela negação a eficácia das vacinas e pela defesa dos métodos alternativos sem comprovação científica, o que embasou a difusão do ‘tratamento precoce’.

O tratamento precoce é o termo cunhado para ilustrar a aplicação de substâncias medicamentosas cujo intuito objetivava tratar precocemente a possível contaminação pelo vírus amenizando, ademais, os efeitos da Covid-19 no corpo humano. Dentre essas substâncias, a que ganhou maior notoriedade é a “cloroquina”, encontrada nos medicamentos cloroquina e hidroxicloroquina. Todavia, outros medicamentos foram incorporados sob o guarda-chuva do tratamento precoce, como o remdesivir; a lopinavir/ritonavir com ou sem interferon beta-1a., sofosbuvir/daclatasvir, a azitromicina, a doxiciclina, budesonida inalada e ivermectina. Segundo os seus defensores, o tratamento a partir dessas substâncias, além de preventiva, seria também indicada a quem contraísse a doença, associando-se a sua administração à cura da doença.

No entanto, conforme pesquisas realizadas por Cavalcanti *et al.* (2020), Goldman *et al.* (2020), Hassaniazad *et al.* (2020), Khalili (2020), Skipper *et al.* (2020), López-Medina *et al.* (2021) nenhuma substância apresentou significativa eficácia para o tratamento da Covid-19, motivo pelo qual a WHO e a OPAS recomendaram que a prescrição destes medicamentos fosse cessada (OPAS, 2021b). Os mesmos estudos que refutaram a utilização dos medicamentos para o tratamento precoce, chamam a atenção para o desencadeamento de outros problemas relacionados à saúde dos adeptos a esse tipo de protocolo cientificamente não comprovado.

Porém, apesar das recomendações contrárias a automedicação com tais substâncias pelos órgãos máximos de saúde, o que se presenciou no Brasil, e em outros países, rumou na direção oposta a isso, sendo o movimento apoiado por alguns representantes e autoridades governamentais, profissionais ligados à saúde e os defensores cujos testemunhos assinalavam o sucesso do tratamento. Na rede pública de saúde, o designado 'kit Covid' – composto pelas medicações cloroquina, ivermectina e azitromicina – foi aplicado no Sistema Único de Saúde (SUS), mesmo com as constantes advertências.

Nesse contexto, além da WHO e da OPAS, a própria Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias ao Sistema Único de Saúde (CONITEC) advertiu as autoridades do Ministério da Saúde brasileiro sobre a continuidade do oferecimento do kit Covid no SUS, o qual optou por rejeitar as recomendações da referida comissão. Os medicamentos foram também comercializados indiscriminadamente na rede privada sem controle ou real prescrição. A título de exemplo, segundo Balza (2021), de acordo com o Conselho Federal de Farmácia, a venda de ivermectina durante a pandemia aumentou 857%, de hidroxicloroquina, 126%, e de azitromicina, 71%.

Nesse contexto, Caponi, Brzozowski, Hellmann e Bittencourt (2021) defendem que o uso indiscriminado das medicações que compuseram o kit Covid no Brasil estão alicerçadas, fatidicamente, em uma proposta política neoliberal. Enquanto alguns países decidiram impor medidas restritivas severas para restrição da circulação do vírus, no Brasil, evidenciou-se a criação de um antagonismo entre as esferas econômica e de saúde (REYES JUNIOR, DIAS; COSTA; SAAB; TORLIG, 2021). Por conta dessa dualidade, notou-se de um lado, os adeptos da abertura total do comércio, do “direito de ir e vir”, dos tratamentos comprovadamente não eficazes e não recomendados e de outro, os defensores da ciência, cujo fundamento está assentado em pesquisas e métodos científicos.

Algo que se apreende da forte rejeição à ciência, ilustrado pelo negacionismo em relação às diretrizes das medidas de prevenção, eficácia dos imunizantes e do processo de imunização coletiva, é a estreita relação com valores ideológicos. Na conjuntura da situação política brasileira à época, creditava-se a veracidade de uma notícia a figura que a compartilhou mais do que propriamente ao seu conteúdo. Alicerçados em pressupostos econômicos e endossando os discursos proferidos por certas figuras representativas, a grande massa de adeptos subjugou a legitimidade e a credibilidade de organizações produtoras de imunizantes, cuja ilibada reputação foi

“posta à prova”. Madeiro (2020) reconhece o movimento antivacina como ameaça à legitimidade das organizações envolvidas na criação e no desenvolvimento dos imunizantes, sobretudo, por colocar “em xeque” a credibilidade de seus processos, produtos e resultados.

Com a enxurrada de informações a que as pessoas têm acesso, a formação das opiniões ou o próprio direcionamento dos sentidos sobre determinados produtos, processos e/ou serviços tem sido mediada pelo papel que a mídia hoje desempenha, exteriorizando não apenas uma única voz, mas uma gama multivariada que postula e articula narrativas, mensagens e discursos nas mais diversas redes. A inserção do Instituto Butantan e do Fiocruz nas redes sociais é um ponto de inflexão e resistência, permitindo que novos sentidos sejam construídos e/ou reforçados em decorrência do processo de produção de sentidos.

Essa “conversa” permite que o comportamento de organizações possa ser compreendido e possibilita desmistificar, defender ou ainda proteger a imagem e a reputação organizacionais. Em tempos de ataques à soberania e à credibilidade de organizações que “não jogam a bola da vez” – em uma alusão de discordância com determinado fato ou evento, é sabido que as redes se tornaram arenas onde os “especialistas” infundem, questionam e prejudicam a história organizacional de muitas organizações, seja por questões de ordem político-ideológicas, de descrença, de descontentamento ou até mesmo de perseguição contra certas organizações. Diante dessa conjuntura, mesmo com a credibilidade científica adquirida ao longo dos anos de atuação, presenciou-se um esforço descomunal das organizações produtoras de vacinas atingidas contra a perpetuação das inúmeras *fake news* no intuito de lidarem com a opinião pública e a desqualificação do processo científico.

Fato é que, em decorrência deste movimento antivacina, tanto o Instituto Butantan quanto a Fiocruz, engajaram-se ativamente para alcançar o grande público, na tentativa de desmistificar essas narrativas fantasiosas e apresentar suas versões. Isso pois, em tempos de “cancelamento” nas redes sociais, o que se consome, dissemina e reproduz tem grande peso na construção do imaginário social e do pensamento coletivo e, conseqüentemente, na absorção dos sentidos negociados por meio das grandes narrativas do contexto populista brasileiro, as quais não apenas moldam a opinião pública, mas introjetam os seus entendimentos dominantes.

### 3.2 CLASSIFICAÇÃO E DELINEAMENTO DA PESQUISA

Retomando o objetivo da pesquisa, que é compreender como ocorre o movimento de produção de sentidos das organizações produtoras de vacinas do Brasil a partir da pandemia da Covid-19, considerando o contexto populista brasileiro, e com base também na construção teórica do argumento, adota-se a abordagem qualitativa. Tecnicamente, a pesquisa qualitativa se apresenta como uma forma de prover novas alternativas para investigar, apreender e interpretar fenômenos pouco explorados ou não conhecidos em sua totalidade, de modo a incitar a produção de novos conhecimentos sobre as organizações em um determinado contexto (YIN, 2017). Aliás, conforme ressaltam Marshall e Rossman (2016, p. 206, tradução nossa), “para os estudos qualitativos, o contexto importa”.

Nas ciências sociais, e particularmente nos estudos organizacionais, a pesquisa qualitativa, apesar de seu desenvolvimento ao longo dos anos, ainda enfrenta a dominância histórica de métodos e de abordagens com ênfase quantitativa, tornando-se imperativo justificar a escolha desta abordagem. (MARSHALL; ROSSMAN, 2016). Sendo assim, ao admitir a existência das grandes narrativas contextualmente demarcadas e das contranarrativas das organizações produtoras de vacinas no Brasil, Instituto Butantan e Fiocruz, reconhece-se que o movimento dos sentidos produzidos e negociados por tais narrativas deve ser explorado sob a lente qualitativa.

Isso porque os aspectos contextuais e a relação com a constituição do imaginário social do povo brasileiro, não podem ser abstraídos e apreendidos por meio de critérios objetivos que desconsideram a ação, a linguagem e as interações sociais historicamente produzidas. Ademais, a pesquisa de caráter qualitativo assenta-se em dados qualitativos que requerem interpretação e método para sua análise, de modo que propiciem desvelar e expandir o conhecimento sobre uma dada temática a partir do processo de teorização (BANSAL; SMITH; VAARA, 2018), permitindo captar a complexidade social e organizacional bem como elucidar os processos, os sentidos e as interações que permeiam o contexto social brasileiro.

Quanto ao método, esta pesquisa preconiza a lógica abductiva que consiste na geração de novas ideias a partir de um processo crítico, interpretativo e criativo. A abdução está relacionada à inferência teórico-empírica, que permite a produção de teorias ou novos *insights* a partir de evidências do campo empírico (TIMMERMANS;

TAVORY, 2012). Na teorização aqui proposta, essa orientação é particularmente coerente, pois considera transformar observações em contribuições teóricas a partir de um processo exploratório e dialético entre o que há no campo teórico e o conhecimento incompleto do campo (KISTRUCK; SHANTZ, 2022).

No tangente à delimitação temporal, utilizou-se como recorte temporal a pesquisa transversal com aproximação longitudinal (HAIR JR; BABIN; MONEY; SAMOUEL, 2005), compreendendo o período de 01 de janeiro de 2020, um dia após a descoberta do novo coronavírus, a 30 de junho de 2022. O recorte temporal delimitado permitiu apreender a evolução dos sentidos produzidos pelas contranarrativas das organizações produtoras de vacinas, antes e durante o período de desenvolvimento dos imunizantes e após o seu oferecimento à população brasileira.

Como estratégia de pesquisa, esta pesquisa configura-se como uma pesquisa narrativa (CONNELY; CLANDININ, 2000). Como tal, a intenção é que as narrativas possam auxiliar o pesquisador a melhor compreender como o fenômeno, sob investigação, constitui-se. Nessa acepção, as narrativas elucidam os preceitos e os sentidos que permeiam o contexto social, fornecendo indícios de explicação para a complexidade que dele se manifesta. A abordagem narrativa possibilita que as histórias sejam reconhecidas por meio do enredo que as une e aquilo que as tornam significativas (FENTON; LANGLEY, 2011).

Além disso, a pesquisa narrativa oferece a possibilidade de explorar as múltiplas versões de uma mesma história, ilustrando a dualidade entre os diferentes pontos de vista, sobretudo, quanto a questões conflitantes. Como mecanismos intertextuais, as narrativas promovem acesso ao processo de produção de sentidos ao interpretar como as histórias são configuradas para atender expectativas futuras em uma sequência que sugere a plausibilidade das ações organizacionais. (GROSS; ZILBER, 2020).

Não obstante, as histórias são dinâmicas e variam de acordo com o contexto. Desse modo, podem revelar como os sentidos, que outrora passariam despercebidos, são produzidos a partir da interação entre as organizações e o seu contexto, mas não somente isso (VAARA; SONENSHEIN; BOJE, 2016). Notadamente,

as narrativas podem rotular eventos organizacionais de maneiras importantes. Narrativas diferentes, ao trabalhar elementos constituintes com os seus próprios interesses, podem retratar e moldar as interpretações dos

outros sobre os eventos que se desenrolam ao seu redor. Em outras palavras, as narrativas têm um tremendo poder como demarcadores organizacionais. (VAARA; SONENSHEIN; BOJE, 2016, p. 509, tradução nossa).

O excerto exemplifica o papel das narrativas dentro da pesquisa em organizações. Em suma, as organizações utilizam-se das narrativas para direcionar as interpretações e para produzir os sentidos a serem apreendidos por uma coletividade em decorrência de eventos e acontecimentos inesperados e que incitam mudanças. Nessa acepção, a pesquisa narrativa possibilita que o pesquisador possa investigar as nuances que circundam o processo narrativo e o de produção dos sentidos. Portanto, de acordo com a dinâmica do campo empírico envolvendo as organizações produtoras de vacina durante a pandemia de Covid-19, é razoável afirmar que seja a escolha mais adequada para capturar e compreender o movimento que as levou a arquitetar as suas narrativas de defesa diante das grandes narrativas do contexto populista brasileiro.

### 3.3 COLETA DOS DADOS

A coleta dos dados foi realizada essencialmente a partir de dados secundários. Esses dados proporcionam um conjunto material de dados contextualizados, de forma que a partir deles puderam ser apreendidos os sentidos elaborados pelas contranarrativas das organizações produtoras de vacinas. De outro modo, os dados secundários permitem uma imersão organizacional a partir daquilo que as organizações produzem de conteúdo em seu sentido mais literal e conectado as suas premissas e aos seus delineamentos internos. Isso é especialmente importante para esta pesquisa, pois a comunicação de ambas as organizações selecionadas se deu, essencialmente, pelos meios virtuais de comunicação.

Ao fazer isso, reconhece-se a possibilidade de interpretar e de analisar o que de fato as organizações buscarem promover e ratificar diante da presença e atuação das grandes narrativas contextualmente demarcadas no movimento de produção de sentidos narrativamente disseminados pelas contranarrativas elaboradas pelas organizações produtoras de vacinas no Brasil. Sendo assim, para esta pesquisa, as fontes selecionadas para a extração dos dados foram as seguintes: (i) os perfis oficiais no Facebook, (ii) os respectivos canais oficiais no YouTube e (iii) os sítios eletrônicos de cada organização produtora.

A escolha das fontes baseia-se em alguns pressupostos. O primeiro deles possui estreita relação com o período pandêmico e com a migração da comunicação e das interações para o ambiente virtual. Em função da pandemia de Covid-19, e com as limitações e restrições impostas para o controle do novo coronavírus, percebeu-se uma acentuação da presença online das organizações e da sociedade de modo geral. Nesse sentido, o papel da internet, sobretudo, por conta das redes sociais, foi enfatizado como forma de comunicação, de socialização e de interação (BERTILSON, 2014).

Nesse contexto, as redes sociais tiveram seu uso intensificado por grande parte da população, passando a ser consideradas ferramentas essenciais no consumo e na disseminação de informações. Em virtude disso, algumas ponderações auxiliam na explicação deste cenário, especialmente na realidade brasileira. No tangente aos aparatos tecnológicos, Freitas, Silva e Rosa (2021) afirmam, por exemplo, que o Brasil é um dos países que mais vendem *smartphones* no mundo. Dados da 32ª Pesquisa Anual do Uso de TI da Fundação Getúlio Vargas (FGV) corroboram a afirmação ao demonstrar que em 2021 no Brasil 242 milhões de *smartphones* encontravam-se ativos. Se adicionados *notebooks* e *tablets*, o montante de aparelhos ativos chega a 346 milhões, o correspondente a 1,6 dispositivos portáteis por habitante (MEIRELLES, 2021).

Além disso, outro pressuposto é o tempo gasto nas redes sociais. Segundo dados da *Digital 2021 da Global Overview Report*, o Brasil é o segundo país no mundo, atrás somente das Filipinas, em que a média de presença individual online ultrapassa as dez horas diárias (KEMP, 2021), sendo o WhatsApp, Facebook e Instagram, respectivamente, as redes sociais mais acessadas pelos brasileiros. Nessa acepção, a realidade virtual mostra-se propícia para a condução de pesquisas que objetivem analisar em profundidade a produção do conhecimento, evitando a simplificação nas investigações, dada a possibilidade de imersão do pesquisador nas interações online dessas organizações.

Em síntese, a tecnologia abriu caminho para a conexão e a conectividade instantâneas, facilitando a absorção e a internalização de quaisquer conteúdos. Considerando-se o contexto brasileiro e as características da utilização e dependência tecno-midiática mencionadas, identificou-se solo fértil para reflexões, críticas e análises que tangenciam o consumo ao que é apresentado, disposto e disseminado nas “redes”. Em relação à pesquisa, ademais, e dada relação do povo brasileiro para

com o mundo virtual, as grandes narrativas do contexto populista encontraram espaço e respaldo nesse ambiente, forçando as organizações produtoras de vacinas a entrarem no mesmo jogo. De conhecimento desse contexto, juntamente, ao predomínio da utilização das redes sociais como canais de comunicação na pandemia de Covid-19, as três fontes selecionadas foram os principais veículos das organizações, Instituto Butantan e Fiocruz, para alcançar o grande público e compartilhar suas histórias diante da incidência e da presença dominante das grandes narrativas.

Acompanhando o recorte temporal da pesquisa, o período considerado para a coleta foi de 01 de janeiro de 2020 a 30 de junho de 2022. Todavia, a efetiva coleta – leia-se busca – dos dados aconteceu entre 20 de maio de 2022 e 22 de agosto de 2022. Em todas as fontes foram utilizados os seguintes parâmetros: “novo coronavírus”, “coronavírus”, “corona”, “Covid-19”, “pandemia”, “pandemia de Covid-19”, “vacinação”, e “vacina”. Além desses termos, os nomes das vacinas – “CoronaVac” e “AstraZeneca” – também foram considerados.

Diante do exposto, o Facebook é uma das plataformas mais acessadas pelos brasileiros. Seu alcance, juntamente aos algoritmos que o programam, permite que determinados tipos de informação sejam direcionados para audiências específicas. Aliado a isso, o Facebook foi palco de intenso e constante compartilhamento de informações inverídicas, disseminadas e ratificadas pelos defensores da corrente que prega o negacionismo científico e questiona a eficácia dos imunizantes produzidos no Brasil, CoronaVac e AstraZeneca.

Antes, porém, cabe uma consideração do porquê apenas a rede social Facebook foi escolhida, sendo que o Instagram figura como importante ferramenta de consumo e é de grande popularidade entre os brasileiros. Ambas são de propriedade do grupo Meta Business, e no decorrer do processo de coleta, atestou-se que as postagens do Facebook e Instagram eram idênticas. Portanto, a fim de evitar a duplicidade de conteúdo, devido a preferência dos brasileiros pela primeira, optou-se pela exclusão do Instagram como fonte de dados.

Dessa forma, a escolha da rede social se apresenta como mandatória para compor o *corpus* da pesquisa, por ser um espaço de ampla abrangência e utilização. Foram selecionadas no total 1635 postagens da rede social, sendo 1194 do perfil do Instituto Butantan e 441 da Fiocruz, considerando os parâmetros já mencionados. As postagens foram lidas em sua totalidade, para verificar a aderência com os objetivos

da pesquisa, para que, então, compusessem o montante a ser posteriormente analisado.

O YouTube foi a fonte seguinte no processo de coleta de dados. Durante a pandemia do novo coronavírus, percebeu-se que os canais de ambas as organizações nessa rede retomaram suas atividades. Essa ação, por si só, evidencia uma preocupação do Instituto Butantan e da Fiocruz para com os impactos trazidos pelas grandes narrativas, a ponto de criarem conteúdos específicos para os seus canais. Sendo assim, ao longo do período de coleta, foram selecionados no canal oficial do Instituto Butantan, 144 vídeos, divididos em seis listas de exibição. Desse total, 49 encontram-se na lista “Butantan Informa”, 23 em “Butantan na pandemia”, 43 em “Coronavírus”, 13 em “Dr. Dimas Responde”, 5 em “Projeto S” e, por fim, 11 em “Simpósio CoronaVac – Saiba tudo sobre a vacina mais aplicada no mundo!”. Foram gerados 24 horas, 9 minutos e 44 segundos de conteúdo.

Semelhante situação pode ser visualizada no canal oficial da Fiocruz, que dispõe de 5 listas que atenderam os critérios de seleção. Foram selecionados 179 arquivos dispostos da seguinte maneira: 101 em “Agência Fiocruz de Notícias – Covid-19”, 12 em “Aqui por nós – Trajetórias cruzadas no enfrentamento à Covid-19”, 25 em “Dúvidas sobre a vacina contra a Covid-19”, 10 em “Fiocruz na pandemia” e 31 em “Se liga no Corona”. Os arquivos somados conjuntamente geraram 11 horas, 6 minutos e 12 segundos de conteúdo.

Finalmente, a última fonte foi o sítio eletrônico de cada organização, sendo esse uma página oficial das organizações produtoras de imunizantes. É bastante crível e comumente aceitável que comunicados, notas e informes sejam veiculados pelos canais oficiais de organizações de modo geral. Para o Instituto Butantan e a Fiocruz não seria diferente, de forma que a busca por dados nos sítios eletrônicos justifica-se como fonte confiável e fidedigna em relação à posição das organizações para com as *fakes news* e ao processo científico por detrás da produção das vacinas CoronaVac e AstraZeneca.

Sendo assim, no sítio eletrônico do Instituto Butantan foram coletadas 638 notícias provenientes de uma seção denominada “Butantan Notícias”, considerada um canal informativo para o público. Quanto a Fiocruz, 838 notícias da seção “Notícias” compõem o *corpus* do sítio eletrônico da referida organização. O montante de notícias coletadas foi de 1476 notícias. Por fim, para sintetizar as fontes e a quantidade de

dados extraídos de cada uma delas, apresenta-se o quadro 1 que resume essas informações.

QUADRO 1 – RESUMO DA COLETA DE DADOS

Fonte	Instituto Butantan	Fiocruz	Total
Facebook	1194 postagens	441 postagens	<b>1635 postagens</b>
YouTube	144 vídeos - 24h09min44s	179 vídeos - 11h05min12s	<b>323 vídeos - 35h15min56s</b>
Sítio eletrônico	638 notícias	838 notícias	<b>1476 notícias</b>

FONTE: O autor (2023).

O tópico a seguir tratará da análise a partir dos dados coletados.

### 3.4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados, parte fundamental para a apreensão e, conseqüentemente, da extração daquilo que esta pesquisa preconiza compreender, pautou-se em uma abordagem multimodal (GIOVANNONI; NAPIER, 2022). Por definição, a multimodalidade caracteriza-se pela utilização conjunta de mais de um método de análise ou a aplicação de princípios e perspectivas teórico-metodológicos, os quais combinados possibilitam o desenvolvimento de determinada temática dentro de um campo de estudos (BATEMAN, 2022).

A ideia da multimodalidade mostra-se pertinente aos fins desta pesquisa, pois

ideias complexas são definidas, compreendidas, transportadas e estabilizadas por meio de palavras, mas também por conta dos artefatos visuais e materiais, desencadeando uma gama de respostas cognitivas, emocionais e outras novas ideias dentro e fora das organizações. (BOXENBAUM; JONES; MEYER; SVEJENIVA, 2018, p. 2, tradução nossa).

A análise retórica para a pesquisa em organizações tem incorporado métodos multimodais para elucidar a persuasão e a legitimação (GIOVANNONI; NAPIER, 2022). Quanto a isso, Christiansen (2018) afirma que nos estudos organizacionais, a retórica tem se relacionado às representações textuais, linguísticas, escritas, orais, numéricas e visuais. Meyer, Jancsary, Höllerer e Boxenbaum (2018), em complemento, reconhecem que a utilização de mais de um modo de análise, em clara concordância a multimodalidade, é crescente na pesquisa em organizações, pois facilita e potencializa a institucionalização de novas ideias.

Nesse contexto, a comunicação com as audiências é embasada em um relacionamento constitutivo entre produção, disseminação e recepção de elementos representativos e expressões simbólicas - não só escritas, mas faladas e intencionalmente visuais, com fins a consolidar novas interpretações e contribuir com a manutenção e a mudança dos sentidos (JANCSARY; HÖLLERER; MEYER; BOXENBAUM, 2018).

Entende-se, a partir do delineado, que não há um consenso ou até mesmo um *framework* estabelecido para análise retórica na literatura. Sabe-se, no entanto, que a retórica enquanto abordagem metodológica abrange práticas e padrões linguísticos e simbólicos que fomentam os processos de mudanças a partir das ações retóricas. As organizações inseridas em contextos de manipulação, a exemplo do contexto populista brasileiro e das grandes narrativas dominantes, têm utilizado instrumentalmente e deliberadamente a retórica organizacional para, sobretudo, persuadir a audiência externa e recobrar a construção da sua identidade e reputação. (SHANAHAN; VOGELAAR; SEELE, 2018).

De conhecimento disso, após terem sido analisados todos os dados coletados, principalmente, pela expressiva quantidade deles encontrados em textos, imagens e vídeos, primou-se pela utilização de dois métodos de análise distintos: a análise narrativa e a análise visual. A escolha dessas duas abordagens, inclusive, contribui para adereçar a ausência de pesquisas que trabalhem conjuntamente tais métodos, pois pouco ainda é explorado se tratando da combinação entre os recursos verbais e os visuais (HÖLLERER; JANCSARY; GRAFSTRÖM, 2018).

A análise narrativa visa identificar elementos estruturais que promovam explicações sobre um dado fenômeno ao possibilitar a interpretação de textos que se apresentam a partir de histórias (RIESSMAN, 2008). A autora ainda afirma que as narrativas são aplicáveis, pois carregam em seu âmago significados e sentidos que podem criar um entendimento ou direcioná-los de acordo com o fluxo dos acontecimentos.

Para abarcar toda a complexidade narrativa, utilizou-se como referência a análise narrativa estrutural, que enfatiza a forma como as histórias são contadas. “Embora o conteúdo não se altere, o foco é igualmente na forma – como o narrador, ao selecionar elementos narrativos específicos, torna uma história persuasiva” (RIESSMAN, 2005, p. 3, tradução nossa). Essa acepção é coerente com a retórica

organizacional e oferece possibilidades de apreensão daquilo que é produzido e negociado enquanto resultado deste processo.

A organização dos dados para a análise narrativa seguiu o modelo proposto por Hulst e Ybema (2020), conforme apresentado no quadro 2. O *framework* desenvolvido delimita o ato narrativo como uma ocorrência situada, sendo essa atividade uma combinação de estórias dentro de um contexto particular organizacional, que não apenas pondera os conteúdos e os sentidos provenientes dessas estórias, mas foca “na atividade situada de contar histórias por meio da qual as estórias são construídas”. (HULST; YBEMA, 2020, p. 366).

QUADRO 2 – FRAMEWORK PARA ANÁLISE NARRATIVA

Parâmetros	Descrição e forma de apreensão
<b>Quais estórias valem a pena contar?</b>	O que é uma boa estória digna de ser contada em um contexto organizacional? Essa indagação sugere que as organizações não estejam habituadas a contar estórias. O que deve ser levado em consideração é a existência de um evento estranho, incomum e que chame a atenção da audiência. Nessa acepção, dois aspectos justificam a escolha de quais estórias contar. O primeiro considera a descrição ou a explicação daquilo que não é comum dentro do cotidiano das organizações e o segundo, o potencial para que as organizações possam preparar o ‘terreno’ reivindicando o espaço para que as estórias serem contadas.
<b>O que desencadeia o ato de contar estórias?</b>	Qual o evento ou a situação que indica a necessidade de as estórias serem contadas? Compreender como o processo de contar as estórias acontece é tão importante quando entender o que o desencadeia. Estórias podem ser reações a outras estórias e aos eventos incomuns e inesperados, fazendo com que as pessoas, com base em uma série de estórias, possam traçar paralelos e criar entendimento gerais.
<b>Qual a forma que as estórias assumem?</b>	Uma mesma estória, ou um conjunto delas, pode assumir diferentes formas e isso é decorrente de dois princípios. O primeiro condiciona as estórias como respostas às demandas contextuais e as preocupações atuais das organizações. Esse fator reconhece a capacidade de adaptação das estórias de acordo com o conhecimento e os interesses da audiência. Já o segundo localiza as estórias em contínuo entre um monólogo e uma (co)construção. Ambos os quesitos evidenciam a análise das interações e das negociações das estórias em seu habitat natural, por meio das quais as pessoas desenvolvem uma visão particular do evento ocorrido.

<b>O que causam as estórias?</b>	Assume-se que o trabalho das estórias é realizado tanto por quem as conta quanto pela estória em si e pelo contexto em que a narrativa ocorre. De outra maneira, é a mesma coisa que ao se perguntar 'qual a estória aqui'?! Anseia-se que as estórias nessa perspectiva possam auxiliar no entendimento e nos sentidos decorrentes e problemas que as organizações enfrentam.
----------------------------------	--

FONTE: Adaptado de HULST e YBEMA (2020).

Os dados coletados foram analisados primeiramente a partir deste *framework* narrativo. Concomitantemente ao processo de análise narrativa, conforme os parâmetros apresentados acima, utilizou-se a análise visual para corroborar o processo de produção de sentidos a partir das narrativas elaboradas e compartilhadas nos canais elencados para a pesquisa. As representações visuais, imagens, gráficos e ilustrações, encontradas nos dados foram analisadas segundo os preceitos contidos em Davison (2014).

A autora apresenta um método de análise baseado no trabalho de Roland Barthes sobre a retórica da imagem que elenca três critérios: linguística, denotação e conotação. Para os fins desta pesquisa, em função da grande quantidade de imagens utilizadas pelas duas organizações produtoras, sobretudo, nas postagens no Facebook, vislumbra-se uma oportunidade contributiva à análise narrativa. Isso pois, o visual permite orquestrar significados bem como decodificá-los, provendo interpretações ideológicas do contexto e identificando os sentidos por meio das representações visuais (BOXENBAUM *et al.*, 2018). Essas abordagens permitem identificar quais os sentidos os sujeitos atribuem a cada artefato visual e, mais importante, de que maneira eles são incorporados narrativamente.

Nessa conjuntura, admite-se que os elementos visuais deixaram de ser meros transmissores e expositores, ganhando notoriedade enquanto forma de compreensão e de criação de sentidos (HÖLLERER; JANCSARY; GRAFSTRÖM, 2018), pelo conjunto de elementos e símbolos que permitem tanto a estruturação quanto a internalização de ideias complexas. Höllerer, Jancsary e Grafström (2018) ainda ressaltam que a utilização de imagens, por exemplo, condiciona a incorporação dos sentidos construídos para dentro e fora dos limites organizacionais, corroborando para uma profunda conscientização dos sentidos, por meio das subjetividades, emoções e sensações dos sujeitos.

A análise retórica das imagens considerou os três critérios propostos pelo modelo de Barthes, cujas formas de apreensão seguem descritas no quadro 3.

QUADRO 3 – *FRAMEWORK* PARA ANÁLISE RETÓRICA DAS IMAGENS

Critérios	Descrição e forma de apreensão
<b>Linguística</b>	Barthes afirma que as imagens são elementos primordiais nos tempos modernos. Reconhece-se que o conteúdo da mensagem linguística é onipresente, podendo ser encontrado nos títulos, nas legendas, nos balões de fala etc. Esse critério analisa duas funções: a ancoragem e a retransmissão. Na primeira, há um esforço para apreender a cadeia flutuante de significados que são sempre polissêmicos. Nessa perspectiva, as representações textuais induzem o leitor a absorver certos sentidos e ignorar outros. Ademais, são elementos estabilizadores, ao reduzir a incerteza e elucidar do que trata determinado texto. Quanto à retransmissão, característica inerente a uma série de imagens, intui-se pela apreensão dos sentidos e da sequência narrativa que não estão dispostos propriamente nas imagens.
<b>Denotação</b>	A denotação é a analogia, mais próxima possível, da realidade. De outra maneira, propõe a descrição literal e sem transformações envolvendo o seu conteúdo. Todavia, apesar do conceito idealista, a imagem denotada é, de certa forma, 'recheada' por convenções socioculturais. Nesse aspecto, quanto mais a tecnologia permite a difusão das imagens, mais ela fornece meios para mascarar os verdadeiros sentidos construídos sob a aparência dos sentidos efetivamente dados.
<b>Conotação</b>	A conotação engloba o conjunto de códigos, signos e associações simbólicas, que podem ser oriundos de conceitos práticos, institucionais, culturais ou ainda estéticos, por exemplo. A apreensão dos sentidos ou da mensagem que uma dada imagem pretende passar, está assentada na interpretação dos elementos que compõem a imagem e que podem ser identificados a partir de estereótipos e elementos visuais reconhecíveis.

FONTE: Adaptado de DAVISON (2014).

Em suma, a utilização de elementos visuais, com as imagens, oferece novos caminhos metodológicos que superam a coleta tradicional de dados baseados em textos escritos e falados. Ao combinar ambas as análises - narrativa e retórica da imagem - como resultado foi possível identificar e apurar as contranarrativas elaboradas pelas organizações produtoras, Instituto Butantan e Fundação Oswaldo Cruz, bem como analisar os sentidos produzidos por elas. Ao final do processo, o papel da retórica pode ser mais bem compreendido e as contribuições delineadas.

#### 4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, os dados coletados e organizados serão apresentados, analisados e, posteriormente, discutidos, levando-se em consideração a construção teórica do argumento da pesquisa e os objetivos previamente traçados na introdução. Para fins de exposição, a seção segue estruturada da seguinte forma: primeiramente, serão apresentadas as contranarrativas, e os sentidos por elas produzidos, do Instituto Butantan; na sequência, a mesma lógica é aplicada à Fundação Oswaldo Cruz; e, por fim, encerra-se esta seção com a discussão do papel da retórica na elaboração das contranarrativas e na produção dos sentidos.

Teoricamente, como abordado anteriormente, as contranarrativas atuam como narrativas de resistência contrapondo as grandes narrativas contextualmente arraigadas e disseminadas (BOJE; SVANE; GERGERICH, 2016; LUNDHOLT; BOJE, 2018), em um processo que incita a produção e a negociação de sentidos (WEICK, 1995). No caso das organizações produtoras de vacinas selecionadas para esta pesquisa, diante da dualidade entre a crença e a descrença em relação ao fazer ciência, sobretudo, no tangente ao processo de desenvolvimento, de produção e no oferecimento das vacinas contra o novo coronavírus à população, a presença de narrativas vinculadas às grandes narrativas dominantes tomou conta da mídia e levou ao que, nesta pesquisa, denominou-se de imperialização das *fake news*.

A dinâmica envolvendo essas duas organizações brasileiras produtoras de vacinas, incitou a construção de narrativas de defesa na mesma arena em que as dominantes foram livremente distribuídas. As redes sociais, aliás, tiveram sua extensão e alcance amplificados na pandemia de Covid-19, cujas interações passaram a acontecer majoritariamente online. Por conta dessa situação, observou-se que em ambas as organizações, ao longo do período pesquisado, o que daria o tom e o conteúdo das inserções relacionavam-se primordialmente à repercussão das narrativas dominantes, e das várias narrativas que as embasaram e as sucederam.

Embora não seja foco desta pesquisa descrever exatamente quais foram as grandes narrativas em si, devido ao posicionamento teórico adotado, apreendeu-se, contudo, que as contranarrativas das organizações produtoras visaram explicar ou desmitificar determinadas questões remetidas por meio das narrativas dominantes. Essas narrativas de defesa, e por decorrência, os sentidos produzidos por elas nos mais diversos momentos da pandemia do novo coronavírus, seguiram o próprio

desenvolvimento da Covid-19 – e o de suas consequências, e foi marcado pelo combate aos conteúdos negacionistas e ao movimento antivacina presentes na gestão da pandemia do novo coronavírus.

O engajamento dessas organizações foi fundamentado pela retórica (IHLEN; HEATH, 2018), a qual prima pela arquitetura dos conteúdos, das mensagens e dos detalhes que persuadam o grande público, na tentativa de mudar as opiniões decorrentes da absorção, do consumo e do compartilhamento dessas grandes narrativas contextualmente demarcadas. Para ilustrar esta dinâmica e o movimento de produção de sentidos no contexto populista brasileiro, passa-se a apresentação, a análise e a discussão dos resultados.

#### 4.1 AS CONTRANARRATIVAS DO INSTITUTO BUTANTAN, E O SEU PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS, NO CONTEXTO POPULISTA BRASILEIRO DIANTE DA PANDEMIA DE COVID-19

De forma geral, as contranarrativas do Instituto Butantan caracterizam-se pela sua amplitude – em função das narrativas a elas associadas – e pelo foco dado a essas estórias. Observou-se, ao longo da pandemia de novo coronavírus, que estas ‘grandes’ narrativas de defesa foram elaboradas com intuito de recuperar a confiança da população brasileira na organização, e de reafirmar o seu propósito, nos seus mais de 120 anos de existência, para com a pesquisa científica e com o desenvolvimento, a produção e o fornecimento de produtos e serviços ligados à saúde pública.

Com a descoberta do novo coronavírus, e em decorrência da ascensão, da promoção e da extensão das grandes narrativas presentes no Brasil, o Instituto Butantan articulou as contranarrativas também para promover a desmistificação das informações falsas, fora de contexto, tendenciosas, mentirosas e negacionistas acerca de sua própria razão de ser e, especialmente, e prover evidências e o embasamento científico acerca do processo e eficácia envolvendo a primeira vacina produzida contra o novo coronavírus em solo brasileiro, em parceria com a farmacêutica chinesa Sinovac Life Sciences.

Nesse contexto, identificou-se a presença de duas grandes contranarrativas. Da mesma forma que nas grandes narrativas dominantes, há dentro de cada uma delas, outras narrativas – estórias – que endossam os seus conteúdos e expressam o posicionamento da organização produtora, produzem os seus sentidos e os

negociam. Especificamente, no caso do Instituto Butantan, as duas contranarrativas são: (i) “nossos processos e produtos são pautados pelo compromisso e pelo respeito para com a ciência e (ii) a CoronaVac é a vacina do Butantan, segura e eficaz, contra o novo coronavírus.

#### 4.1.1 Nossos processos e produtos são pautados pelo compromisso e pelo respeito para com a ciência

[...]. O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos sim voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima de 60 anos. Então, por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine. Devemos sim é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós, respeitando as orientações do Ministério da Saúde. No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito acometido, de gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão. Enquanto estou falando o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre esse remédio fabricado no Brasil, largamente utilizado no combate à malária, ao lúpus e à artrite. Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura dessa doença. [...]. (JORNAL NACIONAL, 2020).

[...]. Com 65 anos de idade, fui acometido Covid e tomei hidroxicloroquina. No dia seguinte, estava curado. Se seguirem o protocolo do marketeiro da globo, Henrique Mandetta, quero que vá pra casa. Quando sentir falta de ar e procura o hospital, você está no caminho errado. Você não quer salvar a sua vida ou de quem está ao seu lado. Pode ter certeza. Hidroxicloroquina, ivermectina, que não faz mal nenhum. Nunca fiquei sabendo de um militar das forças armadas que serve na Amazonia, onde é comum a malária, e toma hidroxicloroquina, por ventura faleceu por causa desse remédio. Assim como nunca ouvi alguém me dizer que alguém morreu por ter tomado ivermectina. Estou aqui para salvar vidas. É um remédio baratíssimo, por isso que ninguém defende esse remédio. Defendem remédios caros. E o pessoal pergunta pra mim: isso não tem comprovação científica. E eu pergunto: o que tem no momento no mundo comprovado cientificamente pra combater o vírus? Não tem nada comprovado cientificamente. Tudo que está aí é emergencial, é experimental. Nós temos a obrigação de buscar salvar vidas. E essas ideias, isso que eu falei agora, que é recomendado por dezenas de milhares de médicos, conhecidos por médicos pela vida, têm dado certo. Vamos salvar vidas. Vamos reconstruir o Brasil. [...]. (FERRARI, 2021).

Esta contranarrativa se fez presente, principalmente, durante o ano de 2020, primeiro ano da pandemia. Para melhor descrevê-la, torna-se necessário apresentar o contexto para que ela passe a fazer sentido em função da incidência das grandes narrativas contextuais que vigoraram no período. O início da pandemia foi marcado por grandes incertezas que envolveram não somente a descoberta do novo coronavírus, mas também a extensão de suas consequências e as divergências quanto às formas de combatê-lo.

As primeiras determinações adotadas, seguindo a orientação da WHO, relacionaram-se ao confinamento para restringir a mobilidade social. O *lockdown*, ou também quarentena, foi amplamente recomendado e mostrou-se eficaz para controlar o surto inicial da doença causada pelo novo coronavírus. A recomendação assentase no controle da disseminação e da dispersão do novo coronavírus, visto que por ser um vírus de transmissão aérea, ao limitar o movimento de pessoas, aumenta-se a possibilidade de evitar a transmissão e, por consequência, a contaminação de outrem.

Contudo, na realidade brasileira o movimento foi duramente criticado, conforme enfatiza Reyes *et al.* (2021). A dualidade entre os defensores desta prática e os que preteriram à normalidade desencadeou uma série de postagens nas redes sociais. Muito disso é identificado por conta da comoção que tomou conta da população mundial com o número de casos confirmados e óbitos em constante crescimento. No Brasil, não houve consenso sobre a prática, o que pode ser observado pelas divergências entre a posição de algumas autoridades do governo Bolsonaro e profissionais ligados à saúde.

O Instituto Butantan enquanto instituição pública ligada à saúde pública foi uma grande defensora dos métodos preventivos sugeridos pelas autoridades mundiais em saúde pública. Nessa conjuntura, as narrativas elaboradas pela organização foram, dessa forma, voltadas para o esclarecimento do que era incorretamente propagado e postado pelos negacionistas. Além de enaltecer o posicionamento e a aderência da organização produtora com relação aos processos científicos, a referida contranarrativa remete ao esforço do Instituto Butantan em ratificar o seu propósito e o seu posicionamento diante da pandemia da Covid-19. Para isso, desde os primeiros sinais do novo coronavírus, a organização adotou uma postura contributiva, ao informar a população sobre os cuidados e métodos de prevenção para evitar o avanço da doença causada por ele, colocando a sua disposição, dados, informações e orientações cientificamente embasados.

Todavia, apesar do esforço do Instituto Butantan, não se percebeu uma sequencialidade estruturada para a elaboração das estórias que compõem esta contranarrativa. Esta afirmação é puramente contextual e está essencialmente relacionada ao *timing* e ao conteúdo das grandes narrativas que circularam nas redes. O que salta aos olhos é a intensidade com que as estórias foram sendo gradativamente construídas e a quantidade de recursos combinados para que a audiência apreendesse os sentidos esperados.

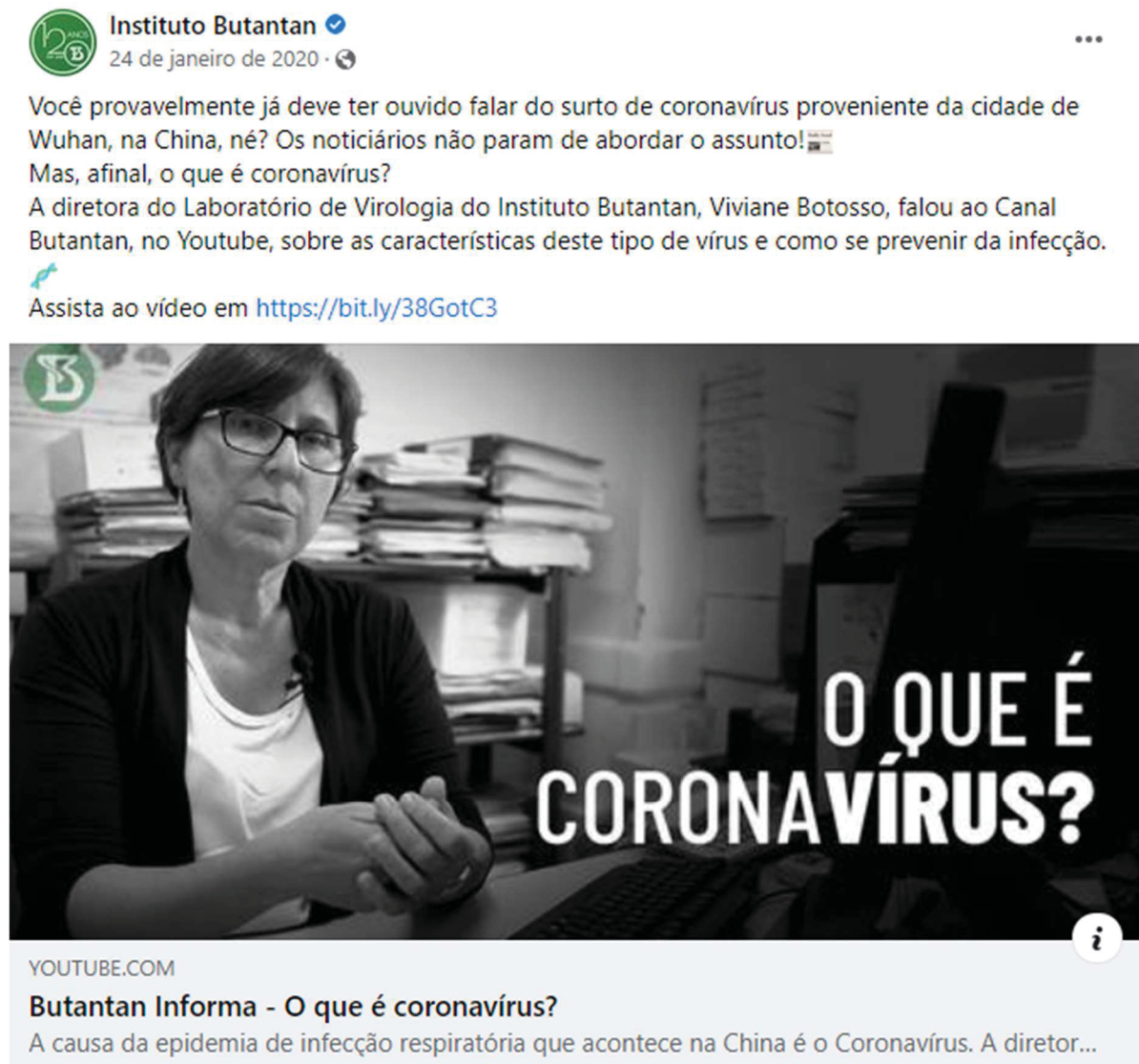
Além da presença online em seus perfis no Facebook e no Instagram o até, então, 'desprezado' canal no YouTube foi reativado e contou com entrevistas, documentários e vídeos informativos. A estratégia retórica utilizada pela organização produtora preconizou o uso combinado de mais de um meio de comunicação. Percebeu-se a utilização de elementos verbais que foram endossados pelas representações visuais – que contemplam imagens, gráficos e vídeos. Denota-se que houve uma seleção deliberada por esses meios, muito provavelmente para acessar a grande massa de indivíduos que deixou de acreditar na organização, motivados, sobretudo, pela incorporação dos sentidos oriundos das narrativas dominantes.

Assim sendo, dentro desta contranarrativa, o primeiro sentido a ser produzido pelo Instituto Butantan esteve associado à narrativa que conta ilustra a experiência da organização para com situações extremas e desafiadoras, como é o caso da pandemia do novo coronavírus. Este posicionamento é intrigante e leva ao questionamento da força e da capacidade que as grandes narrativas do contexto populista possuem para mudar a opinião dos brasileiros que, subitamente, desacreditaram a organização e a sua habilidade de contribuição para com a saúde pública.

#### 4.1.1.1 Nossa experiência nos capacita contra o novo coronavírus

Dúvidas concernentes à atuação, à transmissão, à prevenção e ao combate, foram algumas das indagações recorrentes assim que o novo coronavírus foi descoberto. Para adereçar, e esclarecer, essas questões, por exemplo, a primeira postagem do Instituto Butantan relacionada ao tema aconteceu em 24 de janeiro de 2020, em menos de um mês do anúncio da descoberta do vírus na China, na rede social Facebook.

FIGURA 2 – O QUE É O CORONAVÍRUS



FONTE: BUTANTAN (2020a).

A figura 2 ilustra a chamada no perfil oficial do Instituto Butantan na rede social Facebook, onde se pode verificar uma prática recorrente nas postagens vindouras. A organização se utiliza de uma pequena mensagem que convida o leitor a saber mais sobre o que é o coronavírus – tema emergente em janeiro de 2020, buscando o seu interesse. Junto ao texto, há um link que direciona o leitor ao canal oficial da organização no Youtube, onde se pode assistir a explicação dada pela pesquisadora e diretora do Laboratório de Virologia do Instituto Butantan, Viviane Botosso.

Na postagem é evidenciado um surto de coronavírus que havia tomado conta da mídia e que preocupava o mundo, questionando o que seria, afinal, esse vírus. Contudo, o que chama a atenção é que antes mesmo de compor uma nota no sítio eletrônico da organização, ela já era apresentada na referida rede social, denotando

uma aproximação com a grande massa que se utiliza desta rede social. Não obstante, a própria condição da descoberta do vírus, por si só, já representa um fator de escolha do que contar. Nesse primeiro momento, a explicação científica e embasada do novo coronavírus enquadra-se, como em outras postagens similares, como uma forma de chamar a atenção da audiência e de ressaltar a gravidade das suas características. Ademais, o próprio título da chamada remete essa preocupação, ao trazer em forma de pergunta, e de modo chamativo, o que é o coronavírus.

Em determinado trecho, ao descrever o coronavírus, ela explica que

é um novo coronavírus, os dados ainda são muito insipientes. A sequência genômica foi disponibilizada há pouco tempo. [...] Mas o que se tem de resultado até agora, das análises que foram feitas, é que é um vírus provavelmente originário de morcegos, mas isso tudo ainda está sendo estudado, e é uma transmissão de animais para o homem. Mas já vimos a infecção interpessoas, já foi identificada pela Organização Mundial de Saúde. Ele causa infecção respiratória e geralmente pelo que nós estamos vendo de relatos, é uma pneumonia bastante severa. A gente tem um crescimento grande da disseminação desse vírus. Então ele já está fora da China [...] e é esse o grande medo, porque um vírus que você tenha transmissão via aerossol, é muito mais fácil de você disseminar, mais difícil de você controlar [...]. (BUTANTAN, 2020a).

A utilização de pesquisadores, e de figuras de autoridade, do Instituto Butantan é recorrente dentro desta contranarrativa. Tanto é que a presença da diretora e pesquisadora, Viviane Botosso, pode ser vista em outros momentos dentro da narrativa. Ela exprime a legitimidade da organização, por meio de seus pesquisadores, que intendem por subsidiar a informação, dando maior peso e credibilidade ao assunto. Parece haver uma intencionalidade utilitária na utilização dessas figuras para servirem como instrumentos de legitimação do que se compartilha, pois o conteúdo em si parece não ser suficiente, para convencer a audiência.

Esta narrativa ilustra a principal mensagem que o Instituto Butantan pretendeu reforçar durante os primeiros meses da pandemia de Covid-19. A sua reputação e a sua legitimidade na saúde pública e a sua relação centenária com o Brasil, impulsionaram a organização produtora a promover uma série de postagens elucidativas e explicativas, ante o escalonamento da Covid-19, a partir das diretrizes da Organização Mundial da Saúde e com base em sua expertise, para que a audiência tomasse conhecimento não apenas do que era o vírus – como já citado, mas das formas conhecidas, e recomendadas, de prevenção da doença.

Ainda dentro dessa narrativa, em 26 de fevereiro de 2020 no espaço de notícias no sítio eletrônico do Butantan, era anunciado a criação de um espaço exclusivo com todas as informações conhecidas a respeito do novo coronavírus. Esse canal foi o principal meio para o acesso a todas as informações a respeito do vírus, reunidos em um só lugar com embasamento científico e informações verídicas sobre a pandemia de Covid-19.

A plataforma traz imagens e vídeos com informações sobre o COVID-19 - como o vírus foi denominado pela Organização Mundial da Saúde, prevenção da doença, além de disponibilizar artigos científicos e um FAQ com as principais dúvidas sobre o assunto. (BUTANTAN, 2020b).

O 'site' sobre o novo coronavírus é um espaço de diálogo com a comunidade, onde são encontradas informações de cunho científico nas mais recentes pesquisas sobre o agente viral e as orientações recomendadas para a sua contenção. Como forma de evidenciar e trazer tais informações mais perto da população, a organização investiu em grande quantidade de materiais, notícias e postagem sobre a temática. É a partir desse momento que a segunda narrativa passa a ser construída. Se nessa primeira o Instituto Butantan intuía ressaltar a capacidade científica e técnica para informar e conscientizar a população acerca do vírus descoberto na China, a segunda enfatiza o papel da informação concisa e verdadeira na pandemia de Covid-19.

A proposta é fornecer indícios científicos de sua conduta, pois como se pode abstrair dos dados, é grande o esforço da organização em demonstrar a utilização de métodos científicos para analisar o novo coronavírus. Não obstante, as menções e os depoimentos com importantes pesquisadores do Instituto Butantan e o espaço para informações são formas para evidenciar a capacidade para atuar no combate ao novo coronavírus. A segunda narrativa, nesse sentido, de certo modo é um desdobramento desta primeira, porém, mais específica e focada em alertar a população.

#### 4.1.1.2 A melhor prevenção vem da informação

Assim como na anterior, esta narrativa relaciona-se também a expertise e a experiência da organização em períodos de crise. Todavia, com a intensificação e a dominância das grandes narrativas e com a absorção, e conseqüentemente, com o compartilhamento e a sensação de verdades que tais grandes narrativas levaram

muitos a acreditar, o Instituto Butantan precisou investir em outras estratégias para conscientização.

Uma primeira medida instituída foi a de esclarecer efetivamente quais eram os sintomas característicos da Covid-19. Com sintomas muitos parecidos à gripe, percebeu-se uma intencionalidade em desmistificar as diferenças entre uma e outra. Para tanto, a organização fez uso de muitos elementos da dimensão visual para ilustrar e facilitar a absorção das informações, organizadas de maneira ilustrativa. A figura 3 é um exemplo dessa prática.

Pode-se observar que o encarte é uma cartilha expositiva sobre o novo coronavírus. Nela, os elementos linguísticos são utilizados para explicar o que as imagens, figuras e outras ilustrações pretendem esclarecer. Além de servirem como guia orientativo, denotam posicionamento do Instituto Butantan para com os métodos conhecidos, até aquele momento, para prevenir o agravamento da doença causada pelo novo coronavírus.

Percebeu-se, ademais, que esta estratégia pode ter sido motivada pela também desinformação. Razão pela qual a organização elaborou materiais diversos que servem como parâmetro de segurança. Isso fica evidente, pois existe um esforço, que perdurará por todo o período analisado, de incentivar o público a buscar informações em locais corretos. O slogan não propague *fake news* faz alusão a essa indicação.

FIGURA 3 – SAIBA MAIS SOBRE O CORONAVÍRUS

**INSTITUTO BUTANTAN**  
A serviço da vida

## Saiba mais sobre o CORONAVÍRUS

### SINTOMAS



**FEBRE ALTA**  
(ACIMA DE 37,8°)



**TOSSE SECA E**  
**DOR DE GARGANTA**



**DIFICULDADE**  
**PARA RESPIRAR**



**PODE OCORRER**  
**COMPLICAÇÕES**  
**COMO PNEUMONIA**

### PRECAUÇÕES

Os vírus respiratórios se espalham pelo contato. Como se proteger:



Mantenha as mãos limpas sempre, lavando com sabonete e água por pelo menos **40 segundos**. O **álcool gel 70%** deve ser usado somente após lavar as mãos por pelo menos **20 a 30 segundos**.



**É IMPORTANTE LEMBRAR:** o álcool gel não substitui a lavagem das mãos, e apenas um complemento da higienização. O colaborador ou empregado que apresentar os sintomas deve procurar assistência médica imediatamente.



**ETIQUETA PARA ESPIRRAR OU TOSSIR**  
Cubra o nariz e a boca com o braço ao tossir ou espirrar. Utilize o lenço e o descarte após o uso.



**MANTENHA LIMPO O SEU AMBIENTE DE TRABALHO**  
Limpe com frequência as superfícies como mesa, mouse, maçaneta e bancadas.

**IMPORTANTE**

**LAVE AS MÃOS AO CHEGAR NO INSTITUTO**

Antes de começar suas atividades, certifique-se de que suas mãos estão limpas. Durante o trajeto até o trabalho, estamos em contatos com muitas pessoas. Esse cuidado evita o contágio do Coronavírus.

**ESTOU COM SINTOMAS**

**O QUE DEVO FAZER?**

Caso apresente algum dos sintomas, permaneça em casa e comunique o seu gestor.

Antes de ir ao médico, ligue para o consultório. Ligue ao profissional sobre o seu estado de saúde. Isso ajudará o médico a tomar medidas para impedir que outras pessoas sejam infectadas. Use uma máscara quando for para a sua consulta.

**NÃO TENHO SINTOMAS**

**O QUE DEVO FAZER?**

Não se desespere. Se a sua saúde está boa, continue mantendo os cuidados de higiene e limpeza. Com essas simples medidas, você colabora para que o Coronavírus não se espalhe.

**NÃO PROPAGUE FAKE NEWS**

Você é funcionário do Instituto Butantan e tem papel fundamental para divulgar as informações corretas e impedir que vídeos e mensagens mentirosas coloquem a vida de parentes e amigos em risco.

Vídeos na internet estão sendo compartilhando trazendo informações falsas, consulte apenas o site do Ministério da Saúde.

**FICOU COM ALGUMA DÚVIDA?**

Clique nos sites abaixo para mais informações

Ministério da Saúde: <https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/coronavirus>  
Instituto Butantan: <https://coronavirus.butantan.gov.br/index.php>  
**FONTE: BUTANTAN (2020c).**

No encarte, lê-se

Você é funcionário do Instituto Butantan e tem papel fundamental para divulgar a informações corretas e impedir que vídeos e mensagens mentirosas coloquem a vida de parentes e amigos em risco. Vídeos na internet estão sendo compartilhados trazendo informações falas, consulte apenas o site do Ministério da Saúde. (BUTANTAN, 2020c).

A figura 3, de 18 de março de 2020, é apenas um dos vários modelos que se encontram divulgados pela organização em seus canais oficiais, trazendo informações sobre os sintomas da doença causada pelo novo coronavírus e as recomendações para a sua prevenção. Observa-se a indicação da assepsia e a higienização com álcool gel 70% das mãos, cuidados ao tossir ou e ao espirrar e, também, a importância da limpeza das superfícies. Essas orientações foram intensificadas com o aumento do contágio pelo novo coronavírus e denotam um posicionamento inicial da organização contra as *fake news*.

A narrativa também enfatiza os resultados positivos do seguimento das orientações propostas pela organização em consonância às determinações da OMS e do Ministério da Saúde. Fato é que em outro momento no mês de março de 2020, era noticiado que a taxa de contágio pelo novo coronavírus havia caído em São Paulo, após determinação de isolamento.

A taxa de contágio pelo novo coronavírus caiu de quase seis pessoas para menos de duas no estado de São Paulo depois que medidas de distanciamento social foram adotadas pelo governo.

Os dados são de um levantamento feito pelo grupo de estudo epidemiológico do Instituto Butantan em parceria com especialistas do centro de contingência do governo, criado para traçar estratégias de combate à Covid-19.

De acordo com os dados, uma pessoa infectada transmitia o vírus para outras seis antes de 16 de março, quando as medidas de distanciamento começaram a ser implementadas.

#### **Coronavírus no Brasil**

No dia 20 de março, diz o Butantan, esse número caiu para uma a cada três pessoas. E, no dia 25, a transmissão já era de uma para cada duas pessoas, numa curva descendente.

O estudo compara a evolução da doença em São Paulo e no resto do país.

No dia 16 de março, o estado tinha 152 casos confirmados do novo coronavírus. Chegou a 862 no dia 25, um crescimento de 467,1%.

Já o Brasil, no total, os casos passaram de 234 para 2.433 infecções, um crescimento de 939,7%.

O estado já ordenou o fechamento de academias, shoppings centers, parques e comércio. Restaurantes e bares só podem funcionar fazendo entrega delivery ou de produtos para viagem.

Aulas foram suspensas em universidades e em escolas de primeiro se segundo grau. (BUTANTAN, 2020d).

O excerto traz a informação e prioriza a queda da taxa de contágio pelo novo coronavírus ao ratificar que as medidas de prevenção e o distanciamento social, ante o desconhecimento de fármacos e outras medidas para erradicar e/ou controlar a dispersão do vírus, eram comprovadamente eficazes. Apreende-se uma intenção,

corroborada por esta notícia, mas identificada ao longo desta referida narrativa, de atenuar e incitar a adoção das medidas preventivas e prezar pelos cuidados individuais. A ratificação das medidas de prevenção foi tema da entrevista de 19 de março de 2020 com o diretor do Centro de Segurança Clínica e Gestão de Risco, Alexandre Precioso. Ele fala do cuidado que é preciso que cada um tenha consigo mesmo e com o próximo. Para isso, ele reforça que

cada um tem o dever de se proteger, de lavar as mãos, fazer tudo o que precisa pra evitar que a doença se espalhe. O papel de cada um é essa responsabilidade, que eu acho que é social. Se sentiu sintomático, a primeira coisa: você não vai pro seu local de trabalho, você não vai pra uma situação que você sabe que vai ter muitas pessoas, você vai lavar as suas mãos, você vai ficar na sua casa [...]. (BUTANTAN, 2020e).

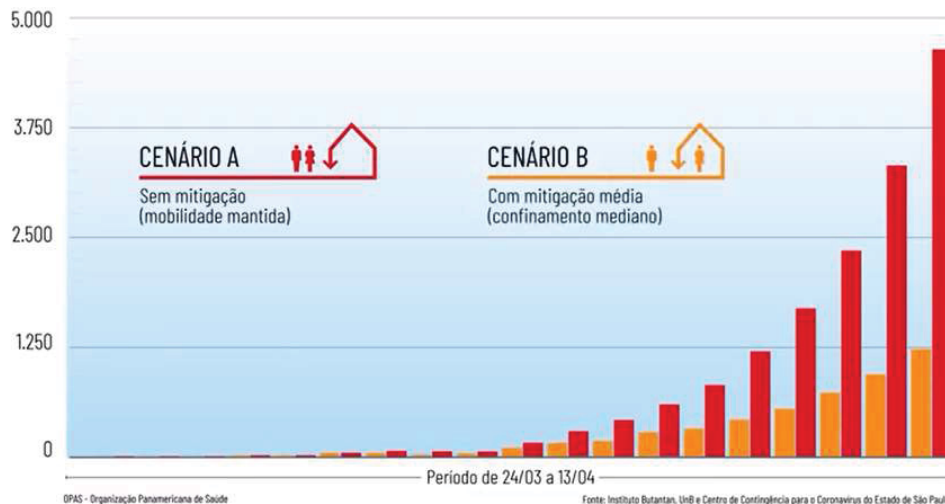
Nos primeiros dois meses desde a descoberta do novo coronavírus, as inserções midiáticas e o diálogo com o público basearam-se na elucidação do que é o coronavírus, quais as suas características, quais os sintomas da doença por ele causada e de que forma a população pode se proteger. Especialmente, sobre essa última, percebeu-se um grande esforço do Instituto Butantan por salientar que o conhecimento científico é mais poderoso contra a crença de que a Covid-19 era uma mera espécie de gripe.

O distanciamento social, juntamente às outras medidas de prevenção, foi amplamente incentivado pelas autoridades de saúde. Além da WHO, há a Organização Panamericana de Saúde (OPAS), braço daquela nos países das Américas, que atuou na linha de frente junto a esses países. Como forma de justificar a eficácia das medidas contra o novo coronavírus, o Instituto Butantan divulgou em parceria com a Universidade de Brasília, o Centro de Contingência do Estado de São Paulo e a OPAS, um gráfico com a projeção de mortes em dois cenários, como se observa na figura 4.

De acordo com o que se observa, no cenário A, a mobilidade permaneceria inalterada, isto é, não haveria restrição de locomoção e de isolamento social. Nesse cenário, a estimativa de óbitos seria de cinco mil apenas no estado de São Paulo. Não obstante, o cenário B ilustra a projeção e, a conseqüente, diminuição do número de óbitos com a adoção do isolamento social como medida preventiva contra o avanço do novo coronavírus.

Diante dos cenários, é possível apreender que o intuito da organização é, primeiro, o de reafirmar que as informações que vem disseminando e o tom que a elas é dado é partilhado por outras entidades que possuem autoridade no campo da saúde pública; segundo, enfatizar que as suas ações e declarações possuem amparo científico, muito provavelmente, como resposta ao movimento em crescente ascensão no Brasil contra a limitação de mobilidade e as medidas adotadas pelos governos federal e estaduais; e, terceiro, demonstrar que tais medidas pode sim salvar vidas. Nesse caso, a estimativa é de que três mil e quinhentas vidas poderiam ser salvas se o isolamento social for adotado e, principalmente, respeitado.

FIGURA 4 – PROJEÇÃO DE ÓBITOS  
**PROJEÇÃO DE ÓBITOS NO ESTADO**



FONTE: BUTANTAN (2020f).

Nesse contexto, a divulgação da campanha #FiqueEmCasa foi amplamente intensificada. Em 28 de março de 2020, o Instituto Butantan por meio de uma postagem no Facebook, ilustrava a cadeia do contágio pelo novo coronavírus na cidade de São Paulo – pioneira na conduta das medidas de prevenção. É interessante observar que a figura 5, além de apresentar a evolução gráfica do primeiro caso confirmado e a data de início das medidas de distanciamento, explicita que as informações demonstradas partiram de um estudo realizado pelo Dr. Julio Croda e pelos epidemiologistas da Universidade de Brasília em apoio ao Instituto Butantan e ao Centro de Contingência do Estado de São Paulo. Apreende-se que apenas a menção por parte do Instituto Butantan parece não ser mais suficiente para legitimar as práticas impostas pelas autoridades governamentais e de saúde.

Com base no já exposto é que se pode fazer uma primeira consideração acerca da construção teórica do argumento desta pesquisa face ao que se apreendeu empiricamente. Trata-se da sensação da perda de legitimidade que o Instituto Butantan passou a enfrentar com a emergência da pandemia de Covid-19 e a, cada vez mais, presente incidência das grandes narrativas disseminadas e consumidas nos mais nas redes sociais.

FIGURA 5 – MEDIDAS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL FUNCIONAM

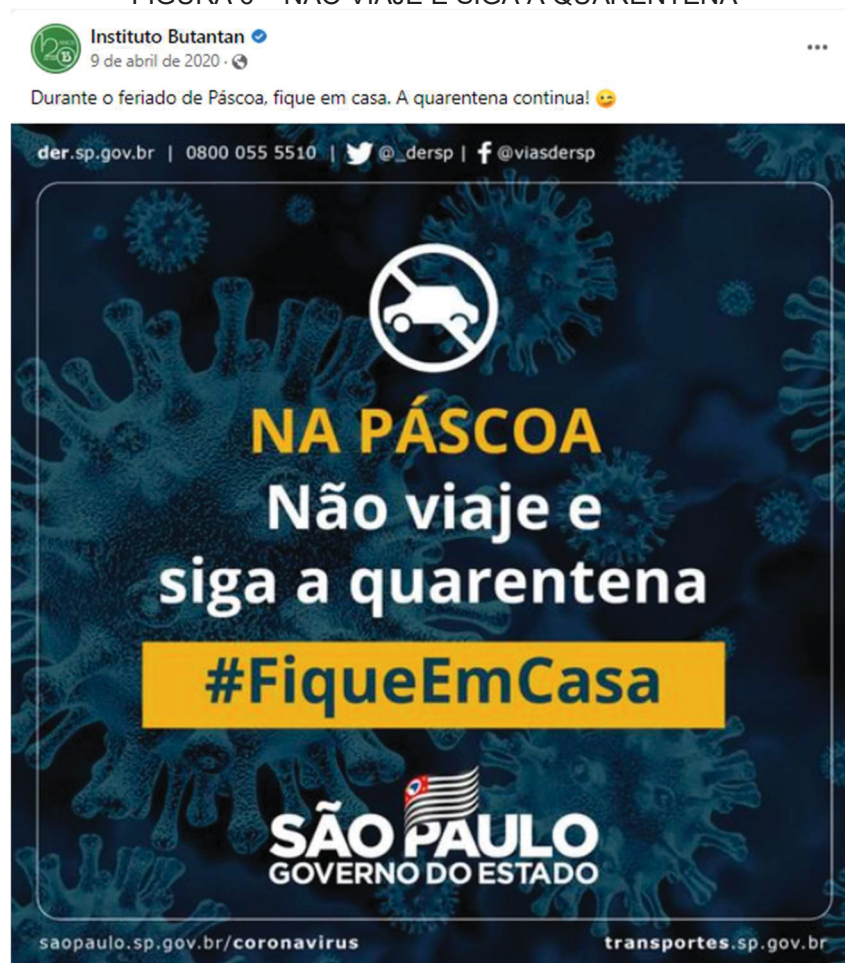


FONTE: BUTANTAN (2020g).

Percebeu-se, dessa forma, que as publicações e as inserções nessas mesmas redes sociais, como forma de defesa ou em notas explicativas, visaram a reafirmação do seu propósito, que em poucas palavras, é o de estar a serviço da vida. Para endossar essas inserções, as fontes e os fundamentos científicos das inserções são adicionados em posição estratégica ou mencionados propositalmente, como uma forma de atestar a veracidade daquilo que se compartilha.

Este posicionamento acerca do distanciamento foi alvo de seguidas manifestações contrárias por parte dos negacionistas. Contudo, isso não pareceu abalar a organização produtora que seguia firme nas recomendações para o contingenciamento do novo coronavírus. A figura 6 é apenas um dos exemplos disso, e mais uma vez ilustra a posição do Instituto Butantan. É válido lembrar que a, assim chamada, quarentena, foi adotada em vários outros países como a Nova Zelândia, que adotou um rígido esquema de restrições sociais, o que contribuiu para reduzir drasticamente a taxa de infecção pelo novo coronavírus (BBC, 2020).

FIGURA 6 – NÃO VIAJE E SIGA A QUARENTENA



FONTE: BUTANTAN (2020h).

A fim de trazer e incitar senso de responsabilidade aos brasileiros, em 09 de abril de 2020, o então diretor do Instituto Butantan, que posteriormente se tornaria peça-chave da organização, Dimas Tadeu Covas, ao tratar da evolução da transmissão pelo novo coronavírus, levando ao agravamento da Covid-19 em entrevista ressaltou

que o que nós estamos vendo é um retrato visto do retrovisor. Os casos que aparecem dia a dia, principalmente, os casos confirmados, são casos que coletaram exames a dez dias atrás, ou até mais. Porque teve aí um *delay* pro desenvolvimento dos sintomas, somente dos pacientes sintomáticos está sendo coletado os exames, depois tem o envio desse exame pro laboratório, aí tem a realização do exame, enfim. Então, nós estamos sempre olhando pra trás. O que é importante nesse momento, ficar olhando pra trás? Não. Isso nos orienta. [...]. Mas nós temos que olhar pra frente. (BUTANTAN, 2020i).

Em sua fala, ele deixa claro que é fundamental o controle do novo coronavírus para que o sistema de saúde não sobrecarregue e não disponha de condições apropriadas para atender todos os pacientes que vierem a procurá-lo. Infelizmente, essa previsão se concretizou com o agravamento da doença e diante da postura percebida contra as medidas preventivas e, posteriormente, com a rejeição ao processo de vacinação coletiva contra a Covid-19.

Desta narrativa, algumas considerações precisam ser salientadas. A primeira é que grande investimento por parte do Instituto Butantan foi realizado na divulgação de materiais, entrevistas, textos explicativos que visaram em sua essência promover o sentido da informação verídica como meio para prevenir o avanço da pandemia do novo coronavírus. É uma mensagem clara e direta contra as grandes narrativas que julgaram a necessidade das restrições de mobilidade social, o uso de máscaras e, principalmente, a propagação de *fake news*.

Em função dessa situação é que outra narrativa foi amplamente divulgada, colocando em evidência o papel da ciência para a preservação da vida. Trata-se da narrativa que enaltece o papel da ciência dentro das operações, processos e produtos do Instituto Butantan, indo ao encontro do sentido que pretende endossar o de que a ciência é a responsável por muitos feitos em nossa sociedade.

#### 4.1.1.3 A ciência salva vidas

Esta narrativa começa com a criação da rede de laboratórios de apoio para o auxílio na testagem dos pacientes sintomáticos e dos assintomáticos. Para auxiliar na detecção do novo coronavírus, e permitir o dimensionamento dos casos confirmados na realidade brasileira, o Instituto Butantan informava em 30 de abril de 2020 que havia aumentado a capacidade de processamento para até cinco mil amostras diárias. A rede foi criada para atender a demanda de testes para o novo coronavírus, que

chegou a ter dezessete mil aguardando processamento. De acordo com o diretor Dimas Covas a testagem em massa em sintomáticos e assintomáticos é fundamental para a definição das medidas contra o novo coronavírus. A notícia trata disso e exemplifica a questão.

O governo do Estado de São vai aplicar, a partir de 15 de maio, em parceria com os municípios, testes rápidos para a identificação de coronavírus mesmo em quem não apresenta sintomas da infecção. Um projeto-piloto já foi iniciado em parceria com a Polícia Militar, incluindo 35 mil profissionais da cidade de São Paulo e seus familiares, totalizando 145 mil pessoas.

Nesta primeira fase, cerca de um milhão de exames do tipo serão usados, dos quais 500 mil estão sendo comprados pelo Instituto Butantan, coordenador da Plataforma de Laboratórios para Diagnóstico de Coronavírus no Estado, mediante um investimento de R\$ 30 milhões. Os demais vieram do Ministério da Saúde e já estão em fase de envio aos municípios.

O teste rápido de Igm/Igg, que identifica em aproximadamente 15 minutos a presença de anticorpos do vírus no sangue, será usado em pessoas que estiveram com pacientes positivos para COVID-19 mas permaneceram assintomáticas por mais de 14 dias.

Também poderão realizar o teste rápido, independentemente de terem tido contato com pessoas infectadas, os profissionais das áreas da saúde e da segurança pública, população privada de liberdade, doadores de sangue e pessoas que vivem em asilos, casas de repouso, orfanatos, comunidades terapêuticas e os menores da Fundação Casa.

Haverá acompanhamentos específicos da transmissão do coronavírus, por meio de testes rápidos e do tipo Elisa, em cortes populacionais definidos juntamente com os municípios.

O protocolo para pessoas que tiveram contato com pacientes infectados pelo novo coronavírus e estão sem sintomas há menos de 14 dias prevê a realização do exame do tipo RT-PCR, que identifica o material genético (RNA) do vírus. Esse tipo de exame já vinha sendo realizado na rede pública de São Paulo, com prioridade para óbitos, casos graves e profissionais da saúde.

O teste rápido será indicado também para pessoas que manifestaram sinais leves da doença, após 14 dias do fim dos sintomas. Já para aqueles pacientes com os sintomas, mesmo leves, será indicado o exame de RT-PCR.

“Estamos ampliando a estratégia de testagem da população e esperamos com isso ter uma melhor dimensão da curva de infecções no Estado de São Paulo. Isso é fundamental para a tomada de decisões no enfrentamento da pandemia”, afirma Dimas Tadeu Covas, diretor do Instituto Butantan.

### **Rede de laboratórios**

A Plataforma de Laboratórios para Diagnóstico do Coronavírus foi criada no último dia 3 de abril e em menos de 20 dias zerou a demanda reprimida por exames de RT-PCR no Estado.

A rede conta com 42 laboratórios habilitados e capacidade para fazer até 5 mil exames por dia. A partir de maio a capacidade será de até 8 mil processamentos de amostras diárias. São Paulo terá capacidade de realizar cerca de 27 mil exames de PCR por milhão de habitantes, superior a países como Estados Unidos, França e Reino Unido, por exemplo. (BUTANTAN, 2020i).

O incentivo à testagem para detecção do novo coronavírus é uma estratégia que permite o acompanhamento da evolução da Covid-19. Não obstante, ao encabeçar e estruturar a rede de laboratórios sob sua coordenação, está demarcando seu papel científico e auxiliando na preservação da vida. A testagem em massa se estendeu às periferias e às comunidades indígenas, por exemplo, como uma iniciativa para que essas populações tivessem acesso a informações fidedignas quanto à prevenção ao novo coronavírus. A testagem em massa em assintomáticos é uma das estratégias para identificar a presença do vírus e para que as devidas medidas preventivas sejam tomadas em casos positivos.

Em 28 de outubro de 2020, a organização noticiava que o

Instituto Butantan lançou um portal com dados da Plataforma de Laboratórios para Diagnóstico do Coronavírus. A ferramenta disponibilizará informações das ações de testagem realizadas para detectar a Covid-19 em todo o Estado de São Paulo. Agora, com o novo portal, será possível acessar os dados quantitativos e qualitativos como número de testes, local de realização, sexo dos participantes, além de resultados positivos e negativos. A plataforma, coordenada pelo Butantan, reúne laboratórios da rede pública e privada que processam testes rápidos e do tipo RT-PCR. Atualmente tem capacidade para processar 11 mil exames por dia. Criada em abril, a ferramenta tem como principal objetivo organizar o fluxo de amostras para o diagnóstico do novo coronavírus e definir protocolos para investigação e incidência do vírus. O Instituto Butantan é referência em diagnósticos da Covid-19 no Estado de São Paulo. Os testes realizados até hoje têm, entre suas ações, exames em pessoas assintomáticas, ações em programas de Drive-Thru, além de populações vulneráveis, profissionais de segurança pública, de saúde, comunidades indígenas, quilombolas, idosos moradores das instituições de longa permanência, entre outros.

“Sabemos que este mapeamento de diagnóstico da infecção pode fornecer um raio-X importante para o planejamento de combate à pandemia. O Butantan vem fazendo um trabalho de coordenação destes centros e agora, com dados mais robustos e recortes bem definidos, conseguimos disponibilizar esse material garantindo a transparência nos dados”, explica Dimas Covas, diretor do Instituto Butantan. (BUTANTAN, 2020j)

Percebe-se que ao coordenar a rede de laboratórios para diagnóstico da Covid-19, a organização coloca à disposição da população, o acesso aos mais avançados mecanismos reconhecidos cientificamente para detecção do novo coronavírus. Embora o Instituto Butantan seja responsável por 65% das vacinas destinadas ao PNI do Sistema Único de Saúde e 100% das vacinas contra a gripe na Campanha Nacional de Vacinação contra a Gripe (BUTANTAN, 2023), a reiteração dos processos de excelência na testagem tentam, e relembrar, o seu respaldo e amparos científicos desde sempre presentes nos processos e produtos da organização.

Por conta da testagem realizada, e amplamente incentivada, que se teve acesso aos resultados das medidas preventivas, a exemplo do uso das máscaras faciais. Por muito tempo utilizada, seja de forma compulsória ou voluntária, as máscaras são decorrentes de pesquisas que evidenciam a transmissão do agente viral pelas vias aéreas. Estudos mostraram que a transmissão via oral poderia ser contida com a utilização de máscaras que previnem que o vírus se espalhe e evita que outras pessoas o absorvam. Por conta disso, é que o Instituto Butantan advogou pela sua utilização, conforme mostra a figura 7.

FIGURA 7 – USE MÁSCARA



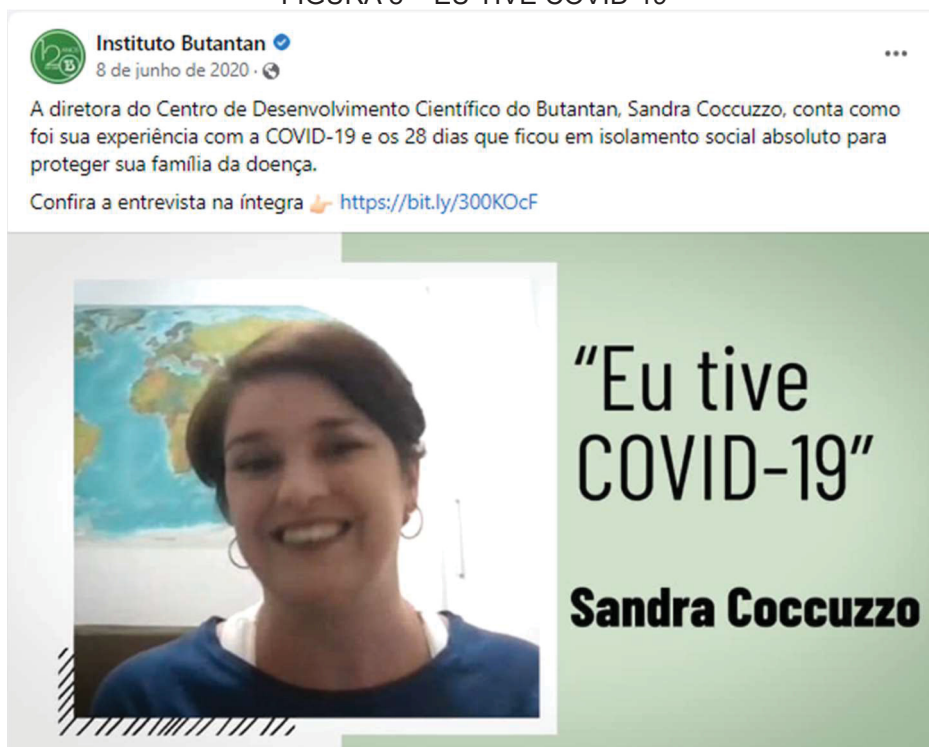
FONTE: BUTANTAN (2020k).

Percebeu-se que, desde o início da pandemia, a postura do Instituto Butantan esteve sempre alicerçada nas premissas científicas, fato é que as medidas adotadas pelos governos estaduais foram amplamente apoiadas pelo Instituto Butantan. Além do incentivo a restrição da mobilidade social, a higienização das mãos e superfícies

e, também, o uso de máscaras, como proteção extra no combate ao novo coronavírus, são algumas das recomendações endossadas pela organização.

Além dessas ações, outra iniciativa identificada e utilizada pelo Instituto Butantan é o relato de pessoas ligadas ao fazer pesquisa, como exemplos de superação a Covid-19. Como foi o caso da diretora do Centro Científico do Butantan, Sandra Coccuzzo, de acordo com a figura 8.

FIGURA 8 – EU TIVE COVID-19



FONTE: BUTANTAN (2020).

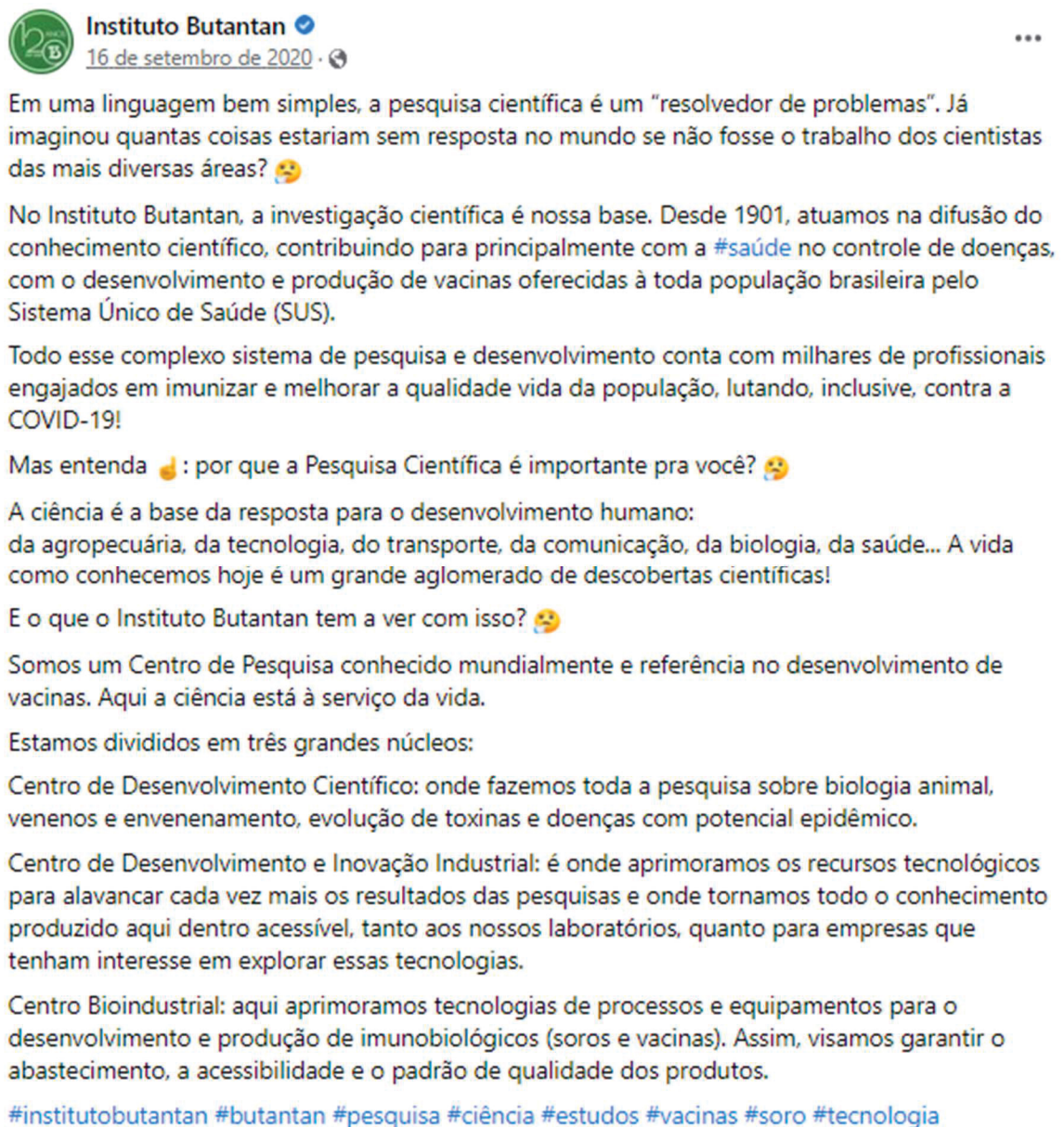
Em entrevista, a diretora declara:

Eu fiquei vinte e oito dias dentro da minha casa, mantendo as medidas que são estabelecidas né, pra você evitar e meu marido e minha filha não foram contaminados. Então, isso tudo pra dizer assim: você hoje tem condições de conviver com isso e tem várias pessoas tendo vários tipos de quadros. E o que eu vejo que ficou realmente assim muito forte nas pessoas é que o fato de você receber um PCR positivo significa que você vai ter dias difíceis. [...]. eu passei pelo COVID da maneira que todo gostaria de passar. Eu passei por ele, fiquei 28 dias positivada, não é trivial. [...]. Em qualquer lugar minha casa tem frasco de álcool gel, não misturar a roupa, manter distância. Foram 28 dias assim e eles não pegaram. (BUTANTAN, 2020).

Observa-se que a intenção da entrevista é ressaltar a eficácia das medidas preconizadas ao longo do ano de 2020. O descrédito a tais medidas pode ser considerado o estopim que levou a organização a utilizar esses exemplos. Torna-se

nítido que existe uma aderência de todos os exemplos descritos neste tópico à contranarrativa principal. No entanto, a primeira intervenção explicativa do que efetivamente o Instituto Butantan é e o que ele de fato faz, viria em 16 de setembro de 2020.

FIGURA 9 – O QUE É PESQUISA CIENTÍFICA E O QUE FAZ O BUTANTAN



**Instituto Butantan** 16 de setembro de 2020

Em uma linguagem bem simples, a pesquisa científica é um "resolvedor de problemas". Já imaginou quantas coisas estariam sem resposta no mundo se não fosse o trabalho dos cientistas das mais diversas áreas? 😊

No Instituto Butantan, a investigação científica é nossa base. Desde 1901, atuamos na difusão do conhecimento científico, contribuindo para principalmente com a #saúde no controle de doenças, com o desenvolvimento e produção de vacinas oferecidas à toda população brasileira pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Todo esse complexo sistema de pesquisa e desenvolvimento conta com milhares de profissionais engajados em imunizar e melhorar a qualidade vida da população, lutando, inclusive, contra a COVID-19!

Mas entenda 🙌: por que a Pesquisa Científica é importante pra você? 😊

A ciência é a base da resposta para o desenvolvimento humano: da agropecuária, da tecnologia, do transporte, da comunicação, da biologia, da saúde... A vida como conhecemos hoje é um grande aglomerado de descobertas científicas!

E o que o Instituto Butantan tem a ver com isso? 😊

Somos um Centro de Pesquisa conhecido mundialmente e referência no desenvolvimento de vacinas. Aqui a ciência está à serviço da vida.

Estamos divididos em três grandes núcleos:

Centro de Desenvolvimento Científico: onde fazemos toda a pesquisa sobre biologia animal, venenos e envenenamento, evolução de toxinas e doenças com potencial epidêmico.

Centro de Desenvolvimento e Inovação Industrial: é onde aprimoramos os recursos tecnológicos para alavancar cada vez mais os resultados das pesquisas e onde tornamos todo o conhecimento produzido aqui dentro acessível, tanto aos nossos laboratórios, quanto para empresas que tenham interesse em explorar essas tecnologias.

Centro Bioindustrial: aqui aprimoramos tecnologias de processos e equipamentos para o desenvolvimento e produção de imunobiológicos (soros e vacinas). Assim, visamos garantir o abastecimento, a acessibilidade e o padrão de qualidade dos produtos.

#institutobutantan #butantan #pesquisa #ciência #estudos #vacinas #soro #tecnologia

FONTE: BUTANTAN (2020m).

A postagem retrata, de forma simples e objetiva, o que é pesquisa científica. A indagação “já imaginou quantas coisas estariam sem resposta no mundo se não fosse o trabalho dos cientistas das mais diversas áreas?” é um alerta sobre a importância da ciência. Com o impacto e a disseminação das grandes narrativas, a ciência

precisou ser novamente enaltecida e seu papel lembrado. A perda de confiança na organização e o repúdio às orientações veiculadas por ela aliado ao descontentamento em relação ao posicionamento das autoridades de saúde pública, incitou a iniciativa.

Em outro momento, no mesmo excerto, há o reforço da atuação centenária do Instituto Butantan, remetendo a sua atuação no Brasil e a sua principal finalidade, que é por meio do conhecimento científico contribuir para o controle de doenças, com o desenvolvimento e produção de vacinas destinadas a toda a população por meio do SUS e com a preservação da vida. A postagem aparece em um determinado momento da pandemia em que se discute a real necessidade das medidas preventivas e, sobretudo, depois do anúncio da parceria entre a farmacêutica chinesa Sinovac Life Sciences, para a produção da primeira vacina contra o novo coronavírus em território nacional.

A mensagem, inclusive, reforça a razão da pesquisa científica ser importante para o leitor, em uma clara tentativa de persuasão. O referido trecho é o seguinte:

a ciência é a base da resposta para o desenvolvimento humano: da agropecuária, da tecnologia, do transporte, da comunicação, da biologia, da saúde...A vida como conhecemos hoje é um grande aglomerado de descobertas científicas! (BUTANTAN, 2020m).

Este trecho preconiza a principal mensagem que esta primeira contranarrativa objetiva, que é a ratificação da própria razão de ser do Instituto Butantan e do comprometimento com a ciência. Ao longo de 2020, percebeu-se que o maior desafio enfrentado pela organização era recobrar a reputação que outrora tornava seus processos inquestionáveis. Além disso, face a dominância das narrativas negacionistas e a imperialização das *fake news*, a organização precisou se organizar e as histórias compartilhadas por elas evidenciam a produção dos sentidos diante da ascensão das grandes narrativas no contexto populista brasileiro.

#### 4.1.1.4 As vacinas do Butantan seguem todos os protocolos científicos

Quando, por exemplo, pouco se sabia sobre o novo coronavírus, o Instituto Butantan apostou no pioneirismo para enaltecer sua expertise, como atestado de capacidade no combate à pandemia de Covid-19. As três narrativas apresentadas até

então corroboram essa afirmação. Contudo, não apenas os processos e os resultados de suas pesquisas foram colocados em xeque e desacreditados. Ao tratar da vacina da gripe, especificamente, a organização traz à tona e enaltece o processo de produção de vacinas.

Conforme Lavieri (2020) ressalta

é irrepreensível o histórico de sucesso brasileiro no que diz respeito à prevenção de doenças por meio de vacinação. Não é exagero dizer que o processo de fabricação dessa categoria de medicamentos, produzidos em laboratório, a partir de microorganismos causadores de doenças, fez do País uma referência mundial em imunização. [...]. Para alcançar esse patamar, o Brasil sempre disponibilizou recursos para pesquisas — o Ministério da Saúde vai investir, este ano, R\$ 400 milhões em vacinas. Assim, o Brasil faz parte de um seleto grupo de países que têm a população protegida de doenças como a poliomielite, que por aqui foi erradicada em 1990. [...]. expertise brasileira vem sendo construída há mais de cem anos. Os dois principais polos públicos de excelência são o Instituto Butantan, em São Paulo, e a Fundação Fiocruz/Manguinhos, no Rio de Janeiro, instituições centenárias que estão em busca de uma vacina contra a Covid-19. Desde os anos 40 do século passado, o Butantan, que já era especialista na produção soros anti-venenamento, e criou uma estrutura produtiva de vacinas que o credencia para a elaboração de um imunizante contra a pandemia. Nesse processo o instituto firmou parceria com a farmacêutica chinesa Sinovac, dando sequência aos estudos realizados por essa empresa.

A reportagem valida a organização produtora como centro de excelência na produção de vacinas e defende o papel do Instituto Butantan nesse processo que elevou o Brasil a um patamar de referência na imunização mundial. Nota-se, entretanto, que a postagem não é isenta de intenção, pelo contrário. Ela é apreciada em um momento crítico da pandemia, sobretudo, pelas massivas críticas à parceria da organização com a biofarmacêutica chinesa Sinovac Life Services.

O intuito parece ser o de justificar a produção da primeira vacina do Brasil para combate ao novo coronavírus. Em comunicado, o diretor do Instituto Butantan Dimas Tadeu Covas destaca que

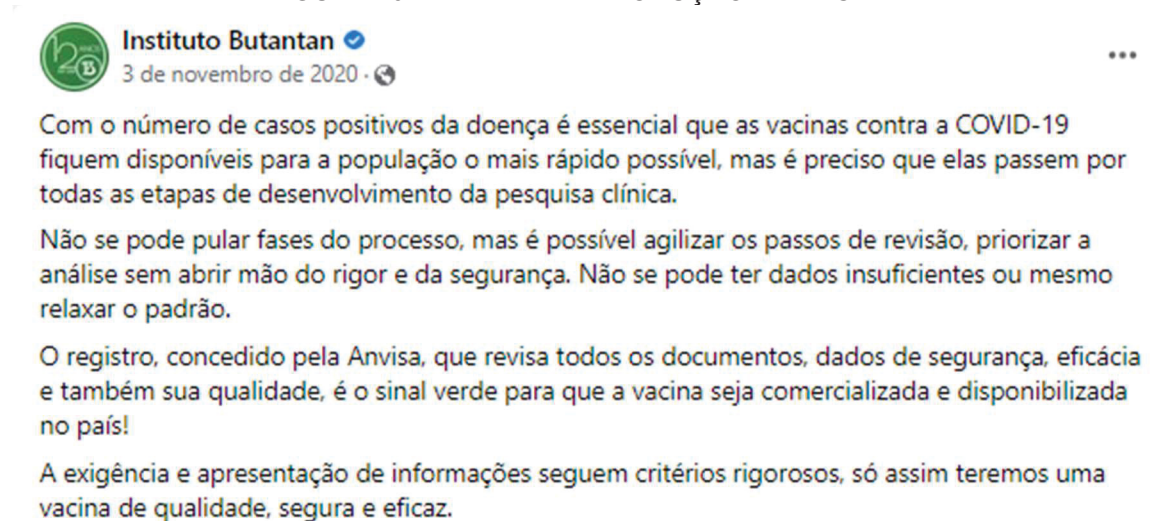
A junção da experiência chinesa com os vírus da Sars, e o nosso *know-how* em biotecnologia, permitirá ao Butantan completar o ciclo de desenvolvimento da vacina. Queremos garantir proteção em larga escala e certificação. Isso deve acontecer antes do final do ano. (BUTANTAN, 2020n).

Esse movimento ilustra a intenção do Instituto Butantan em expor que o desenvolvimento e a produção de suas vacinas seguem todos os protocolos e as etapas de desenvolvimento clínico. O rigor e segurança desde sempre foram pilares

nesse processo, prova disso é a vacina contra o vírus influenza, antígeno causador da gripe, que foi antecipada em 2020 para prevenir as possíveis internações por conta da influenza, evitando assim que as unidades de internação se sobrecarregassem. Além disso, conotativamente, elenca que a vacina da gripe como um exemplo da aplicação dos padrões, protocolos e rigor científicos em um produto que é produzido 100% pelo Instituto Butantan, pelas mãos de setecentos funcionários em três turnos para entregar uma vacina de qualidade contra o vírus influenza. (BUTANTAN, 2023).

O caso da vacina contra influenza é meramente representativo, mas importante para a narrativa tecida. Isso porque busca facilitar a aceitação da nova vacina em desenvolvimento contra o novo coronavírus, a partir de um produto já há bastante tempo conhecido pelos brasileiros. A lógica é a mesma em relação ao processo de produção e é por essa razão que é compartilhada a notícia exemplificada na figura 10 na rede social Facebook.

FIGURA 10 – ETAPAS DA PRODUÇÃO DE VACINAS



FONTE: BUTANTAN (2020o).

Em outro momento, usa-se de explicações técnicas que promovem a familiarização dos termos e das técnicas utilizadas para a produção da CoronaVac.

O grupo do Butantan propõe a combinação de duas estratégias para o desenvolvimento de uma vacina acelular. De um lado, tem-se as proteínas recombinantes de antígenos de superfície do novo coronavírus, que têm o papel de deflagrar a produção de anticorpos específicos contra o SARS-CoV-2. De outro lado, utiliza-se vesículas de membrana externa (Outer membrane vesicles conhecidos como OMVs) como matriz suporte dos antígenos, para que a partícula mimetize o vírus. [...]. A ideia de usar as OMVs partiu da observação de uma estratégia que determinadas bactérias gram-negativas

adotam para escapar do sistema de defesa do hospedeiro. “Quando infectam organismos, as bactérias produzem essas vesículas a partir de sua própria membrana externa. O intuito é atrapalhar a resposta do sistema imunológico. Anticorpos e outras células relacionadas ao sistema imune ficam tentando matar as vesículas em vez de atacar as bactérias, que ficam livres para se multiplicar no organismo [...]. (BUTANTAN, 2020p).

Nessa acepção, observou-se que ao demonstrar a aderências aos protocolos e práticas reconhecidas mundialmente, a organização tentava amenizar a crescente rejeição à vacina CoronaVac. Ao fazer isso, buscava promover seu potencial científico ao desenvolver, produzir e oferecer soros e vacinas à população brasileira. Essa última narrativa é particularmente importante, pois reitera a importância do Instituto Butantan como aliado no combate ao novo coronavírus, a partir do que a organização se dispõe a realizar.

Todavia, na metade de 2020 outra contranarrativa surgiu em meio ao contexto pandêmico e se estendeu até o fim do período pesquisado. Esta contranarrativa é específica e está intrinsecamente assentada na defesa da CoronaVac no que se refere ao processo de sua produção, a sua eficácia e segurança. A segunda contranarrativa do Instituto Butantan segue abaixo descrita.

#### 4.1.2 A CoronaVac é a vacina do Butantan, segura e eficaz, contra o novo coronavírus

##### A VACINA CHINESA DE JOÃO DORIA

- Para o meu Governo, qualquer vacina, antes de ser disponibilizada à população, deverá ser COMPROVADA CIENTIFICAMENTE PELO MINISTÉRIO DA SAÚDE e CERTIFICADA PELA ANVISA.

- O povo brasileiro NÃO SERÁ COBAIA DE NINGUÉM. (continua).

- Não se justifica um bilionário aporte financeiro num medicamento que sequer ultrapassou sua fase de testagem.

- Diante do exposto, minha decisão é a de não adquirir a referida vacina. (BOLSONARO, 2020).

[...]. O que eu tenho observado é que ainda tem quem muita gente que tem preocupação com a vacina. E deixo bem claro: ela é emergencial. Eu não posso obrigar ninguém a tomar vacina, como um governador a um tempo atrás falou que ia obrigar. Eu não sou incosequente a esse ponto. Ela tem que ser voluntária. Afinal de contas não tá nada comprovado cientificamente com essa vacina aí. [...]. (UOL, 2021a).

[...]. Tô muito bem. Melhor do que o pessoal que tomou CoronaVac. Melhor não, muito melhor que o pessoal que tomou CoronaVac. O que aconteceu comigo não sei. Não sei. [...]. (BOLSONARO, 2021).

A segunda contranarrativa do Instituto Butantan teve sua elaboração iniciada logo após o anúncio da parceria com a farmacêutica Sinovac Life Services e se estendeu por todo o período restante do recorte temporal da pesquisa, ou seja, até 30 de junho de 2022. O tom dessa contranarrativa é voltado, quase que exclusivamente, à defesa da CoronaVac, a sua segurança e a sua eficácia tanto no antes da autorização pela Anvisa para uso emergencial quanto no após. Percebeu-se um padrão repetitivo dentro dessa contranarrativa, que é o de enfatizar um posicionamento com múltiplas fontes e evidências repetitivamente no período. Isso será retomado em outro momento do texto.

Diferentemente, da primeira narrativa, esta não é tão ampla em termos de diversidade de narrativas como a sua antecessora, mas é a que mais se desenvolveu durante o período pesquisado, por conta da alta rejeição e das inferências não sustentadas cientificamente à CoronaVac que tomaram conta das redes sociais. Isso porque, as suas narrativas acompanharam todo o processo do desenvolvimento da pesquisa para a produção da vacina à medida que novos estudos foram sendo realizados e os seus resultados compartilhados. Apreendeu-se que essas narrativas serviram para incentivar a vacinação dos grupos atestados como elegíveis, a partir das várias faixas etárias pesquisadas e certificadas para receberem as doses do imunizante CoronaVac. Além do mais, percebeu-se um esforço narrativo grandioso na tentativa de esclarecer as *fake news* acerca desse processo e de defender, com isso, a produção do imunizante com a tecnologia e o conhecimento de anos de atuação do Instituto Butantan.

#### 4.1.2.1 Os ensaios clínicos possuem rigor e método científico

O acordo de parceria entre as duas organizações, Instituto Butantan e Sinovac Life Sciences, foi primeiramente divulgado em 11 de junho de 2020 e representou uma esperança no combate à Covid- 19. O anúncio afirmava que o

acordo prevê testagem em 9 mil voluntários no Brasil e fornecimento de doses até junho de 2021, caso a imunização se prove eficaz e segura. [...]. “Hoje é um dia histórico para São Paulo e o Brasil, assim como para a ciência mundial. O Instituto Butantan fechou acordo de tecnologia com a gigante farmacêutica Sinovac Biotech para a produção da vacina contra o coronavírus”, declarou o Governador. “A vacina do Butantan é das mais avançadas. Estudos indicam que ela estará disponível no primeiro semestre de 2021. Com ela, poderemos imunizar milhões de brasileiros”, reforçou

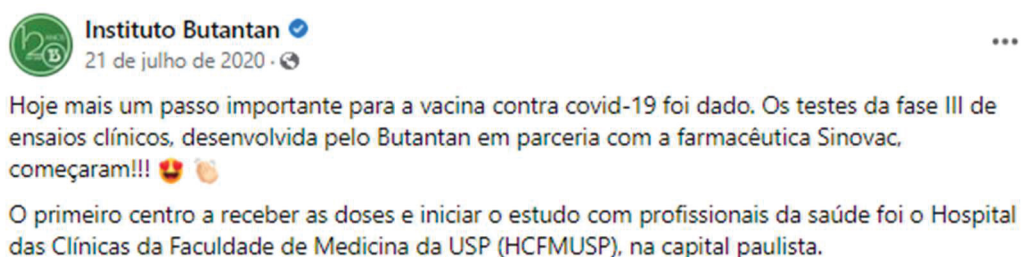
Doria. [...]. “Estamos orgulhosos de participar da luta contra a COVID-19 e esperamos trabalhar com o Instituto Butantan para ajudar o povo do Brasil. Com a parceria, a Sinovac poderá aumentar a velocidade sem precedentes de desenvolvimento do CoronaVac sem comprometer nossos altos padrões e procedimentos de segurança”, disse em nota o Presidente e CEO da Sinovac, Weidong Yin. (BUTANTAN, 2020q).

Como se observa no excerto, o anúncio da produção de uma vacina contra o novo coronavírus, capaz de imunizar “milhões de brasileiros”, enalteceu o papel do Instituto Butantan no combate a pandemia de COVID-19 e o colocou em meio a ‘corrida das vacinas’. Em função das particularidades da doença, como já retratada na contranarrativas anteriores, o oferecimento de uma vacina à população brasileira representa um ponto final, ou ao menos, um vislumbre de esperança. Em seu canal oficial no YouTube na série Butantan na Pandemia, o episódio quatro intitulado “uma vacina, uma esperança”, o diretor Dimas Tadeu Covas, realçava que

é isso que deve ser percebido pelas pessoas, de repente, existe uma esperança. [...], que é muito concreta e somos nós que estamos catalisando isso. Então, as pessoas às vezes se surpreendem. Ah, mas o Brasil até outro dia tava longe dessa história e aí hoje ele tá na frente. Como é que é isso. [...] tem muito trabalho, tem muito serviço, tem muita gente dedicada, uma equipe que se empenhou ao máximo. E ter uma vacina pro coronavírus, nessa altura, antes do que muitos países do mundo, ou antes da grande maioria dos países do mundo, é incalculável. [...]. (BUTANTAN, 2020r).

O trecho salienta o pioneirismo do Brasil na corrida por uma vacina contra o novo coronavírus. Não obstante, também pontua o papel do Instituto Butantan nesse processo. O diretor faz questão de ressaltar que há trabalho por detrás do imunizante, indicando uma associação clara ao processo científico que embasa este processo. Isso também é observado quando a organização comunica que os testes da fase III dos ensaios clínicos haviam começado e que, a partir da aprovação, metade dos recrutados receberia duas doses da CoronaVac em um intervalo de 14 dias. A figura 11 fundamenta isso.

FIGURA 11 – TESTES DA FASE DE ENSAIOS CLÍNICOS INICIAM

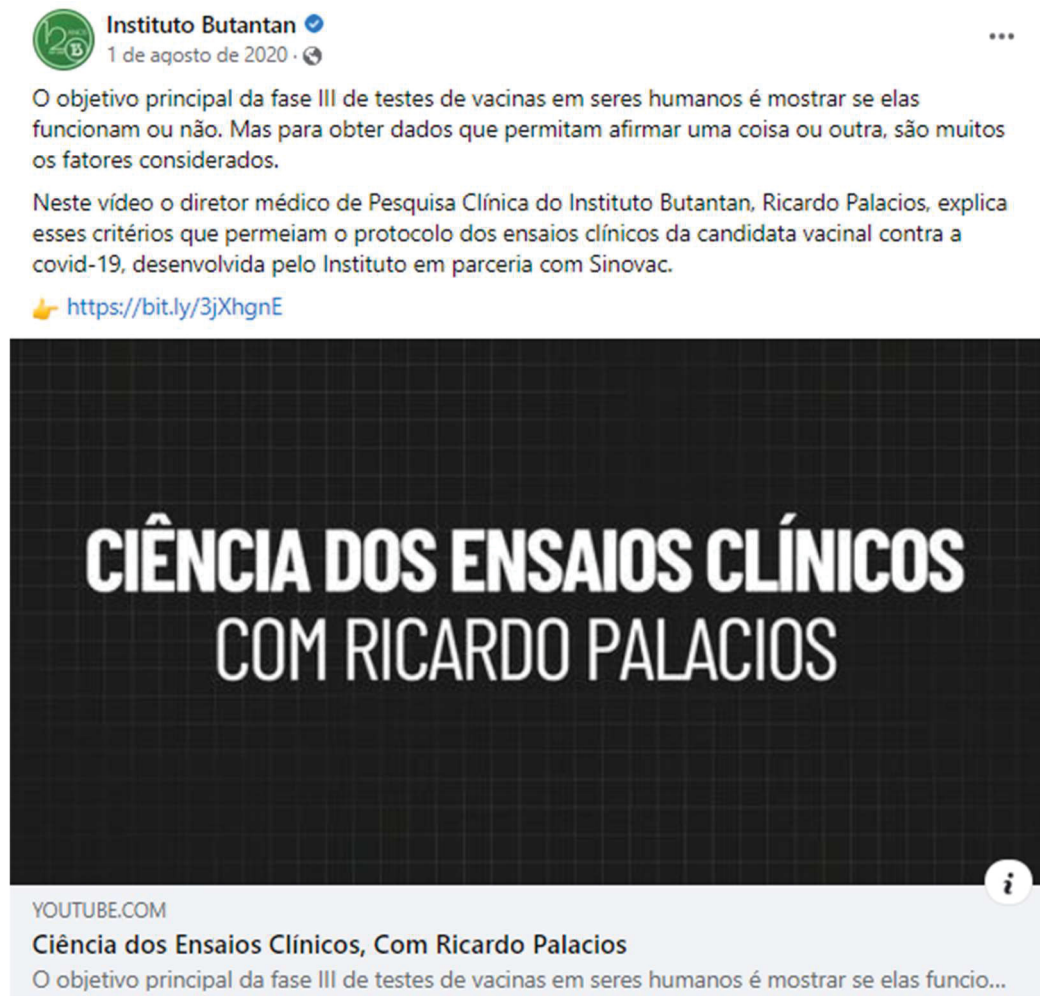


FONTE: BUTANTAN (2020s).

Torna-se imperativo mencionar que o reconhecimento das manifestações acerca dos procedimentos relacionados aos ensaios clínicos impulsionou a ação do Instituto Butantan em evitar o descrédito a esse processo. Isso é devido, pelas incontáveis publicações relacionadas à temática. Nessa seara, é certo que a divulgação dos resultados das terceira etapa dos ensaios clínicos segue a mesma lógica de convencer a audiência sobre a adoção e o seguimento dos protocolos para o desenvolvimento de seus soros e suas vacinas. Essa ação é focada na atuação online daqueles que endossam os discursos de ódio e dos defensores do movimento antivacina que promovem a desinformação e negam, e induzem outros, a desacreditar no real processo científico.

As interações também elucidam a quantidade de centros de pesquisas envolvidos na fase III do processo de desenvolvimento da vacina, que incluem Faculdade de Medicina e Universidades, por exemplo. Em 01 de agosto de 2020, vide figura 12, com a intenção de melhor explicar as etapas para o desenvolvimento das vacinas, Ricardo Palacios, diretor médico de Pesquisa Clínica do Instituto Butantan, esclarece que os ensaios clínicos acompanham o desenvolvimento das vacinas há tempos. Nessa conjuntura, o principal objetivo da fase III da CoronaVac é atestar o funcionamento, ou não, em seres humanos, a partir de uma série de fatores científicos.

FIGURA 12 – CIÊNCIA DOS ENSAIOS CLÍNICOS



FONTE: BUTANTAN (2020t).

Essas inserções serviram de embasamento para justificar o estágio de desenvolvimento da vacina, quando comparada a outras que levaram maior período. No rol de narrativas vinculadas às grandes narrativas dominantes, elenca-se uma das justificativas utilizadas pela massa defensora e antivacina, a qual ironiza a rapidez com que a CoronaVac foi idealizada, desenvolvida e, por consequência, colocada à prova por meio dos ensaios clínicos. Evidencia-se, nesse contexto, que a elaboração e disseminação desta narrativa, intui esclarecer o motivo de tal rapidez, desmistificando a ideia de que o processo para a produção de vacinas levaria uma quantidade muito maior de tempo quando se comparadas outras vacinas como a do sarampo, por exemplo.

Essas informações e opiniões são descontextualizadas e carecem de comprovação, sendo mais associadas a meras desculpas do que verdadeiramente conhecimento assistido e fundamentado. Tanto é que a organização produtora dedica

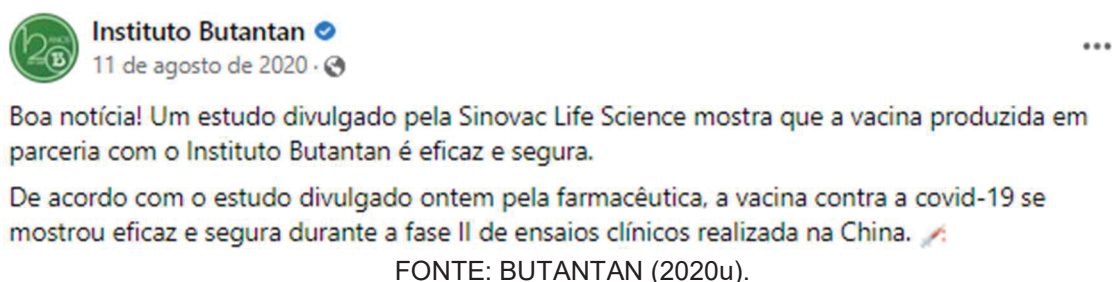
espaço e tempo para ilustrar a importância e, sobretudo, o cuidado e o atendimento aos critérios de rigor e método que possibilitaram atestar a segurança e a eficácia da CoronaVac. Além de segurança aos processos e respeito aos protocolos específicos, a organização demonstra estar interessada em compartilhar o progresso na condução dos testes clínicos. Essa afirmação é corroborada quando são divulgados os primeiros resultados da eficácia e da segurança do imunizante pela farmacêutica Sinovac Life Sciences e é o que caracteriza a segunda narrativa dentro do escopo desta contranarrativa.

#### 4.1.2.2 Os resultados iniciais comprovam a segurança e a eficácia da vacina

Esta discussão incorreu em uma série de postagens, menções, notícias e tamanha sua importância no enredo narrativo, chegou a ser tema de uma sessão de perguntas e respostas com o próprio diretor do Instituto Butantan, Dimas Tadeu Covas. De pronto, a primeira consideração acerca disso é que a organização produtora investiu pesadamente na defesa da eficácia e, por conseguinte, da segurança do imunizante produzido em parceria com biofarmacêutica chinesa Sinovac Life Sciences.

Os primeiros indícios dessa narrativa seguem o comunicado, conforme figura 16, que reitera que a vacina aplicada na fase II, na China, dos ensaios clínicos havia se mostrado segura e eficaz. Notadamente, a partir deste momento, o enredo da contranarrativa passaria a reforçar o processo de desenvolvimento e a eficácia e segurança do imunizante a ser produzido em suas instalações. Esse sentido é ratificado em outros momentos da narrativa quando os primeiros resultados percentuais foram divulgados.

FIGURA 13 – ESTUDO DIVULGADO PELA SINOVAC LIFE SCIENCES



Em setembro, outra pesquisa foi divulgada de acordo com notícia encontrada no sítio eletrônico em 25 de setembro de 2020.

O diretor do Instituto Butantan, Dimas Tadeu Covas e o Governador João Doria anunciaram nesta quarta-feira (23) resultados de uma pesquisa com 50.027 voluntários na China que demonstram que a vacina Coronavac, desenvolvida pelo Instituto Butantan em parceria com a farmacêutica chinesa Sinovac Life Science, é segura e não apresentou reações adversas significativas. Do total de voluntários, 94,7% não tiveram nenhuma reação adversa. Outros 5,36% sentiram efeitos adversos de grau baixo, como dor no local da aplicação, febre moderada e perda de apetite.

"Esses resultados comprovam que a Coronavac tem um excelente perfil de segurança e comprovam também a manifestação feita pela Organização Mundial de Saúde há duas semanas indicando a Coronavac como uma das oito mais promissoras vacinas em desenvolvimento no seu estágio final em todo o mundo", disse Doria.

Começaram na China os testes em crianças e idosos. Entre as pessoas com mais de 60 anos, a vacina foi aplicada em 422 voluntários e os resultados apontaram 97% de resposta imune. Os estudos em crianças têm 552 voluntários de 3 a 17 anos.

"A segurança e eficácia são dois dos principais fatores para comprovar se uma vacina está pronta para uso emergencial na população. Estamos muito otimistas com os resultados que a Coronavac apresentou até o momento. Isso mostra que o Butantan e a Sinovac estão no caminho certo para a produção de um imunizante contra o coronavírus", esclareceu o Diretor do Instituto Butantan, Dimas Covas.

Os estudos clínicos que estão sendo realizados no Brasil desde o dia 21 de julho já aplicaram a vacina em quase 5.600 voluntários, sem nenhum registro de reação adversa grave. Eles são acompanhados pelos 12 Centros de Pesquisa distribuídos por 5 estados brasileiros mais o Distrito Federal. (BUTANTAN, 2020v).

A intenção é clara ao reportar que do total de voluntários, 94,7% não apresentaram reação adversa. Conforme ressalta Dimas Tadeu Covas, a segurança e a eficácia são os principais fatores que indicam se uma vacina está pronta para uso emergencial na população. Esse dado foi corroborado em 19 de outubro do mesmo ano, segundo o que se pode visualizar no trecho acima, quando novos resultados foram divulgados, atestando que a vacina do Butantan era a mais segura das vacinas em fase final de desenvolvimento.

Outra preocupação da organização produtora foi a de apresentar os dados percentuais oriundos de pesquisas com a CoronaVac, especialmente as que remetem e endossam a sua eficácia. Esses resultados foram extensivamente anunciados e utilizados como instrumentos ratificadores e serão mais bem discutidos à frente nesta contranarrativa. Conquanto, neste primeiro momento, um dos trunfos iniciais compartilhados pelo Instituto Butantan é o de que a capacidade de produção de

anticorpos no organismo humano, após a aplicação da CoronaVac, foi constatada em 97% dos casos.

Esse percentual é utilizado em outro comunicado, e enaltece ao enfatizar a resposta imune em 97% dos casos, denotando uma clara associação aos questionamentos do processo para o seu desenvolvimento e da capacidade real de proteção e imunização. Na mesma notícia, pode-se perceber a intenção da organização em demonstrar que além dos procedimentos estarem sendo seguidos, os resultados da vacina já indicavam futura submissão do pedido de autorização emergencial à Anvisa.

Na noite desta terça-feira (17) os resultados dos estudos clínicos da CoronaVac, vacina em desenvolvimento pela parceria entre o Instituto Butantan e a farmacêutica chinesa Sinovac Life Sciences, foram publicados pela revista científica Lancet Infectious Diseases. A publicação mostra que a vacina é segura e tem capacidade de produzir anticorpos no organismo 28 dias após sua aplicação em 97% dos casos.

Os resultados publicados na Lancet, que contam com a revisão de diversos cientistas, são mais um passo importante para o desenvolvimento da vacina, que está em fase 3 de testes em diversas regiões do Brasil desde julho deste ano. Os detalhes da publicação podem ser conferidos no próprio site da Lancet: [https://www.thelancet.com/journals/laninf/article/PIIS1473-3099\(20\)30843-4/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/laninf/article/PIIS1473-3099(20)30843-4/fulltext)

As fases 1 e 2 reuniram 744 voluntários na China, com idades entre 18 e 59 anos. Os dados mostram que as reações adversas foram leves e nenhum efeito adverso sério relacionado à vacina foi identificado. A reação mais comum foi dor no local da aplicação. A taxa de soroconversão entre os voluntários que receberam a vacina, ou seja, produção de anticorpos, ficou acima dos 90%.

O artigo científico apresenta dados que já eram de conhecimento do Instituto Butantan e da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), uma vez que a partir deles foi possível aprovar o uso emergencial em mais de 50 mil pessoas na China e a realização do estudo de fase 3 no Brasil.

### **Estudos clínicos**

Em fase final de estudos no Brasil, a CoronaVac é considerada uma das vacinas mais promissoras no mundo, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), e vem sendo testada em sete estados brasileiros, além do Distrito Federal.

Coordenado pelo Instituto Butantan, os testes envolvem 13 mil profissionais de saúde em 16 centros de pesquisa de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal. Até o momento, mais de 10 mil pessoas já receberam ao menos uma das duas doses da vacina ou placebo.

Para determinar a eficácia da CoronaVac, é preciso que 151 participantes que receberam a substância sejam contaminados pelo coronavírus. A partir desta amostragem, haverá a comparação com o total dos que receberam a vacina e, eventualmente, também tenham diagnóstico positivo de COVID-19. Se o imunizante atingir os índices necessários de eficácia e segurança, deverá ser submetido à avaliação da Anvisa para registro e posterior uso em campanhas de imunização contra o coronavírus. (BUTANTAN, 2020w)

Os resultados encorajadores e a certificação de segurança e eficácia da CoronaVac para a utilização em humanos foram fatores que levaram a um esforço por parte do Instituto Butantan em estabelecer a linha temporal, após a fase III do ensaio clínico ter sido finalizada. A menção aos resultados publicados em uma dos maiores importantes periódicos científicos da área, é considerada uma forma de atestar e, sobretudo, validar os mesmos resultados que as pesquisas do Instituto Butantan e da Sinovac Life Sciences apontavam em relação à eficácia e à segurança da vacina CoronaVac. Como a própria notícia deixa claro, esses dados já eram

de conhecimento do Instituto Butantan e da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), uma vez que a partir deles foi possível aprovar o uso emergencial em mais de 50 mil pessoas na China e a realização do estudo de fase 3 no Brasil. (BUTANTAN, 2020w).

Esse movimento por si só, resume a situação em que a organização se viu inserida. Se outrora, não era necessário que houvesse justificativas e explicações mais acuradas sobre os seus produtos e processos, com o advento da pandemia de Covid-19 e da dinâmica contextual, cujas grandes narrativas são elucidações, foi preciso recorrer a trabalhos e pesquisas de outros pesquisadores para que essas chancelassem a credibilidade do Instituto Butantan. Esse movimento é recorrente e nitidamente observado ao longo do período pandêmico relacionado a esta pesquisa.


Infere-se que a intenção da organização é associar tais resultados aos próximos passos no que se refere ao desenvolvimento das vacinas. Diante disso, em 04 de dezembro de 2020, a organização produtora publicava em seu perfil no Facebook, uma imagem onde se pode observar o seguinte questionamento: o que é a fase IV em um desenvolvimento de vacinas? A figura 14 apresenta esta imagem e nela se identifica a resposta que a organização preconiza fomentar. De forma clara e objetiva,

a fase 4 refere-se a produtos que já foram registrados, isso quer dizer que os dados de segurança e eficácia dos estudos clínicos de fase 3 já foram enviados e registrados nos órgãos regulatórios. (BUTANTAN, 2020x).

Reconhece-se a intenção do Instituto Butantan é o de dialogar com o público, posicionando a sua atuação e o seu dever para com os protocolos científicos, mas principalmente com a preservação e proteção da saúde da população brasileira. Isso é visualizado não apenas pela preocupação de expor os dados e os resultados das


pesquisas iniciais em relação à vacina, mas de compartilhar os seus passos em direção à produção de um imunizante capaz de combater o novo coronavírus no Brasil, e proporcionar tranquilidade a sua população ao possibilitar uma imunidade coletiva a partir da aplicação do imunizante. A volta disso, percebeu-se que as palavras eficácia e segurança eram constantemente expressas, muito por conta da vinculação que a organização primou por ilustrar, associando essas duas características a vacina, como resultado do processo de desenvolvimento e das etapas ensaios clínicos concluídos.

FIGURA 14 – FASE 4 DO DESENVOLVIMENTO DE VACINAS

 Instituto Butantan  
4 de dezembro de 2020



Você sabia que após a aprovação de uma vacina, existe um estudo regulamentado para acompanhar continuamente todas as intercorrências que podem acontecer?

Confira nesse último post [#especialdevacinas](#) do Instituto Butantan!



**O que é a FASE 4 em um desenvolvimento de vacinas?**

A **FASE 4** refere-se a produtos que já foram registrados, isso quer dizer que os dados de **SEGURANÇA** e **EFICÁCIA** dos estudos clínicos de fase 3 já foram enviados e registrados nos órgãos regulatórios.




 INSTITUTO BUTANTAN  
 SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO

FONTE: BUTANTAN (2020x).


Por conta desses resultados expressivos e considerados um avanço comprovado no combate ao novo coronavírus é que o pioneiro estado de São Paulo anunciava a primeira fase do Plano Estadual de Imunização de SP, antes mesmo da vacina ter sido enviada e aprovada para uso emergencial pela Anvisa. A confiança da organização produtora em seus processos e produtos é evidenciada neste momento, pois parece não haver dúvidas ou impedimentos para que a campanha de vacinação

seja iniciada a partir da vacina produzida pelas instalações e com o *know-how* do Instituto Butantan.

FIGURA 15 – PLANO ESTADUAL DE IMUNIZAÇÃO

 Instituto Butantan   
8 de dezembro de 2020 ·  ...

Anunciamos ontem a primeira fase do Plano Estadual de Imunização de SP. Serão 5.200 postos de vacinação disponíveis de segunda a segunda, a partir das 7h, podendo se expandir para até 10.000 pontos. Enviaremos os resultados da fase 3 de testes para a Anvisa e, após sua aprovação, iniciaremos a imunização em SP com profissionais de saúde, idosos, indígenas e quilombolas. A vacina que salva vidas está chegando. [#podeconfiar](#) [#compartilhebem](#) [#édoButantan](#) [#VacinaDaVida](#)



PÚBLICO ALVO	1ª DOSE	2ª DOSE
Trabalhadores da Saúde, Indígenas e Quilombolas	25 JAN	15 FEV
75 anos ou mais	08 FEV	01 MAR
70 a 74 anos	15 FEV	08 MAR
65 a 69 anos	22 FEV	15 MAR
60 a 64 anos	01 MAR	22 MAR

FONTE: BUTANTAN (2020y).

A aprovação emergencial da CoronaVac pela Anvisa ocorreu em 17 de janeiro de 2021 e foi condicionada enquanto o Ministério da Saúde brasileiro reconhecesse a emergência devido a pandemia de Covid-19. Assim que autorizada, a imunização teve início e nas palavras do diretor Dimas Tadeu Covas, o início da campanha de vacinação com a CoronaVac representa

uma vitória da ciência brasileira, do compromisso de técnicos e colaboradores que não mediaram esforços para produzir a vacina. O Butantan, mais uma vez, reafirma seu compromisso com o país. O dia é histórico. (BUTANTAN, 2021a).

Do excerto, pode-se mais uma vez apreender o enredo que esta narrativa pretendeu fomentar e sobretudo a quem. Com a sua reputação em jogo e com a CoronaVac em um processo de desacreditação, é clara a intenção da organização em afirmar que a produção da vacina e o seu oferecimento à população eram uma vitória da ciência brasileira, em clara associação ao papel, mesmo que sob ataque, do Instituto Butantan. O foco, além de salientar essa atuação, é também alusivo à parcela defensora dos métodos alternativos, como o kit Covid, comprovadamente ineficazes, que estiveram em alta durante a pandemia. Mas também, ainda, como uma forma de dar um ponto final ao movimento que, ao longo do processo de desenvolvimento, questionou os preceitos científicos que fundamentaram a vacina, em razão da velocidade das etapas do ensaio clínico e, conseqüentemente, da aprovação para uso emergencial na população.

Com o avanço da doença, proporcionado não apenas pela não adesão à campanha de vacinação brasileira, e nesse momento é apropriado afirmar que isso é atribuído ao movimento negacionista e antivacina, mutações da doença foram detectadas. A descoberta das novas cepas incorreu em uma série de pesquisas que pudessem atestar a eficácia da CoronaVac para com as cepas mutações. Nesse contexto, em 09 de fevereiro de 2021, os primeiros resultados contra as recém-descobertas cepas sul-africana e britânica indicavam que a vacina CoronaVac apresentava melhor desempenho no combate a essas mutações. A tecnologia utilizada pelo Instituto Butantan para a produção da vacina mostrou-se eficaz contra essas variantes. (BUTANTAN, 2021b).

A organização produtora mostrou-se engajada em compartilhar também esses resultados acerca da eficácia da vacina, indicando uma forma de incentivo aos que ainda não haviam decidido imunizar-se. As postagens enfatizaram as taxas de eficácia e a não apresentação de efeitos adversos. Entretanto, apesar dessas informações sendo compartilhadas, o grande momento dentro desta narrativa está vinculado a divulgação final dos resultados após o encerramento da fase III dos ensaios clínicos, onde se apresentou o percentual de eficácia geral da CoronaVac. Os resultados mostraram, após a fase III dos ensaios clínicos, que em casos graves e moderados a

eficácia da vacina é de 100%. Nos casos leves da doença, a eficácia é de 78% e nos muito leves, 50,38%.

O Instituto Butantan, na postagem, salienta que a composição dos percentuais deve ser compreendida a partir da seguinte leitura. Com a vacina, há 50,38% menos chances de que alguém contraia a doença. Se após a vacina, alguém contrair a Covid-19, são 78% de chance de não ser necessário qualquer atendimento médico e a certeza total, 100%, de que a doença não se agravará.

Em meados de janeiro, a vacina do Butantan começou a ser usada pela população brasileira, após ter sua eficácia e segurança comprovadas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). A autorização da Anvisa foi dada com base nos resultados dos testes e estudos clínicos que começaram em julho do ano passado em sete estados, incluindo o DF. O estudo foi realizado com 13.060 voluntários, todos profissionais da saúde e expostos diariamente à Covid-19. Metade do grupo recebeu placebo e a outra metade tomou a vacina.

Desde o início dos estudos, 252 pessoas foram infectadas: 167 do grupo placebo e 87 que tomaram a vacina. É importante destacar que entre os vacinados, não houve nenhum caso grave e nem moderado.

Os resultados do estudo da fase 3 mostraram que nos casos graves e moderados a eficácia é de 100%. Para os casos leves, 78% e, nos muito leves, 50,38%. Isso significa que temos 50,38% menos chances de contrair a doença. Se contraírmos, há 78% de chance de não precisarmos de qualquer atendimento médico e 100% de certeza de que a enfermidade não vai se agravar.

Já muito utilizada entre as produções do Butantan, a tecnologia do vírus inativado funciona da seguinte forma: o vírus é cultivado e multiplicado numa cultura de células e depois inativado por meio de calor ou produto químico. Ou seja, o corpo que recebe a vacina com o vírus – já inativado – começa a gerar os anticorpos necessários no combate da doença.

Após tomar a vacina, quem contrair o vírus não desenvolverá a doença, mas poderá transmiti-la. As vacinas atuam na prevenção e evitam o contágio, induzindo a criação de anticorpos por parte do sistema imunológico.

### **Outras dúvidas sobre a CoronaVac**

>> Por que a eficácia muda de uma vacina para outra?

A eficácia de cada estudo muda dependendo do ensaio clínico conduzido. Os critérios podem ser diferentes de país para país e fatores como quantidade de voluntários testados, nível de exposição ou contato com o vírus – inclusive a maneira como os sintomas foram percebidos ou acompanhados durante os testes – contribuem para diferentes resultados.

>> Por que a eficácia da CoronaVac é menor?

O estudo traçou um estudo diferenciado ao selecionar somente profissionais da saúde e que atuam diretamente na linha de frente. Nenhuma das demais vacinas foi testada em um ambiente de incidência tão alta. Nossa vacina ter apresentado uma eficácia de 50,38% não quer dizer que não seja boa. Pelo contrário, a eficácia de 50,38% da CoronaVac está dentro do recomendado estabelecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pela Anvisa, e quando comparada a outras vacinas como a da gripe, por exemplo, a eficácia é ainda maior.

>> Qual a principal vantagem dessa vacina?

A vantagem da CoronaVac comparada a outras vacinas é a logística de armazenamento e distribuição, já que a temperatura de conservação exigida

é entre 2°C e 8°C, média que os freezers disponíveis no Brasil utilizam para outras vacinas.

>> Quais os efeitos adversos da vacina?

Os efeitos mais comuns apresentados após a vacina foram: dor no local da aplicação e dor de cabeça após a primeira dose. Também não foram registrados efeitos adversos graves e de interesse especial relacionados à vacinação.

>> Quem pode tomar a vacina e quantas doses serão necessárias?

Inicialmente, o programa de imunização terá como alvo profissionais da saúde, pessoas com mais de 60 anos, indígenas e quilombolas. Terminada essa primeira fase da campanha, os demais grupos serão vacinados. Crianças e grávidas não entraram nos primeiros testes, mas participarão em breve dos estudos do Butantan.

As duas doses da vacina somam 50,38% de eficácia e, durante o estudo, a segunda dose foi aplicada num intervalo de 14 a 28 dias em relação à primeira. (BUTANTAN, 2021c).

Esta narrativa se encerra com a apresentação e o esclarecimento acerca dos percentuais divulgados com o encerramento da fase III dos ensaios clínicos. É imprescindível notar que tais resultados foram cruciais para a autorização, em caráter emergencial, do uso do imunizante na população brasileira. Todavia, o que de fato é colocado em jogo vai muito além de números percentuais e explicações intensas acerca do processo que atesta uma vacina como eficaz e segura. Na roda-viva em que o Instituto Butantan se viu inserido, jogar as regras do jogo pareceu não mais ser o único fator necessário. Há aqui o movimento de diálogo e reafirmação das suas competências, que vai muito além do fazer ciência.

#### 4.1.2.3 Projeto Serrana: um exemplo de que a ciência brasileira é competente

O denominado Projeto Serrana, inicialmente Projeto S, foi idealizado pelo Instituto Butantan como uma iniciativa pioneira, cujo objetivo era avaliar o impacto da vacinação em uma população inteira, o estudo é pioneiro no curso da pandemia do novo coronavírus. O município de Serrana, no estado de São Paulo, foi escolhido em função de três critérios: ser um município pequeno; apresentar altas taxas de infecção pelo novo coronavírus, para que impacto da vacinação pudesse ser medido; e, por fim, estar próximo ou até mesmo conter um centro de pesquisa.

Sobre essa ideia, Dimas Tadeu Covas destacou que

esse Projeto Serrana, Projeto S, é um projeto muito ambicioso que eu uma vez lá elucubrando falei: mas por que a gente não faz um estudo do impacto da vacina numa população inteira. Isso não é habitual. Habitual é fazer o estudo clínico, como esses que foram feitos, pra verificar qual que é a eficácia da vacina em relação a proteção contra a doença. Mas nenhum desses

estudos ele foi desenhado pra demonstrar o efeito da vacina sobre a epidemia propriamente dita e sobre as graves condições que a epidemia determina. (BUTANTAN, 2021d)

O intuito do projeto é que toda a população adulta do município, cerca de trinta mil habitantes, fosse vacinada com as duas doses da CoronaVac. A estimativa era que em três semanas toda a localidade fosse integralmente imunizada, permitindo mostrar ao mundo, qual o efeito da CoronaVac na transmissão do novo coronavírus após as duas doses da vacina. Além disso, também se pretendia avaliar a redução da sobrecarga do sistema de saúde e identificar o percentual de aceitação da vacina produzida pelo Instituto Butantan.

Ao longo da narrativa, infere-se que o intuito da organização é o de não apenas realçar a eficácia do imunizante, mas também o de evidenciar por meio de uma pesquisa científica, que a CoronaVac se atinha aos seus propósitos e era comprovadamente indicada para fomentar e atingir a imunidade coletiva e, conseqüentemente, controlar a pandemia de Covid-19. A pesquisa é inovadora e além de mostrar empiricamente a ação da vacina e os resultados dela provenientes em uma pequena localidade, serviu para constatar os seus benefícios.

De outro modo, mesmo com todos os resultados da fase III divulgados, a organização ainda apresenta uma inquietude para confrontar as grandes narrativas contextuais, que insistiam em desmerecer a vacina. Muito embora a própria organização divulgasse o grande sucesso do projeto, indicando números expressivos de adesão do público-alvo superiores a 90%, tanto na primeira dose quanto na segunda de aplicação da CoronaVac, nem mesmo isso foi suficiente para evitar a disseminação de *fake news*, como se pode observar na figura na publicação de 04 de abril de 2021.

FIGURA 16 – FAKE NEWS TAMBÉM É VÍRUS



FONTE: BUTANTAN (2021e).

A publicação mostra uma notícia sendo divulgada em uma rede social, afirmando que após a finalização do Projeto Serrana, os resultados eram preocupantes. Em função disso, o Instituto Butantan veio a público para esclarecer que a vacinação, ao contrário do que havia sido informado, não estava concluída, com

apenas 65,3% do público-alvo vacinado com as duas doses do imunizante. Nessa mesma inserção, ratifica-se que o imunizante é aplicado em 90% dos brasileiros, por ser seguro e eficaz.

Com a finalização dos ciclos de vacinação, e após o interstício de três meses planejados para a análise e o monitoramento, o Projeto Serrana compartilhava seus resultados com o grande público. A divulgação dos resultados positivos foi intensificada em função dos números obtidos com a pesquisa. Verificou-se que após a vacinação com a CoronaVac, houve uma redução de 80% nos números de infectados, 86% no quantitativo de internações, e, robustos, 95% na quantidade de óbitos por conta do novo coronavírus.

A imunização de toda a população adulta do município de Serrana, no interior paulista, com a vacina CoronaVac, do Butantan, fez os casos sintomáticos de Covid-19 despencarem 80%, as internações, 86%, e as mortes, 95% após a segunda vacinação do último grupo. Essa é a principal conclusão do Projeto S, estudo clínico de efetividade inédito no mundo realizado pelo instituto na cidade. A redução foi constatada por meio da comparação dos dados desde o início do projeto – até completar a vacinação de todos os grupos – com o restante do trimestre avaliado (fevereiro, março e abril de 2021).

Os resultados também mostraram que a vacinação protege tanto os adultos que receberam as duas doses do imunizante quanto as crianças e adolescentes com menos de 18 anos, que não foram vacinados. "A redução de casos em pessoas que não receberam a vacina indica a queda da circulação do vírus. Isso reforça a vacinação como uma medida de saúde pública, e não somente individual", explica o diretor de ensaios clínicos do Instituto Butantan, Ricardo Palacios, também diretor do estudo.

Outra conclusão importante é a avaliação da incidência da doença em Serrana na comparação com as cidades vizinhas. Serrana tem cerca de 10 mil moradores que trabalham em Ribeirão Preto diariamente. Porém, enquanto Ribeirão Preto e cidades da região vêm apresentando alta nos casos de Covid-19, Serrana manteve taxas de incidência baixas graças à vacinação. Ou seja, além da queda das infecções, os moradores que transitam em outras cidades não trouxeram um incremento relevante nos casos. O Projeto S criou um "cinturão imunológico" em Serrana, uma barreira coletiva contra o vírus, reduzindo drasticamente a transmissão no município. [...]. (BUTANTAN, 2021f).

A idealização inovadora do Projeto Serrana é um marco no combate da pandemia da Covid-19. Se mesmo antes do projeto, os dados eram animadores e a vacina comprovadamente capaz de atuar contra o novo coronavírus, após o Projeto Serrana, essa certeza era endossada. Todavia, não fica exatamente clara a motivação da pesquisa. A suposição de que esteja definitivamente ligada ao escrutínio e a histeria coletiva envolvendo a aplicação da vacina figura como uma forte razão, mas também existe a possibilidade de que isso não seja o principal fator motivacional. Como instituição ligada à pesquisa e à ciência, desenvolver e encontrar novas

evidências que possam corroborar com eventos futuros, a exemplo da pandemia da Covid-19, solucionar problemas e apresentar soluções, também figura como sua responsabilidade. Reconhece-se, contudo, a importância do Projeto Serrana e demonstrar a ciência em ação e a sua capacidade para lidar com as inconsistências e as incoerências no percurso da vida humana.

#### 4.1.2.4 A eficácia da CoronaVac é comprovada por outras pesquisas científicas

Após a finalização do Projeto Serrana, percebeu-se a emergência de outra narrativa, que predominou até quase o final do período selecionado para esta pesquisa. Trata-se da divulgação de pesquisas conduzidas por outras instituições científicas que corroboram e convalidam não apenas os resultados divulgados acerca da eficácia geral após o término da fase III dos ensaios clínicos, mas também os resultados apresentados pelo Projeto Serrana. A primeira incursão, nesse contexto, é divulgada em 12 de maio de 2021, conforme se observa na transcrição abaixo.

Nesta terça-feira (11), a agência de notícias Bloomberg divulgou um estudo preliminar conduzido na Indonésia que mostrou que a CoronaVac teve eficácia de 98% na prevenção de mortes e de 96% para evitar hospitalizações. As informações foram divulgadas por um oficial do Ministério da Saúde do país em coletiva de imprensa.

A pesquisa analisou dados de 128.290 profissionais da área da saúde que receberam o imunizante, desenvolvido pela biofarmacêutica chinesa Sinovac, entre janeiro e março deste ano na capital do país. Foram comparadas pessoas vacinadas com pessoas não vacinadas. O estudo também apontou que a vacina ainda preveniu a infecção sintomática em 94% dos profissionais de saúde pesquisados.

Anteriormente, o ministro da saúde da Indonésia havia revelado em entrevista à Bloomberg uma versão menor do estudo, envolvendo 25.374 pessoas. Nele, foi identificada a mesma eficácia nos números de infecção sintomática e hospitalização, além de 100% de proteção contra mortes. Os dados sinalizam que a CoronaVac tem uma eficácia ainda maior do que a verificada nas fases de testes.

No Brasil, a CoronaVac é desenvolvida pelo Instituto Butantan em parceria com a Sinovac. Até o momento, já foram entregues 46,112 milhões de doses da vacina ao Programa Nacional de Imunizações (PNI), do Ministério da Saúde. (BUTANTAN, 2021g).

De acordo com a notícia, um estudo preliminar conduzido na Indonésia apontou que a CoronaVac era 98% eficaz na prevenção de óbitos e 96% na prevenção de hospitalizações e internações. Por conta dos resultados apresentados pelo imunizante, a CoronaVac foi também aprovada pela WHO para o uso emergencial contra a Covid-19. A intencionalidade das publicações, nesse ponto, está associada

primordialmente a questionamentos relacionados aos dados dos ensaios clínicos não terem sido divulgados e a considerada baixa eficácia geral da vacina. É válido lembrar que a CoronaVac apontou 50,38% de eficácia geral, significando que com a vacina há 50,38% menos chances de alguém contrair a doença.

Conforme se percebe ao longo desta narrativa, a organização elenca vários estudos que aludem a eficácia e a segurança da vacina produzida no Brasil. A própria organização fez parte desse processo, ao conduzir uma pesquisa de aprofundamento, cujos dados revelaram resultados ainda mais promissores do que os encontrados na fase III dos ensaios clínicos.

[...]. Inicialmente, o estudo clínico de fase 3 indicava que, para os casos moderados e graves, que necessitam de assistência médica, a eficácia da vacina variava entre 78% e 100%. Nos resultados da nova pesquisa, no entanto, o imunizante se mostrou eficaz entre 83,7% e 100% dos casos. Isso significa que a CoronaVac tem a capacidade de reduzir a maioria dos casos que exigem algum cuidado médico.

O artigo ainda sugere que a CoronaVac, imunizante desenvolvido em parceria com a biofarmacêutica chinesa Sinovac, é capaz de proteger contra as variantes P.1 e P.2 do novo coronavírus. [...]. (BUTANTAN, 2021h).

A divulgação não se limitou apenas a questões de eficácia, mas também sobre a capacidade de atuação da CoronaVac no enfrentamento das mutações identificadas. Conforme compartilhado, a vacina não apenas é eficaz contra as variantes P.1 e P.2, mas também contra a delta. A efetividade contra essa variante é noticiada em 18 de agosto de 2021.

O presidente do Butantan, Dimas Covas, comentou nesta quarta (18) sobre o estudo feito por pesquisadores do Centro de Controle e Prevenção de Doenças da província de Cantão (Guangdong), na China, sobre a CoronaVac, vacina produzida pelo instituto em parceria com a farmacêutica chinesa Sinovac, e comemorou os bons indicadores alcançados contra a variante delta (B.1.617.2, indiana).

“É uma boa notícia. Um dos primeiros estudos de mundo real demonstrando a efetividade da CoronaVac contra a variante delta, que é uma variante que preocupa o mundo inteiro nesse momento. E não houve nenhum óbito no grupo que foi vacinado”, disse o presidente do Butantan em coletiva de imprensa no Palácio dos Bandeirantes, em São Paulo.

O artigo sobre a pesquisa, publicado na plataforma de preprints SSRN, ligada à The Lancet, mostra que duas doses da CoronaVac têm entre 69% e 77% de eficácia na proteção contra pneumonia causada por infecção da variante delta do vírus SARS-CoV-2. A pneumonia é um dos desdobramentos mais graves provocados pela Covid-19. [...]. (BUTANTAN, 2021h).

Nas redes sociais, o Instituto Butantan ressaltava essas características, novamente, ecoando e salientando a eficácia e a segurança do imunizante, por meio

de postagens em que se pode visualizar a ratificação da eficácia. A figura 17 mostra o depoimento de uma pessoa, cujos pais completaram o ciclo vacinal com as duas doses do imunizante, mas desenvolveram apenas sintomas leves da doença. A prática, é identificada como recorrente e habitual, intui incentivar a vacinação e, em outras palavras, persuadir os indecisos e quem mais tivesse alguma objeção, preconceito ou, mesmo, desconfiança quanto ao imunizante.

FIGURA 17 – A EFICÁCIA DA CORONAVAC TÁ ON!

 Instituto Butantan ✓  
26 de setembro de 2021 · 🌐

São inúmeros os depoimentos comprovando a efetividade da Coronavac, sobretudo na proteção dos idosos. Os testemunhos estimulam o trabalho incansável de milhares de colaboradores do Instituto e reconhecem a eficácia da nossa vacina para reduzir casos graves e mortes por Covid-19. Muito obrigado pela confiança.

[#Podeconfiar](#) [#ÉdoButantan](#) [#VacinadoButantan](#) [#Butantan120Anos](#)

# A EFICÁCIA DA CORONAVAC TÁ ON!

 **aureanaferro** Meus pais foram vacinados com a Coronavac e foram contaminados pelo Coronavírus. Graças a Deus ,mesmo com 82 e 83 anos, os sintomas estão leves. Estão no 10º dia dos primeiros sintomas e estão se recuperando muito bem a cada dia. 🙏



**INSTITUTO BUTANTAN**  
A serviço da vida



**SÃO PAULO**  
GOVERNO DO ESTADO

FONTE: BUTANTAN (2021j).

A eficácia da vacina foi também alvo de críticas quanto a sua disponibilização às outras faixas, especialmente, adolescentes e crianças. Contudo, conforme pesquisas apontaram, a CoronaVac não é apenas indicada para adolescentes, mas também para crianças entre sete meses e cinco anos. Uma pesquisa feita em 27 crianças atestou a eficácia nessa faixa etária e a segurança para aplicação em massa. A transcrição abaixo ilustra a notícia.

Um estudo de vacinação com a CoronaVac realizado por cientistas do Instituto Adolfo Lutz, do Instituto de Infectologia Emílio Ribas e da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo concluiu que a CoronaVac é segura e imunogênica para crianças. A pesquisa foi realizada com 27 brasileiros, com idades entre sete meses e cinco anos, que receberam a vacina do Butantan e da farmacêutica chinesa Sinovac de modo inadvertido nas cidades de Diadema e Itirapina, no estado de São Paulo. Apenas uma delas apresentou sintomas leves, sem outros eventos adversos importantes registrados durante o acompanhamento de 30 dias.

As crianças participantes do estudo buscaram unidades básicas de saúde (UBS) para tomar a vacina da influenza, mas acabaram recebendo por engano a CoronaVac. O evento foi imediatamente comunicado às secretarias de saúde de cada município e, em relação ao evento adverso, ao sistema de vigilância vacinal. O Centro de Vigilância Epidemiológica da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (CVE) e o Instituto Adolfo Lutz atenderam as secretarias de Itirapina e Diadema.

As 27 crianças vacinadas com uma única dose foram monitoradas por pediatras, que coletaram amostras de soro na primeira consulta (nove dias após a vacinação) e após 30 dias da imunização. A única criança que relatou efeitos adversos tinha dois anos e apresentou coriza na primeira consulta após a vacinação.

Todas as crianças foram testadas para sorologia SARS-CoV-2 S1 com proteína OrthoIgG anti-S1 total e Cpass, um método que permite a rápida detecção de anticorpos neutralizantes totais. Cinco delas tinham título de proteína IgG total superior a 1.0 (testes de reagentes) entre três e nove dias após a vacinação. Do total, 19 tiveram o sangue coletado 30 dias depois da aplicação e também apresentaram títulos totais de proteína IgG spike superior a 1.0. Quatro das cinco crianças que apresentaram teste reagente na primeira consulta foram testadas novamente um mês depois da imunização e apresentaram aumento da proteína spike IgG anti S1 total, passando de uma média de 10,4 para 20,5.

Os objetivos do estudo eram descrever a resposta da saúde pública a um erro programático e monitorar a segurança, tolerabilidade e soroconversão da vacina por meio da detecção da quantidade total de anticorpos IgG contra a proteína spike SARS-CoV-2 S1 após a vacinação de crianças com CoronaVac. (BUTANTAN, 2022a).

A aplicação da vacina em crianças também levou a organização a divulgar uma série de outras pesquisas para refutar o que, erroneamente, era dito, curtido e compartilhado nas redes sociais, ao atrelar a vacinação ao surgimento de complicações e outras doenças, inclusive, associando a sua aplicação ao risco de morte. Uma dessas pesquisas foi conduzida no Chile, durante o surto da variante ômicron, e demonstrou que a CoronaVac forneceu 69% de proteção contra a

internações em unidades de terapia intensiva, 64,6% contra hospitalização e 38,2% contra a infecção pelo novo coronavírus.

Uma pesquisa conduzida no Chile durante o surto da variante ômicron do SARS-CoV-2, publicada nesta segunda (23) na revista científica *Nature Medicine*, demonstrou que a CoronaVac em crianças de 3 a 5 anos forneceu proteção de quase 70% contra internação em Unidade de Terapia Intensiva (UTI) por Covid-19. Os resultados foram divulgados em março no formato preprint e foram aceitos pela revista após revisão de pares. O artigo foi disponibilizado para a comunidade científica enquanto passa pela edição final.

Participaram do estudo 516.250 crianças de 3 a 5 anos filiadas ao Fundo Nacional de Saúde (FONASA), sistema público de saúde do Chile. Destas, 490.694 receberam a CoronaVac com intervalo de 28 dias entre as duas doses, e as demais do grupo controle não foram imunizadas. A efetividade da vacina foi de 69% contra internação em UTI, 64,6% contra hospitalização e 38,2% contra a infecção por Covid-19.

Vale ressaltar que a pesquisa foi feita durante o surto da ômicron, variante de preocupação que segue responsável por 100% dos casos de Covid-19 no estado de São Paulo, segundo o último boletim da Rede de Alerta das Variantes. Outro estudo recente, conduzido em Xangai, na China, revelou que a CoronaVac reduziu o risco da forma grave da Covid-19 nas crianças a partir de 3 anos, mesmo durante a circulação da ômicron. (BUTANTAN, 2022b).

O movimento que pontuou a propagação de pesquisas que atestassem e validassem não somente a eficácia, mas a segurança da CoronaVac nas mais variadas faixas etárias, foi percebido em toda essa narrativa. O intuito é pontuado por, novamente, reforçar a capacidade da CoronaVac, a partir de outras fontes, quanto àqueles atributos mencionados – considerados fundamentais no combate ao novo coronavírus, sobretudo, em função da atuação de uma corrente contrária, operante e assumida como verdadeira perante grande parte dos brasileiros.

Pesquisas são também realizadas a partir de resultados de pesquisas já conduzidas, e isso é o que engrandece a ciência. Nada é estático, tampouco imutável. Ao compartilhar os estudos de outros pesquisadores, o Instituto Butantan declara intuitivamente que conhece este processo e faz parte deste movimento, enaltece sua posição enquanto organização da ciência. Por conseguinte, percebeu-se que apesar das inúmeras tentativas de ilustrar isso, o confronto do Instituto Butantan não foi com outros expositores da ciência, mas sim com ideias, pensamentos e ‘verdades’ introjetadas e enraizadas no contexto brasileiro, as quais se fizeram conhecidas por meio das grandes narrativas que evidenciaram o embate em que o Instituto Butantan e a Fiocruz se viram envolvidos.

## 4.2 A CONTRANARRATIVA DA FIOCRUZ, E O SEU PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS, NO CONTEXTO POPULISTA BRASILEIRO DIANTE DA PANDEMIA DE COVID-19

A Fundação Oswaldo Cruz, diferentemente do que ocorreu com o Instituto Butantan, apresentou apenas uma contranarrativa. Enquanto o Instituto Butantan pareceu ter que reafirmar seu papel como organização científica e ser capaz de atuar contra o novo coronavírus bem como defender extensivamente a vacina CoronaVac, em razão dos incessantes apontamentos críticos e duvidosos quanto a sua eficácia e a sua segurança, a Fiocruz não seguiu o mesmo caminho. Isso pois, não parece ter havido um movimento específico que atingisse a organização. Nota-se, doravante, que essa acepção é puramente contextual e oriunda da percepção a partir dos dados obtidos e analisados.

Apesar da intensa presença online e das várias informações disseminadas nas redes sociais e em seu portal de notícias, foi possível apreender que a organização produtora atuou, em relação ao recorte temporal desta pesquisa, como um centro de informações fidedignas, legítimas e explicativas à população brasileira. Ao contrário das contranarrativas da organização antecessora, que preconizaram ratificar ou atestar algo, a da Fiocruz propõe outra abordagem. Nesse contexto, a contranarrativa identificada, cujo intuito é enaltecer a atuação da Fiocruz como um *hub* da ciência, é: (i) a Fiocruz é *hub* da ciência e atua em prol da sociedade brasileira.

### 4.2.1 A Fiocruz é *hub* da ciência e atua em prol da sociedade brasileira

[...]. A atividade física regular reduz em 34% o risco de internação no caso de Covid. Falei lá trás, no meu caso, eu falei né, pelo meu passado de atleta, eu não generalizei, se pegasse o Covid ano sentiria quase nada. É o que eu falei. Mas o pessoal da mídia, da grande mídia, falando que eu chamei de gripezinha a questão do Covid. Não existe um vídeo ou um áudio meu, falando dessa forma. “Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar não, tá ok?”. (BBC NEWS BRASIL, 2020a).

[...]. Repito pra vocês: se fosse a minha mãe, minha mãe tá com 93 anos de idade, eu vou atrás dela, pego o médico e ela, seria, usaria a hidroxicloquina. Enquanto não tivermos algo comprovado no mundo, temos isso no Brasil aqui. Que pode dar certo, pode não dar certo. Nós vamos partir para cloroquina. Imediatamente. Não tem que esperar. [...]. (BBC NEWS BRASIL, 2020b).

[...]. O efeito colateral do combate ao vírus, tá sendo mais danoso do que o próprio remédio. O *lockdown* não é remédio. Agora até quando nós vamos

resistir a isso aí? Aqui no DF, toma-se medida por decreto de estado de sítio de dez, vinte e duas horas, às cinco da manhã, ninguém pode andar. Só eu poderia tomar uma medida dessa e assim mesmo ouvindo o Congresso Nacional. Então na verdade uma medida extrema dessa só o Presidente da República e o Congresso Nacional poderiam tomá-la. E nós vamos deixando isso acontecer. Ficamos praticamente um ano em *lockdown*. E começamos esse ano, como estamos vendo em alguns estado do Brasil, novas medidas seriamente restritivas, até pra cancelar o futebol. Baseado no que fazem isso? Se até mesmo a desacreditada OMS diz que o *lockdown* não serve pra combater a pandemia. Ela tem apenas, ou melhor, ela apenas tem uma consequência: transformar os pobres em mais pobres. Estamos perdendo mais de um ano no tocante à educação. Sou preocupado com vidas, antes que peguem o extrato da minha conversa alguém e publique nos jornais, como se fosse um presidente sem coração. Mas, como sempre disse, a economia e a vida têm que andar de mãos dadas. Temos dois problemas que se agravam: o vírus e o desemprego. [...]. (UOL, 2021b).

A atuação da Fiocruz perante a pandemia de Covid-19 não se resumiu a apenas ilustrar o posicionamento da ciência no combate ao novo coronavírus. Pelo contrário, esta contranarrativa apresenta um horizonte mais amplo e diversificado. Isso é destacado porque se apreende que as grandes narrativas do contexto populista brasileiro parecem não ter feito a organização produtora de alvo, como o que aconteceu com o Instituto Butantan.

Não se observa um movimento narrativo voltado exclusivamente a um fim específico, como a preservação de sua integridade científica ou a recuperação da legitimidade e reputação organizacionais, por exemplo. Muito embora, as grandes narrativas tenham sim direcionado esforços para a elaboração contranarrativa na Fiocruz, como poderá ser visualizado adiante, o que se observou é que as narrativas decorrentes deste processo são mais gerais e explicativas em relação ao fazer ciência e ao papel que a Fiocruz desempenhou ao longo da pandemia da Covid-19.

#### 4.2.1.1 Nosso papel é fornecer informações de qualidade

A primeira narrativa oriunda do posicionamento da Fiocruz em relação à pandemia do novo coronavírus relaciona-se à explicação do vírus e da doença por ele causada. Com os olhares do mundo voltados ao vírus descoberto, a primeira publicação da organização sobre o assunto era o de informar que estava acompanhando a situação no Brasil. Em menos de um mês da sua descoberta, a Fiocruz anunciava que

os coronavírus causam infecções respiratórias em seres humanos e em animais. Geralmente, são doenças respiratórias leves a moderadas, semelhantes a um resfriado comum. Já o novo coronavírus é uma nova cepa do vírus (2019-nCoV) que foi notificada em humanos pela primeira vez na cidade de Wuhan, na província de Hubei, na China. [...]. Os sinais e sintomas clínicos do novo coronavírus são principalmente respiratórios, semelhantes a um resfriado. Podem, também, causar infecção do trato respiratório inferior, como as pneumonias. Os principais sintomas são: febre, tosse e dificuldade para respirar. (FIOCRUZ, 2020a).

Em 29 de janeiro de 2020, a Fiocruz confirmava que havia criado uma Sala de Situação em Saúde dedicada exclusivamente ao acompanhamento e monitoramento do novo coronavírus (FIOCRUZ, 2020a). Esse espaço de discussão, quase como um ‘QG’ de operações, capta, investiga e controla a disseminação do novo coronavírus no Brasil. Assemelha-se a um centro de comando, onde se pode obter informações e dados estratégicos no tangente a pandemia da Covid-19.

Não obstante, parece assertivo afirmar que esta primeira ação é balizadora das ações futuras da organização, resplandecendo a sua atuação no combate à doença e as narrativas intercorrentes. Apesar das informações iniciais soarem como vagas e gerais, é preciso fazer uma ressalva em relação a rapidez com que elas foram colocadas à disposição pela organização para a conscientização da população brasileira. Esse comportamento, que é visualizado em outros momentos e em outras narrativas, é uma característica da Fiocruz e demonstra um vislumbre do que esperar da organização.

Nesse contexto, como estratégia para fornecer informação de qualidade, a organização ofereceu uma oficina exclusiva sobre o novo coronavírus para jornalistas dos mais diversos veículos de comunicação.

A Fiocruz promoveu na quarta-feira (12/2) uma oficina sobre o Covid-19 (o novo coronavírus) para jornalistas de diversos veículos de comunicação. Esta foi a terceira oficina do gênero organizada pela Fundação. As anteriores foram sobre febre amarela e zika. O objetivo desses encontros de pesquisadores com a imprensa é levar informação de qualidade aos jornalistas, validada por especialistas que estudam e atuam diretamente com os temas das oficinas, em suas diferentes abordagens, contribuir para o trabalho feito por jornais, rádios e TVs e dar subsídios para combater as *fake news*.

Compareceram profissionais da CNN Brasil, TV Globo, O Globo, G1, Criar Brasil, O Estado de São Paulo, Band, CBN, Globonews, SBT, Canal Saúde e Radis. Após as apresentações de cada um dos três pesquisadores que participaram da oficina houve um momento para que os jornalistas fizessem perguntas. A íntegra da oficina será disponibilizada em breve. [...]. (FIOCRUZ, 2020b).

Como se observa a partir do excerto acima, a divulgação do conhecimento é uma prática aparentemente recorrente dentro do seu modo de organização. O oferecimento de oficinas como a da febre amarela e a do zikavírus. Ao compartilhar o conhecimento com outras classes, primando pela acurácia informacional, a organização ratifica o seu papel como agente transmissor. Isso é evidenciado quando, a partir da confirmação do primeiro caso no Brasil, uma reunião extraordinária foi convocada pela Presidência da Fiocruz para elaborar estratégias de confronto ao novo coronavírus, bem como para discutir modos adicionais para o seu diagnóstico e o desenvolvimento tecnológico para produção e cooperação internacional da Covid-19. (FIOCRUZ, 2020c).

Nota-se que a organização trabalha em alinhamento ao Ministério da Saúde brasileiro, integrando comissões e assessorando por meio de seus laboratórios, protocolos e orientações sobre as doenças. No caso específico da Covid-19, visando o esclarecimento e a identificação de casos do novo coronavírus, a Fiocruz além de prestar um papel essencial no compartilhamento de informações sobre o vírus identificado, atuou fortemente no suporte às análises por meio do Laboratório de Vírus Respiratório e Sarampo do Instituto Oswaldo Cruz. Esse centro atua em parceria com o Ministério da Saúde brasileiro e é referência em vírus respiratórios.

Conforme divulgado pelas Secretarias de Estado de Saúde da Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro, a Fundação Oswaldo Cruz confirmou por diagnóstico laboratorial os primeiros casos de infecção pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) nos respectivos estados. As amostras foram analisadas pelo Laboratório de Vírus Respiratório e Sarampo do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz), que atua como Centro de Referência Nacional em vírus respiratórios junto ao Ministério da Saúde.

Os materiais foram processados para testagem da presença de vírus comuns causadores de infecções respiratórias e para identificar especificamente o novo microrganismo. As análises foram positivas para o novo coronavírus. Os resultados foram informados às Secretarias de Estado de Saúde e ao Ministério da Saúde. O processamento foi realizado por meio da técnica de RT-PCR em tempo real, metodologia indicada pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

A partir dessas amostras positivas, os pesquisadores irão realizar o sequenciamento genético do microrganismo. Os resultados serão depositados em um banco internacional de informações genéticas. A colaboração com a comunidade científica é uma das prioridades dos especialistas do Laboratório de Vírus Respiratório e Sarampo do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz), que integra a rede de vigilância liderada pelo Ministério da Saúde.

Recentemente, o Laboratório atuou no treinamento do Instituto Adolpho Lutz, Instituto Evandro Chagas e do Laboratório Central de Goiás para a realização do diagnóstico laboratorial do vírus. Nove países da América Latina também foram capacitados, a partir de ação integrada com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). (FIOCRUZ, 2020d).

A notícia de 11 de março de 2020 corrobora essa perspectiva ‘assistencialista’ e reforça a atuação da organização produtora na capacitação de outras organizações para atuarem tanto na detecção quanto no combate ao novo coronavírus. A notícia, ademais, salienta o papel da Fiocruz com as instituições mundiais de saúde pública, como é o caso da OPAS. Conforme se observa, há uma demanda pela expertise e pelo *know-how* que a organização produtora detém, o que é evidenciado pelo pedido da OPAS para a capacitação de profissionais de nove países da América Latina.

Em mais uma rodada de capacitação para diagnóstico laboratorial do novo coronavírus (SARS-CoV-2) com profissionais que atuam na rede brasileira de Laboratórios Centrais de Saúde Pública, o Ministério da Saúde e a Fiocruz promovem, nestas quarta-feira (11/3) e sexta-feira (13/3), o treinamento de técnicos de oito estados das regiões Sul, Sudeste e Nordeste. Com isso, chegará a 12 o número de laboratórios públicos treinados pela Fiocruz e que estão aptos a realizar os testes específicos para detecção do microrganismo. A atividade, oferecida pelo Laboratório de Vírus Respiratório e do Sarampo do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz), que atua como Centro de Referência Nacional em vírus respiratórios junto ao Ministério, integra o esforço nacional de vigilância e monitoramento dos casos da COVID-19. A iniciativa também conta com a participação do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos/Fiocruz). Participam nesta quarta-feira especialistas do Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia. Na sexta-feira, serão capacitados profissionais de Sergipe e Alagoas. De caráter teórico-prático, a capacitação será realizada nas dependências do Laboratório, na sede da Fiocruz, no Rio de Janeiro. Serão abordados temas relacionados à vigilância laboratorial, protocolo para o diagnóstico do novo coronavírus, recomendações sobre biossegurança, transporte de amostras e discussão geral sobre a situação atual de cada estado e as perspectivas em relação à vigilância. Montagem de protocolos, revisão e análise dos resultados também serão temas do encontro. No treinamento serão utilizados os kits com insumos para a realização de testes diagnósticos para o novo coronavírus produzidos pela Fiocruz. Desenvolvidos por Bio-Manguinhos e pelo Instituto de Biologia Molecular do Paraná (IBMP), os kits foram encomendados pelo Ministério à Fundação diante da identificação dos primeiros casos no Brasil e da preparação para uma possível disseminação da doença em território nacional. Cerca de 30 mil kits estão sendo distribuídos à rede de laboratórios públicos de todo o país.

#### **Histórico**

O Laboratório de Vírus Respiratórios e do Sarampo do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) já realizou a capacitação de especialistas dos Institutos Adolfo Lutz, de São Paulo, e Evandro Chagas, do Pará, além de técnicos dos Laboratórios Centrais de Saúde Pública de Goiás e Rio Grande do Sul. A partir de solicitação da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), profissionais de nove países da América Latina (Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Panamá, Paraguai, Peru e Uruguai) também receberam o treinamento. (FIOCRUZ, 2020e).

Ao todo, foram 27 laboratórios capacitados pela Fiocruz para a detecção do novo coronavírus (FIOCRUZ, 2020f). Além disso, outra iniciativa que alude ao

posicionamento da organização é a idealização do serviço gratuito de orientações sobre o novo coronavírus. O Tele Coronavírus foi um projeto que ofereceu atendimento à distância, gratuitamente, para pessoas que estiverem com sintomas da Covid-19, além de recomendações sobre a prevenção e os cuidados para evitar a transmissão do vírus. O projeto foi desenvolvido em parceria com a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e preconizou evitar a circulação de pessoas que não necessitassem de atendimento emergencial.

O projeto envolveu a criação de um aplicativo, vide figura 18, onde pessoas poderiam receber atendimento de profissionais da medicina, incluindo médicos e estudantes e, segundo a diretora da Fiocruz Bahia, Marília Gonçalves,

este serviço será de grande importância para a população da Bahia e integra um conjunto de ações da instituição, no enfrentamento à pandemia do novo coronavírus em todo o Brasil, “o Tele Coronavírus será um canal relevante e sério de atendimento, representando uma das contribuições que a Fiocruz Bahia irá realizar em meio a esta crise. Capacitando os estudantes, iremos criar recursos humanos em saúde que auxiliem o sistema no tratamento contra essa nova doença, o que reduz a sobrecarga às unidades básicas de saúde “, avalia. (FIOCRUZ, 2020g).

Em função de pesquisas realizadas e na tentativa de sanar as várias dúvidas em relação à doença, a organização disponibilizou em seu portal de notícias, uma breve compilação sobre o que se sabia do novo coronavírus. Aliás, chama a atenção que todas as inserções comunicativas da organização nos primeiros meses de 2020 aconteceram integralmente por meio do portal de notícias em seu sítio eletrônico. A atuação nas redes sociais, como o Instagram e o YouTube, foi percebida com maior presença na segunda narrativa, a ser mais a frente explorada.

FIGURA 18 – TELE CORONAVÍRUS



FONTE: FIOCRUZ (2020g).

Em relação ao novo coronavírus,

inicialmente chamada de 2019-n-CoV, a infecção provocada pelo novo coronavírus recebeu o nome oficial de covid-19, em 11 de fevereiro: um acrônimo do termo “doença por corona vírus” em inglês (corona virus disease 2019). “Estamos assistindo à ciência em formação. As coisas mudam a cada dia: não só os números da epidemia, mas todos os aspectos. Tudo é muito novo para todos nós”, observa o infectologista Estevão Portela, vice-diretor de Serviços Clínicos do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz), que recebeu caso suspeito de ebola em 2015 e receberá casos do novo coronavírus, se o vírus chegar ao país.

Os coronavírus, diz ele, são uma causa conhecida de infecção respiratória. Em geral, provocam um resfriado leve; até as últimas décadas, raramente geravam doenças mais graves em humanos. “O que vem acontecendo desde o início deste milênio é um ‘salto de espécies’, ou seja, o vírus salta de uma espécie animal em que é parasita habitual para a espécie humana”, explica Estevão. A partir de 2002, conta, surgiram três novos coronavírus — Sars (que causa síndrome respiratória aguda grave) em 2002, Mers (síndrome respiratória do Oriente Médio) em 2012 e covid em 2019.

A suspeita é de que o morcego esteja na base de todos esses saltos, normalmente ligado a outro animal intermediário — no caso da Sars, o pangolim (semelhante a um tatu), no da Mers, o dromedário. Ainda se busca entender se houve um hospedeiro intermediário no covid. Tudo leva ao mercado de peixes e animais exóticos de Wuhan, já que grande parte dos primeiros infectados esteve no local. Segundo o Centro de Controle e Prevenção de Doenças da China, foram coletadas 33 amostras na zona oeste do mercado, principalmente onde ficam as barracas de animais selvagens, e 31 testaram positivo para o coronavírus.

Os sintomas mais comuns são febre, tosse e dificuldade de respirar. Já há diversos trabalhos científicos publicados desde o início da epidemia,

mostrando a velocidade da resposta da ciência. Os principais destacam que o covid predomina na faixa etária de 45 anos a 60 anos, e quase não aparece na população abaixo dos 20 anos. “Provavelmente, isso se deve aos casos mais graves, aqueles que procuram o sistema”.

Quanto à transmissão, presume-se que acontece apenas por gotícula — ou seja, uma pessoa tosse, fala ou expectora e em contato próximo com outra passa o vírus. As máscaras descartáveis viraram símbolo da epidemia. Em muitos lugares, mesmo alguns que sequer registraram casos, o produto se esgotou. Estevão, no entanto, não recomenda a máscara como item de proteção individual. “Em geral, ela é mal usada. Há quem a tire para tossir, por exemplo, ou use por um tempo longo demais, quando já está molhada e sem capacidade de proteger”. Segundo o infectologista, a melhor maneira de se prevenir de qualquer tipo de resfriado é lavar as mãos. “A lavagem das mãos é fundamental em qualquer epidemia e em qualquer época”, aponta. “O álcool gel pode ser usado, mas lavar as mãos com água e sabão já é excelente”. [...]. (FIOCRUZ, 2020h).

Em função do aumento nos números da Covid-19, a organização produtora lança o MonitoraCovid-19. O lançamento dessa ferramenta, parece ratificar e delimitar o papel da Fiocruz como *hub* da ciência, ao criar soluções que permitem esclarecer, informar e apurar o que vinha acontecendo em relação ao novo coronavírus. O MonitoraCovid-19 é um sistema que reúne dados sobre o novo coronavírus no Brasil e no mundo. A ferramenta permite o monitoramento online, por meio de gráficos e outras representações visuais, da pandemia bem como a sua tendência por estados e municípios brasileiros. Uma inovação desse sistema é a realização de comparações com outros países. (FIOCRUZ, 2020i).

“O objetivo da ferramenta é fornecer dados de forma confiável e transparente para a população e para a comunidade científica sobre o desenvolvimento diário da pandemia, no Brasil e no mundo”, resume o geógrafo e sanitário Christovam Barcellos, vice-diretor de Pesquisa [...]. (FIOCRUZ, 2020i).

Além destas ações, a Fiocruz criou ainda o Boletim Corona, uma série apresentada de segunda a sexta-feira, ao vivo, em dois horários no YouTube. Esse boletim inseriu a Fiocruz nas redes sociais, evidenciando o alcance dessas redes e permitindo que as informações disseminadas por eles se tornassem virais. Segundo a organização,

o programa será um boletim de 15 minutos apresentado pela jornalista Neide Diniz. Jornalístico, com muito serviço e linguagem acessível, o Boletim Corona é voltado para o grande público e vai contar com a participação da audiência, que poderá tirar dúvidas sobre a doença mandando perguntas pelas redes sociais do Canal Saúde e, ao vivo, durante a transmissão pelo YouTube. [...].

O telespectador vai poder se atualizar com um giro de notícias com os principais destaques sobre a pandemia no Brasil e no mundo e sempre será

informado sobre o que está sendo feito na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), instituição de referência no combate à Covid-19 na América Latina, da qual o Canal Saúde faz parte e onde está sediado. Além disso, cada edição contará com um especialista para discutir a pauta e tirar dúvidas dos telespectadores. Com a participação remota, devido às recomendações de isolamento social, o Boletim Corona poderá conversar com especialistas de todo o Brasil e de outros países. [...]. (FIOCRUZ, 2020j).

Além desse recurso, de igual modo, foi criado um podcast semanal exclusivo chamado CoronaFatos. Esse canal é outra ferramenta com objetivo principal de disseminar informações de qualidade no enfrentamento da pandemia.

O Canal Saúde estreia seu primeiro podcast em meio à emergência sanitária causada pelo novo coronavírus. Já disponível nos principais agregadores, o *CoronaFatos* foi criado com o objetivo de somar esforços às tentativas de difundir informação de qualidade no enfrentamento da pandemia. O programa explica notícias sobre a Covid-19 e desmente *fake news* em circulação, sempre com uma linguagem fácil e acessível, para trazer mais esclarecimentos a respeito de um tema.

O primeiro programa abordou a questão do isolamento social e a percepção das pessoas a respeito do assunto, com base em pesquisas realizadas pela Fiocruz. Já o episódio lançado no dia 15/5 abordou o *lockdown*, o confinamento ou bloqueio total, tão falado ultimamente. O podcast parte da recomendação de instituições científicas, como a Fiocruz e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), de decretação de *lockdown* no estado do Rio de Janeiro para abordar o assunto e desmente *fake news* que contestam a eficiência dos bloqueios para combater a disseminação da Covid-19. [...]. (FIOCRUZ, 2020k).

Percebeu-se um movimento muito forte para o fornecimento de informações de qualidade por parte da organização. A criação, o oferecimento e a inserção de conteúdos ilustram a responsabilidade da organização nesse processo. Com relação a isso, percebeu-se ademais, que houve essa atuação de criação foi mais percebida no início do período pandêmico, em que as ferramentas foram sendo concebidas, enquanto o abastecimento em si, aconteceu durante todo o período selecionado no recorte desta pesquisa.

Outra consideração importante refere-se ao papel da Fiocruz, a partir da aceção em fornecer informação de qualidade, na dinâmica das *fake news* presentes no período pandêmico. Em 23 de março de 2020, a organização chamava a atenção para as receitas milagrosas que teriam se espalhado na internet prometendo a cura para a Covid-19.

Água quente com vinagre, receita de coco e até óleo consagrado. Esses são alguns ingredientes de receitas que circulam na internet prometendo, sem nenhuma comprovação científica, combater o novo coronavírus (Covid-19).

Se a divulgação das chamadas fake news – ou notícias falsas – tornou-se um fenômeno massivo com as redes sociais e o uso de aplicativos de troca de mensagens pelo celular, em 1918, foram a imprensa carioca e até mesmo as autoridades que contribuíram para disseminar as chamadas ‘receitas peculiares’ que prometiam curar a gripe espanhola. [...]. (FIOCRUZ, 2020l).

A organização em outro momento compartilhou os resultados de estudo que identificou as principais *fake news* relacionadas à Covid-19.

Conduzido pelas pesquisadoras da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz) Claudia Galhardi e Maria Cecília de Souza Minayo, um recente estudo identificou as principais fake news relacionadas à Covid-19, recebidas pelo aplicativo Eu Fiscalizo, entre março e maio no país.

Segundo Claudia, além de colocar vidas em risco, a disseminação de notícias falsas relacionadas ao novo coronavírus contribui para o descrédito da ciência e das instituições globais de saúde pública, bem como enfraquece as medidas adotadas pelos governos no combate à doença. Por isso a importância da realização de estudos sobre a temática. “Precisamos redobrar a atenção ao receber informações nas redes sociais que não apresentem a fonte oficial e fazer uma leitura crítica antes de compartilhar qualquer conteúdo”, alerta a pesquisadora.

A primeira etapa da pesquisa, que fez um balanço das denúncias de notícias falsas recebidas entre 17 de março e 10 de abril, revela que 65% delas ensinam métodos caseiros para prevenir o contágio da Covid-19, 20% mostram métodos caseiros para curar a doença, 5,7% se referem a golpes bancários, 5% fazem menção a golpes sobre arrecadações para instituição de pesquisa e 4,3% se referem ao novo coronavírus como estratégia política. A segunda fase do estudo, realizada entre 11 de abril e 13 de maio, aponta que, entre as fake news notificadas pelo app, 24,6% afirmam ser a doença uma estratégia política, 10,1% ensinam métodos caseiros para prevenir o contágio do novo coronavírus, 10,1% defendem o uso da cloroquina e hidroxicloroquina sem comprovação de eficácia científica e 7,2% são contra o distanciamento social.

Os resultados referentes ao intervalo entre abril e maio também mostram que 5,8% das notícias falsas ensinam métodos caseiros para curar a Covid-19, 5,8% afirmam que o novo coronavírus foi criado em laboratório, 4,3% declaram o uso de ivermectina como cura para a doença, 4,3% são contra o uso de máscaras e 2,9% difamam os profissionais de saúde.

Ainda entre os meses de abril e maio, foi constatado que, entre as *fake news* denunciadas, 2,9% são contra o uso de álcool em gel, 2,9% declaram o novo coronavírus como teoria conspiratória, 1,4% são relacionadas à difamação de políticos, 1,4% declaram ter a causa do óbito de parentes alterada para Covid-19 e 0,4% consistem em charlatanismo religioso, com tentativa de venda de artefatos para a cura da doença. O estudo também aponta que 15,9% das *fake news* se referem à Covid-19 como uma farsa, durante todo o período analisado, entre 17 de março e 13 de maio.

Em abril, as pesquisadoras da Ensp/Fiocruz realizaram estudo que identificou as mídias sociais mais utilizadas para a propagação de fake news relacionadas à Covid-19 notificadas pelo aplicativo. Saiba mais sobre o Eu Fiscalizo. (FIOCRUZ, 2020m).

Da pesquisa apresentada algumas descobertas interessantes corroboram o papel que a Fiocruz desempenhou na pandemia. Em um trecho a pesquisadora realça a importância da leitura crítica, da busca pela veracidade daquilo que se lê e ressalta

que a disseminação das *fake news* contribuem para o descrédito da ciência e das instituições mundiais de saúde. Como já abordado, o Instituto Butantan se enquadra nesse contexto. A notícia ainda retrata o enfraquecimento das medidas de prevenção, quando essas informações são compartilhadas, estimulando a sua circulação e, potencialmente, o consumo pelo grande público. Nesta mesma notícia, visualiza-se outra ferramenta, chamada de 'Eu Fiscalizo', que é uma proposta criada para combater a má informação nos meios de comunicação. Não obstante, esse movimento trouxe impactos também à campanha de vacinação e fomentou o discurso antivacina.

Observa-se que esse papel assumido pela Fiocruz é característica dessa narrativa, acompanhado a organização durante todo o período pesquisado. Nota-se uma maior intensidade na organização das iniciativas mencionadas principalmente no primeiro da pandemia, muito em virtude do pouco conhecimento sobre o novo coronavírus e dado o aumento vertiginoso da Covid-19 no Brasil. Ademais, a disseminação de conteúdos e informações assumem constância e são claramente educativos e informativos.

#### 4.2.1.2 A vacina da Fiocruz é mais uma opção contra a pandemia da Covid-19

Enquanto a primeira narrativa assenta toda a sua construção para embasar o papel da Fiocruz como um *hub* – um centro de comando – da ciência ao fornecer informações de qualidade, sobretudo, em razão da pandemia do novo coronavírus, a segunda é específica e voltada às questões envolvendo a vacina AstraZeneca. Com relação a isso, os primeiros esforços da organização, em trazer mais uma vacina para a aplicação aos brasileiros, foram inicialmente compartilhados em 26 de maio de 2020 (FIOCRUZ, 2020n).

O anúncio da parceria com a farmacêutica AstraZeneca foi divulgado em 01 de agosto de 2020.

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), do Ministério da Saúde, e a AstraZeneca assinaram, nesta sexta-feira (31/7), um documento que dará base para o acordo entre os laboratórios sobre a transferência de tecnologia e produção de 100 milhões de doses da vacina contra a Covid-19, caso seja comprovada a sua eficácia e segurança. O entendimento é o passo seguinte às negociações realizadas pelo governo federal, a Embaixada Britânica e o laboratório AstraZeneca.

O Ministério da Saúde prevê um repasse de R\$ 522,1 milhões para processamento da vacina. Outro R\$ 1,3 bilhão é referente à encomenda

tecnológica, que permitirá o recebimento do Ingrediente Farmacêutico Ativo (IFA) e a transferência de tecnologia. Além disso, serão repassados investimentos na ordem de R\$ 95,6 milhões para adaptações necessárias às áreas produtivas e de controle de qualidade do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos/Fiocruz). O objetivo é ampliar a capacidade nacional de produção de vacinas e tecnologia disponível para a proteção da população.

“Demos mais um passo importante para a formalização do acordo entre os laboratórios. Essa ação do governo federal significa um avanço para o desenvolvimento de tecnologia nacional e de proteção da população brasileira”, afirma Camile Giarretta, diretora de Ciência e Tecnologia do Ministério da Saúde.

O Memorando de Entendimento que define os parâmetros econômicos e tecnológicos para a produção da vacina da Covid-19, desenvolvida pela Universidade de Oxford já está em fase de estudos clínicos no Brasil e em outros países. O acordo prevê o início da produção da vacina no Brasil a partir de dezembro deste ano e garante total domínio tecnológico para que Bio-Manguinhos tenha condições de produzir a vacina de forma independente.

“Nos seus 120 anos de história, a Fiocruz sempre respondeu às grandes questões do SUS e às emergências sanitárias. Frente à pandemia da Covid-19, chegamos a esse momento para celebrar o acordo com a farmacêutica AstraZeneca e realizar a encomenda tecnológica e a incorporação da tecnologia em Bio-Manguinhos é um passo fundamental para salvar vidas e garantir a autonomia e a soberania do nosso país na questão da vacina”, ressalta Nísia Trindade, presidente da Fiocruz.

O acordo entre Fiocruz e AstraZeneca é resultado da cooperação entre o governo brasileiro e governo britânico, anunciado em 27 de junho pelo Ministério da Saúde. O próximo passo será a assinatura de um acordo de encomenda tecnológica, previsto para a segunda semana de agosto, que garante acesso a 100 milhões de doses do insumo da vacina, das quais 30 milhões de doses entre dezembro e janeiro e 70 milhões ao longo dos dois primeiros trimestres de 2021.

A Fiocruz recebeu informações técnicas fornecidas pela AstraZeneca necessárias para a definição dos principais equipamentos para o início da produção industrial. Com sua larga experiência em produção de vacinas, a instituição também colocará à disposição sua capacidade técnica a serviço dos esforços mundiais para a aceleração o escalonamento industrial da vacina junto a outros parceiros.

Ao mesmo tempo, a Fiocruz constituiu um comitê de acompanhamento técnico-científico das iniciativas associadas às vacinas para a Covid-19. O comitê é coordenado pelo vice-presidente de Produção e Inovação em Saúde da Fiocruz, Marco Krieger, e tem a participação de especialistas da Fiocruz e de instituições como USP, UFRJ e UFG.

A vacina produzida por Bio-Manguinhos será distribuída pelo Programa Nacional de Imunização (PNI), que atende o Sistema Único de Saúde (SUS). O acordo com a AstraZeneca permitirá, além da incorporação tecnológica desta vacina, o domínio de uma plataforma para desenvolvimento de vacinas para prevenção de outras enfermidades, como a malária.

A assinatura deste acordo é mais um passo decisivo para a produção de uma vacina contra a Covid-19 no Brasil, contribuindo para a soberania nacional ao garantir ao país competência tecnológica e fortalecimento do SUS no combate à pandemia. (FIOCRUZ, 2020o).

O comunicado evidencia a parceria firmada entre as organizações e pontua a quantidade de doses de insumo para a produção do imunizante nas instalações da Fiocruz. Verifica-se a intenção da organização em fomentar que esse acordo

representa um importante passo no combate à pandemia do novo coronavírus, como forma de fortalecer a competência tecnológica e a soberania nacional por meio de suas instituições. Algo que foi percebido ao longo deste processo de análise está relacionado à forma como a Fiocruz se comunica com o grande público. Majoritariamente, as inserções são por meio do seu Portal de Notícias. Isso é corroborado ao se identificar que a presença nas redes sociais não foi tão intensa quanto o Instituto Butantan. Uma possível explicação reside no fato de que esta organização produtora não experimentou tão intensamente a influência das grandes narrativas, que direcionaram suas narrativas para repudiar a capacidade de seus processos produtivos, subjugando e diminuindo sua credibilidade e sua legitimidade.

De acordo com a postagem pela Agência Fiocruz de Notícias – Covid-19, realizada em seu canal no YouTube,

o acordo prevê o início da produção da vacina no Brasil a partir de dezembro deste ano. A iniciativa é resultado da cooperação entre o governo brasileiro e o governo britânico, anunciado em 27 de junho pelo Ministério da Saúde. [...]. O acordo garantirá o acesso a 100 milhões de doses do insumo da vacina. O Ministério da Saúde prevê um repasse de 522 milhões de reais para o processamento da vacina. Outro R\$ 1,3 bilhão é referente à encomenda tecnologia, que permite o recebimento do ingrediente farmacêutico ativo e a transferência de tecnologia. [...]. (FIOCRUZ, 2020p).

É interessante que as divulgações além de enaltecer o acordo entre as organizações, também menciona o Ministério da Saúde brasileiro. Denota-se que essa estratégia parece querer legitimar a operação por meio do aval do ministério, que nessa narrativa figura como um agente legitimador. O mesmo não aconteceu com o Instituto Butantan. Isso é evidenciado quando, por exemplo, a Fiocruz representou o Ministério da Saúde em coletivas organizadas pelo órgão para tratar de questões referentes à vacina.

Em coletiva de imprensa realizada nesta quinta-feira (8/10) pelo Ministério da Saúde (MS), a presidente da Fiocruz, Nísia Trindade Lima, destacou a longa trajetória da instituição na produção de vacinas e a importância do Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro como a base de sustentação para o país poder enfrentar todos os desafios colocados pela pandemia e, em especial, no desenvolvimento e na produção da vacina contra a Covid-19. "A Fiocruz é uma instituição de 120 anos com uma longa tradição na questão da produção de vacinas. Iniciamos na década de 1930 com a transferência de tecnologia para a vacina de febre amarela. É uma longa história nesse caminho", destacou a presidente.

Durante o evento, a presidente reforçou algumas informações relacionadas ao cronograma da produção da vacina desenvolvida pela Universidade de Oxford, destacando a produção do total de 100 milhões de doses ao longo do

primeiro semestre de 2021, com produção industrial de 30 milhões de doses e submissão de registro à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) em janeiro do próximo ano. A partir do segundo semestre de 2021, a vacina já será integralmente nacional, produzida pela Fiocruz.

“Isso é muito importante pelo ponto de vista da sustentação dessa iniciativa e também para podermos atender às necessidades do nosso país. Teremos, em janeiro de 2021, o ingrediente farmacêutico ativo para finalizarmos a produção das primeiras doses na Fiocruz, com a entrega das 30 milhões de doses da primeira etapa, seguindo a previsão de 100 milhões de doses no primeiro semestre, e a da complexidade do processo de incorporação da tecnologia”, ressaltou Nísia.

Além da apresentação da Fiocruz, a coletiva também abordou os temas de prospecção de vacinas, fases de aprovação e incorporação, definição de grupos prioritários e logística de distribuição das doses. Estiveram presentes o secretário executivo do MS, Élcio Franco; o secretário de Ciência, Tecnologia e Insumos (SCTIE), Hélio Angotti; o diretor-presidente da Anvisa, Antônio Barra; a presidente Fiocruz, Nísia Trindade Lima; o secretário de Vigilância em Saúde (SVS), Arnaldo Medeiros; e o diretor do Data SUS, Jacson Barros. (FIOCRUZ, 2020q).

Observou-se, ademais, que a organização não investe tempo e recursos, diferentemente do Instituto Butantan, para explicar como as vacinas são produzidas, quais os passos para o seu desenvolvimento ou mesmo quais os resultados preliminares da eficácia do imunizante. A partir dos dados, pode-se observar um salto temporal entre a data do anúncio do acordo entre Fiocruz e AstraZeneca para as publicações relacionada à aprovação da vacina tanto pelo Reino Unido quanto pela Anvisa.

A agência reguladora do Reino Unido aprovou, nesta quarta-feira (30/12), o uso da vacina contra a Covid-19 desenvolvida pela Universidade de Oxford e pelo laboratório britânico AstraZeneca. No Brasil, essa vacina será fabricada pela Fiocruz, mas aguarda o processo de autorização pela agência reguladora brasileira, a Anvisa. O processo de avaliação inclui dados sobre segurança, qualidade e eficácia da vacina. A AstraZeneca e a Fiocruz enviaram à Anvisa o primeiro pacote de informações sobre a vacina no final de setembro, com o pedido de submissão contínua, mais rápido que o convencional. A aprovação no Reino Unido pode ajudara acelerar o processo no Brasil que tem a submissão final prevista para ser finalizada até 15 de janeiro. Segundo a Anvisa, a agência recebeu, no dia 22 de dezembro, outros dados primários de eficácia e segurança da vacina, ainda em análise. [...]. (FIOCRUZ, 2021a).

Outra diferença observada, é que a ratificação e o anseio por comprovar a eficácia do imunizante não se apresenta como prioridade para a Fiocruz. Existem sim menções a eficácia da vacina, mas o foco narrativo é mais informativo e volta-se para o incentivo à vacinação pela população. Em 12 de março de 2021, a Anvisa concedeu o registro para a produção da vacina.

Na manhã desta sexta-feira (12/3), a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) concedeu o registro definitivo da vacina Covid-19 Fiocruz. Com isso, a Fiocruz passa a ser a detentora do primeiro registro de uma vacina covid-19 produzida no país e incorpora ao seu portfólio de produção a décima primeira vacina a ser fornecida para o Programa Nacional de Imunizações (PNI). Com o registro, a expectativa é de que a Anvisa autorize a liberação dos primeiros lotes até este domingo (14/3) para que, na próxima semana, a Fiocruz já possa entregar o primeiro milhão de vacinas Covid-19 produzidas pela instituição.

“Apenas seis meses após a assinatura do Contrato de Encomenda Tecnológica, já iniciamos a produção de uma vacina contra a Covid-19, baseada em uma das tecnologias mais avançadas no momento, e obtivemos o seu registro para ampla distribuição no país. A urgência que a gravidade dessa pandemia nos impõe fez com que todos os envolvidos trabalhassem incansavelmente e pudessem realizar em meses um processo que, normalmente, dura anos. Isso também não seria possível sem todo o apoio técnico da Anvisa em cada etapa do processo de submissão contínua. Trata-se de um dia histórico para a Fiocruz e para o Sistema Único de Saúde”, destaca a presidente da Fiocruz, Nísia Trindade Lima. [...]. (FIOCRUZ, 2021b).

A partir do registro e da efetiva produção, as publicações foram de caráter pontual a exemplo de esclarecimento sobre a quantidade de vacinas produzidas pela Fiocruz contra a Covid-19 e os anúncios das entregas de doses ao Ministério da Saúde para comporem o PNI, junto a outras vacinas que foram aprovadas nesse ínterim. Em função das mutações do novo coronavírus, a exemplo da Delta, a organização publicou em 16 de junho de 2021 que

Um estudo da Public Health England (PHE) mostrou que a aplicação de duas doses da vacina AstraZeneca apresenta 92% de efetividade contra a hospitalização pela variante Delta (B.1.617.2) do Sars-CoV-2. A variante, antes conhecida como indiana, tem se espalhado rapidamente pelo Reino Unido e já teve casos confirmados no Brasil. A vacina também demonstrou uma alta efetividade contra a variante Alpha (B.1.1.7), identificada pela primeira vez no Reino Unido, com redução de 86% nas internações.

O estudo da agência de saúde do governo britânico, publicado em versão pré-print no dia 14 de junho, envolveu a vacina da AstraZeneca, que no Brasil é produzida pela Fiocruz, e o imunizante da Pfizer. A pesquisa analisou 14.019 casos da variante Delta que chegaram às emergências dos hospitais ingleses entre 12 de abril e 4 de junho deste ano. Destes, 122 foram hospitalizados. Foi comparado o risco de internação entre os não vacinados e os vacinados com primeira e segunda doses. Outros 13.192 casos envolvendo a variante Alpha foram identificados, com 166 internações. [...]. (FIOCRUZ, 2021c).

Esses resultados são formas de tranquilizar a sociedade e sugerem uma postura informativa e não reativa na apresentação desses percentuais. E isso é explicado pelo formato da contranarrativa identificada nessa organização e no seu papel enquanto fomentadora de informações. Sobre isso, já com a vacinação em andamento, e com as primeiras doses já aplicadas, a Fiocruz se posiciona quanto a

necessidade e a importância do ciclo vacinal completo para a proteção contra o novo coronavírus. O “Se liga no Corona”, disponível em seu canal do YouTube, informava que

O Corona não acabou! Vem cá! Você sabe por que a gente tem que tomar as duas doses da vacina contra a Covid-19? Tudo isso é pra reforçar a defesa de seu corpo, do seu sistema imunológico. Se você tomar só a primeira e não tomar a segunda, você não está protegido contra a Covid-19, porque seu corpo não está suficientemente forte, ou seja, ele não produziu todos os anticorpos para evitar a doença ou reduzir o impacto dela se você pegar. Com a segunda dose, aí sim, seu sistema imunológico, as suas defesas, ficam mais reforçadas e fica mais difícil de você pegar a Covid-19. Ou, se pegar, ela não vai ser tão braba assim. (FIOCRUZ, 2021d).

Além de enaltecer a importância da finalização do ciclo vacinal, quando se tornou pública a repercussão da aplicação em adolescente e crianças, ao contrário do Instituto Butantan, que recorreu a outras fontes para atestar e validar a eficácia e a segurança da CoronaVac para essa faixa etária, desminto rumores associados a complicações e outras doenças, inclusive morte, a Fiocruz abordava o tema de forma amistosa e ao trazer um comunicado ao ser questionada, em um dos seus canais, quanto a segurança da vacina contra Covid-19 em crianças.

Sim, as vacinas que foram aprovadas pela Anvisa para uso em crianças de 05 a 11 anos são seguras para serem utilizadas no público infantil. Atualmente, existem disponíveis no Brasil duas vacinas que estão liberadas para uso em crianças: a produzida pelo laboratório Pfizer e a CoronaVac, produzida pelo Instituto Butantan. Estudos já finalizados com essas vacinas comprovaram que elas são seguras e capazes de produzir defesas contra a Covid-19 em crianças. Nesses estudos, verificou-se que as reações adversas\* nas crianças são raras. Assim como acontece com o público adulto, as crianças costumam ter reações leves a moderadas, como dor no local da injeção, cansaço ou dor de cabeça. (FIOCRUZ, 2022a).

Desta situação, apreende-se uma constatação em relação ao comportamento da Fiocruz no período analisado. A organização geralmente reage quando confrontada ou quando assume a necessidade de orientar a população, principalmente no tangente à campanha de vacinação. Conforme se percebeu, diferentemente do que aconteceu com o Instituto Butantan, não houve uma presença da urgência de defesa da vacina AstraZeneca, apenas esclarecimentos pontuais e esporádicos. Infere-se, doravante, que as grandes narrativas do contexto populista brasileiro não se debruçaram nessa vacina tanto quanto na CoronaVac.

### 4.3 DISCUSSÃO TEÓRICA DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Findo o momento de análise dos dados e diante dos resultados apreendidos, a partir de um esforço analítico, crítico e criativo do pesquisador, propõe-se nessa discussão uma retomada da construção teórica elaborada para o argumento de pesquisa e das principais contribuições identificadas neste processo. Reconhecendo-se, ademais, que assim como na concepção inicial da pesquisa não se intui seguir padrões rígidos e protocolares, afastando-se, dessa forma, das abordagens positivistas, o mesmo caminho será assumido neste tópico.

Nesse sentido, com relação à pandemia instaurada pela descoberta do novo coronavírus, e em virtude da influência das grandes narrativas (BERNSTEIN, 2003; LUNDHOLT; BOJE, 2018), as quais foram livremente disseminadas em ambiente virtual, sendo orientadas e endossadas pelo contexto populista brasileiro (BARROS; WANDERLEY, 2020), constatou-se um movimento nas contranarrativas de defesa das organizações produtoras que alude a mesma estrutura de formação das grandes narrativas contextualmente demarcadas e orientadas.

Ao afirmar que as grandes narrativas são narrativas de segunda ordem (BERNSTEIN, 2003), entende-se que a partir do conhecimento sobre as histórias institucionalizadas, as quais provêm acesso ao que constitui o imaginário social (RICOEUR; CASTORIADIS, 2016), é possível apreender qual o posicionamento que as grandes narrativas terão a partir da base de valores, crenças e sentidos característicos que definem o imaginário social e expressam as suas ideologias (RICOEUR, 2015).

Esse processo encontra amparo em Fenton e Langley (2011) que apontam que as grandes narrativas são interpretações daquilo que é produzido historicamente, em uma acepção que estima que as narrativas oriundas dessas grandes narrativas sejam elocubrações interpretativas do imaginário social (RICOEUR; CASTORIADIS, 2016). De outra maneira, é por meio de narrativas ‘menores’ ou de histórias situadas que se pode apreender não somente o que compõe o imaginário social, mas quais os elementos ideológicos que se fazem presentes e orientam a sua perpetuação dentro do contexto populista brasileiro.

Essas narrativas ressoaram dentro do contexto e ilustram a dominância das grandes narrativas por conta do processo, que reconhece essas narrativas como expressões do contexto populista orientado e interrelaciona o imaginário social e a

ideologias à formação das narrativas dominantes. Nessa dinâmica, as histórias de fato se apresentam como elementos constituidores de sentidos e de expressão daquilo que se encontra introjetado no pensamento coletivo, os quais passam a se fazer conhecidos e consumidos em decorrência delas.

A retomada dessa acepção é fundamental para a correlação encontrada quando da análise das contranarrativas das organizações produtoras de vacina selecionadas para esta pesquisa. Não obstante, quando as organizações produtoras se engajaram no processo de produção de sentidos (WEICK; 1995; SCHILDT; MANTERE; CORNELISSEN, 2020), por meio das suas contranarrativas (VAARA; SONENSHEIN; BOJE, 2016) percebeu-se que utilizaram a mesma estrutura que as grandes narrativas apresentam.

Isto é, apesar do termo estrutura soar 'funcional', o que se pretende com isso, é explicar que o processo de elaboração das contranarrativas pauta-se nas mesmas premissas que a das grandes narrativas. A literatura apenas enfatiza, conforme Lundholt e Boje (2018,) que as contranarrativas são caracterizadas como narrativas de oposição às grandes narrativas de um contexto social, mas não há o conhecimento do como isso efetivamente acontece. Nesse sentido, uma das contribuições desta pesquisa é explicitar esse processo.

Assim sendo, quando o Instituto Butantan elencou a sua primeira contranarrativa – nossos processos e produtos são pautados pelo compromisso e respeito para com a ciência – foi possível compreender que o principal intuito era o de compartilhar e, naturalmente, defender-se dos sentidos que preconizaram o desvirtuamento da organização em relação aos processos científicos e aos seus produtos, de modo que o que estava em jogo era a sua história com a saúde pública e a sua capacidade de contribuir no combate ao coronavírus.

Desta contranarrativa, quatro narrativas foram a ela associadas e, ao contarem o seu lado da história, puderam exprimir os sentidos que o Instituto Butantan reconhecia como fundamentais para uso em sua defesa, mas que também reafirmassem e justificassem o seu posicionamento frente aos sentidos dominantes das grandes narrativas. Esse movimento foi percebido nas duas organizações produtoras, mas com sentidos distintos sendo produzidos em cada uma delas.

Eis que se pode, então, afirmar que embora as grandes narrativas e as contranarrativas utilizem-se da mesma estrutura para produzirem e negociarem sentidos, existe uma diferença em como essas duas grandezas trabalham para que

os sentidos produzidos a partir delas tornem-se dominantes (SCHILDT; MANTERE; CORNELISSEN, 2020). Enquanto as grandes narrativas recorrem aos elementos do imaginário social, por exemplo, que fornece os princípios das ideologias, que são fundamentais na acepção populista, para a formatação de suas narrativas alinhadas a esses preceitos, as contranarrativas fundamentam-se em estórias organizacionais situacionais.

Essas estórias são articuladas e revestidas de elementos que as esclarecem e as tornam aceitáveis perante o grande público. Como exemplo, o Instituto Butantan se utilizou de dados e protocolos científicos para ilustrar como a eficácia e segurança da CoronaVac eram atestadas, associando para isso 120 anos de tradição e de história para com o povo brasileiro. Em complemento, a Fiocruz enalteceu seu papel de 'assessora', ao figurar como uma organização ligada ao esclarecimento e ao fomento de informações de qualidade. Todavia, como delimitar ou definir quando uma contranarrativa torna-se uma narrativa dominante? Não há ainda uma resposta clara para essa pergunta, sobretudo, quando analisados os casos desta pesquisa.

Arrisca-se afirmar que esse processo para transpor a resistência e tornar-se dominância, poderá ter que enfrentar todo o arcabouço sócio-histórico brasileiro, arraigado e incorporado no pensamento social que levou o populismo a assumir o papel de representar esse conjunto de valores, crenças e outras características que remetem ao imaginário social. Entretanto, é também cabível a assumpção de que tais contranarrativas são incumbidas de situacionalidade, ou seja, são estimuladas a parte de situações específicas.

Boje, Svane e Gergerich (2016) reconhecem que as estórias atreladas às contranarrativas navegam no espaço-tempo. De certo modo, essa afirmação ajuda a entender como as narrativas são imbuídas de sentidos em virtude de um determinado momento no tempo e em função do seu 'espaço' em um contexto social. Isso porque essas estórias fornecem evidências do que será partilhado e negociado pelas contranarrativas, ao explorar os sentidos mais profundos e promulgar o processo da sua construção.

Sendo assim, aponta-se como contribuição o reconhecimento de que tanto grandes narrativas quanto contranarrativas utilizam-se da mesma estrutura narrativa para a produção, e conseqüentemente, negociação de sentidos em um contexto social. Contudo, ainda há caminho a desvelar quanto ao que eleva uma contranarrativa a uma grande narrativa dominante.

Dentro disso, a retórica assumiu papel fundamental ao desenvolver os sentidos a partir dessas narrativas por meio dos elementos simbólicos e de outras representações. Enquanto seu principal objetivo é o de gerenciar esses elementos para que determinada ideia ou anseio seja percebido e consumido por uma audiência (IHLEN; HEATH, 2018), nesta pesquisa verificou-se o caráter utilitário e instrumental desse conceito.

Nas contranarrativas, e nas narrativas decorrentes, a utilização de elementos retóricos foi associada a manifestações vinculadas à análise contextual (SILLENCE; GOLANT, 2018). Conforme Boyd e Waymer (2011) apontaram a retórica é uma abordagem que pode mitigar efeitos negativos na legitimidade das organizações em função de condicionantes que modificam a sua 'essência' e a percepção do grande público perante a sua conduta, seus produtos e a sua atuação, por exemplo.

Quando a retórica é analisada sob a lógica da elaboração narrativa contra as grandes narrativas, verifica-se um conjunto, principalmente linguístico e textual, para imprimir uma determinada visão, ideia ou sentido (BROWN; AINSWORTH; GRANT, 2012). Nesse sentido, a retórica é admitida como um esforço calculado para persuadir ou impor um determinado argumento, como forma de elucidar que a articulação das contranarrativas e de suas estórias segue um padrão comunicativo sustentado pelos elementos retóricos dentro dessa acepção (IHLEN; HEATH, 2018).

Apesar da retórica postular a utilização de elementos multimodais (MEYER; JANCSARY; HÖLLERER; BOXENBAUM, 2018), no caso em tela, as representações visuais foram acessórias e pouco exploradas. Observou-se que mesmo com a gama de oportunidades de utilização de elementos retóricos, como elementos escritos, orais, textuais, visuais, numéricos, por exemplo, conforme corroborado por Christiansen (2018), existe uma preferência das organizações produtoras pelos textos. Os elementos visuais, como analisados nesta pesquisa, foram utilizados para exemplificação dos sentidos negociados e foram condicionados ao emprego linguístico em suas variadas formas.

Diante desse cenário, observou-se que as organizações ao se utilizarem dos elementos retóricos, propositalmente buscaram gerar um apelo retórico a partir das narrativas elaboradas e disseminadas. Esse processo é particularmente interessante, pois enquanto na literatura ainda não há um protocolo genérico para a análise da retórica no seio organizacional, reconhece-se que a formatação narrativa das organizações produtoras de vacina incutiu um novo olhar para o papel dos elementos

retóricos no movimento da produção dos sentidos das organizações pesquisadas nesta pesquisa.

Identifica-se esse caráter quando o Instituto Butantan, ao defender a eficácia e a segurança do imunizante contra a Covid-19, extensa e intensamente publica resultados acerca da eficácia da vacina e alerta a população para os seguimentos dos protocolos reconhecidos e atestados cientificamente para o desenvolvimento e posterior produção da vacina CoronaVac. O uso de dados percentuais e a sua explicação detalhada ilustram o intuito de convencer e persuadir a parcela da população que nega a sua eficácia e desconfia da segurança do imunizante.

Todavia, aqui cabe uma ressalva, pois o caráter instrumental da abordagem retórica evidenciado foi percebido especialmente nas contranarrativas do Instituto Butantan em consonância ao que descrevem Shanahan, Vogelaar e Seele (2018). Os autores defendem a tese que a retórica é particularmente instrumental quando as organizações estão sob a influência e inseridas em contextos manipuladores. Nessa conjuntura, quando há a percepção de perda de legitimidade, essas organizações empregam a retórica para orientar a audiência e deliberadamente persuadi-la.

O Instituto Butantan expõe um posicionamento muito claro quanto as suas contranarrativas, pois revelam a intenção da organização em partir para o 'ataque'. Fica evidente a combinação dos elementos da abordagem retórica para formatar as narrativas e revestir os seus sentidos deliberadamente orquestrados para combater as *fake news*. A situação é explicada com base no que empiricamente se compartilhou nas redes, em função da ineficácia da 'vaChina' ou diante das teorias de conspirações acerca da nova ordem mundial orquestrada pelo vírus comunista, por exemplo.

Contudo, essa mesma aceção não é apreendida com a mesma intensidade da contranarrativa da Fiocruz, que ainda assim apresenta a característica utilitarista da retórica em suas práticas comunicativas e nas suas construções narrativas. Segundo o que se vislumbrou do processo de construção da contranarrativa da organização, a Fiocruz não foi considerada alvo, de modo que a contranarrativa elaborada por ela, ressalte apenas o seu papel como um centro de informações de qualidade e científicas.

Apesar das grandes narrativas do contexto populista brasileiro não a impactarem tão fortemente, o movimento retórico pode ser visualizado nas múltiplas iniciativas de controle, monitoramento e acompanhamento do novo coronavírus e no realce da importância e da necessidade dessas ferramentas para a ciência e a

população brasileira. Boyd e Waymer (2011) atribuem isso ao desejo de exaltar uma conduta ética da organização, que propositalmente utiliza do arcabouço retórico para embasar suas ações, razão pela qual se encontra fundamento para tal afirmação.

Dessa maneira, no tangente aos elementos da retórica organizacional, esta pesquisa postula como contribuição a assumpção do caráter utilitarista na elaboração narrativa e nos processos de produção de sentidos. Reconhece-se, ademais, que as práticas comunicativas das organizações estão assentadas nesses preceitos, as quais a depender da gravidade das questões e das influências contextuais podem ser utilizadas mais intensamente e com foco específico. Desse modo, pontua-se que a construção de sentidos por meio do processo de elaboração das contranarrativas das organizações produtoras de vacinas não apenas suscita um olhar apurado para os elementos retóricos que pautam e embasam as suas práticas comunicativas, mas também para o apelo que essas narrativas retoricamente fundamentadas incitam a partir desses elementos.

A última contribuição desta pesquisa refere-se ao processo de (co)construção dos sentidos mediante o reconhecimento do embate entre as grandes narrativas contextuais e as contranarrativas das organizações produtoras de imunizantes do Brasil. Em suma, a compreensão desse processo está assentada no que Vaara, Sonenshein e Boje (2016) discutem sobre a coexistência de sentidos sendo produzidos e negociados em um contexto social.

A partir da relação entre as grandes narrativas e as contranarrativas, o processo de (co)construção é reconhecido quando determinados sentidos dominantes, em um dado contexto, incitam a produção de outros. Isto é, retomando as contranarrativas das organizações produtoras de imunizantes, e os sentidos produzidos por meio das suas narrativas, verifica-se elas foram 'incentivadas' em função da dominância de sentidos que de alguma forma trouxeram impactos a essas organizações produtoras.

De outra forma, se não fosse a atuação dos sentidos elaborados pelas grandes narrativas do contexto populista que alteram a forma com grande parte da população brasileira via o Instituto Butantan e a Fiocruz, não haveria a necessidade de essas organizações se engajassem em seus próprios processos de produção de sentidos. Nessa acepção, há uma participação dessas grandes narrativas na formação e no surgimento das contranarrativas. Por conta disso, é que se propõe uma (co)construção narrativa, que evidencia a relação entre essas grandezas.

No contexto dos estudos organizacionais, refletir acerca desse processo pode ser valioso para a compreensão não apenas social do processo de *sensemaking*, mas também da esfera política como ressaltam Glynn e Watkiss (2020). Fato é que ao reconhecer a existência do processo de (co)construção abre-se caminho para explorar como os sentidos assumem um papel de ligação entre o ambiente e as organizações. Os trabalhos seminais, especialmente o de Weick (1995), rotulam o *sensemaking* como um processo deliberado, intencional e vinculado a questões disruptivas. Contudo, percebeu-se a partir do movimento do (co)construção que há características essencialmente iminentes do processo de *sensemaking*. Mesmo que Sandberg e Tsoukas (2020) já destaquem essa característica, nesta pesquisa observou-se que a produção de sentido nas organizações produtoras é iminentemente intrínseca as suas próprias atividades e às práticas dessas organizações.

Assim sendo, portanto, o movimento de produção de sentidos é ratificado como um processo inerente ao fazer das organizações, agindo e sendo iniciado a partir daquilo que é expresso e corroborado pelas grandes narrativas contextualmente demarcadas. Sem elas, não haveria o porquê de novos sentidos serem produzidos e negociados. Nessa acepção, evidencia-se que as organizações, enquanto agentes sociais, não podem estar dissociadas de seu contexto, motivo pelo qual se acredita na (co)construção.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a concepção inicial desta pesquisa, a intenção era que não apenas contribuições valiosas aos estudos organizacionais fossem realizadas, mas também que fosse percebido nesta dinâmica o caráter autoral, criativo e não apegado a normas e protocolos regulamentares que ainda regem e definem muitas pesquisas na academia científica. Dessa maneira, optou-se, diferentemente do *mainstream* o qual muitas pesquisas se baseiam, por adotar uma perspectiva de construção teórica para desenvolver e apresentar o argumento da pesquisa. Essa articulação foi proveniente não apenas das próprias inquietudes do pesquisador, mas pela ânsia de avançar e proporcionar novas formas de ‘pensar pesquisa’.

Como resultado desse processo, a construção teórica do argumento de pesquisa foi realizada a partir do que se observou com a ascensão da pandemia de Covid-19. Grandes narrativas (BERSTEIN, 2003; LUNDHOLT; BOJE, 2016) foram percebidas no contexto brasileiro que fatidicamente afetaram e impactaram a reputação, a imagem e a legitimidade das organizações produtoras de vacinas, Instituto Butantan e Fiocruz. O argumento teórico, nesse sentido, apresentou os fundamentos que levaram essas grandes narrativas a serem delimitadas da forma percebida pelas organizações produtoras e consumidas e assumidas como reflexos da verdade por uma grande massa apoiadora e defensora. De outro lado, observou-se um movimento de resposta (BOJE; SVANE; GERGERICH, 2016) dessas organizações envolvidas, que elaboraram narrativas de defesa em oposição ao que as grandes narrativas preconizaram, principalmente, em canais midiáticos ligados a internet e a conectividade instantâneas.

O *framework* teórico construído dessa relação ilustrou que as grandes narrativas encontraram amparo no contexto populista brasileiro (BARROS; WANDELERLY, 2020; NORDENSVARD; KOTELA, 2021), o qual endossou e orientou ideologicamente (RICOEUR, 2015) essas narrativas, mas também por conta da própria constituição imaginário social brasileiro (RICOEUR; CASTORIADIS, 2016). Esses elementos subsidiam as grandes narrativas e explicam como as ideias disseminadas por meio delas no contexto populista brasileiro foram apropriadas tão rapidamente, tornando-se dominantes na realidade brasileira.

Outra consideração é que as organizações produtoras ao perceberem a influência dessas arquitetaram suas respostas, utilizando-se da retórica (BROWN;

AINSWORTH; GRANT, 2012; IHLEN; HEATH, 2018), para sustentar suas práticas comunicativas (SCHOENEBOERN; KUHN; KÄRREMAN, 2019), para que os sentidos provenientes do processo de produção de sentidos fossem capazes de combater e atenuar os impactos percebidos diante das influências destas grandes narrativas contextualmente demarcadas. Em função dessa dinâmica, que se o objetivo pensado para esta pesquisa foi o de compreender como ocorre o movimento de produção de sentidos das organizações produtoras de vacinas do Brasil a partir da pandemia da Covid-19, considerando o contexto populista brasileiro.

Para que o objetivo fosse devidamente alcançado, foram identificadas as contranarrativas das organizações produtoras de vacinas e dentro delas, quais as narrativas que produziram sentidos com a intenção de negociá-los perante os sentidos dominantes (SCHILDT; MANTERE; CORNELISSEN, 2020) oriundos das grandes narrativas do contexto populista brasileiro. Após a identificação, os sentidos foram analisados a partir das histórias associadas a cada contranarrativa, e sob a acepção da abordagem narrativa que permeou todo o trabalho nesta pesquisa. Esta pesquisa é uma pesquisa narrativa (CONNELLY; CLANDININ, 2000), e como tal a interpretação e a análise das histórias foi preponderante na articulação e na apreensão dos sentidos produzidos (GROSS; ZILBER, 2020).

Nesse contexto, o Instituto Butantan apresentou duas contranarrativas distintas, mas ao mesmo tempo complementares entre si. A primeira foi denominada “nossos processos e produtos são pautados pelo compromisso e pelo respeito para com a ciência” e intuiu ratificar a sua capacidade no combate ao novo coronavírus e recuperar a confiança que a população brasileira, outrora nunca havia questionado. Para tanto, ao longo do primeiro ano da pandemia da Covid-19, trabalhou quatro narrativas que exemplificaram o papel da organização nesse evento atípico, visando ressaltar os sentidos de experiência, da expertise para prevenção do novo coronavírus, da importância da ciência e do seu embasamento científico para a produção de soros e vacinas.

A segunda contranarrativa foi um esforço extensivo na defesa da CoronaVac em relação a sua eficácia e a sua segurança. Denominada de “a CoronaVac é a vacina do Butantan, segura e eficaz, contra o novo coronavírus”, essa contranarrativa foi a que mais se estendeu ao longo do período selecionado para a pesquisa. Frente ao que era propagado e repercutido nas redes sociais com relação ao imunizante produzido em parceria com o biofarmacêutica Sinovac Life Sciences, quatro foram as

narrativas associadas à defesa da CoronaVac. Observou-se que essas quatro narrativas foram escalonadas à medida que determinados sentidos dominantes estavam em atuação no contexto pandêmico. Dessa forma, o Instituto Butantan buscou ratificar os processos que fundamentaram afirmar a eficácia e a segurança da vacina, apresentou os resultados oriundos desse movimento, exemplificou a efetividade da vacinação por meio de um projeto pioneiro em Serrana e, como último recurso, apostou em outras pesquisas para validar e corroborar os seus próprios resultados, que aparentemente, não foram suficientes para convencer a grande massa.

Situação distinta foi observada na única contranarrativa da Fiocruz, que não esteve sob ataque direto e não precisou sair em defesa do seu imunizante produzido AstraZeneca, tampouco sentiu a necessidade de explicitar que a ciência é parte fundamental da sua própria razão de ser. Nesse contexto, a contranarrativa “a Fiocruz é um *hub* da ciência e atua prol da sociedade” evidencia o seu papel como um agente reconhecidamente legítimo quanto ao fornecimento de informações científicas de qualidade. Essa inclusive foi o principal foco da sua primeira narrativa, que se debruçou em mostrar as ações e as informações decorrentes das iniciativas que visaram não apenas informar a população brasileira, mas evidenciar o seu papel como suporte ao combate ao novo coronavírus por meio dessas ações. Por fim, sua segunda narrativa reporta que a vacina produzida em suas instalações é mais uma opção contra a Covid-19.

Os resultados desta pesquisa apontaram três contribuições a partir da análise dos dados e baseados na construção teórica do seu argumento. A primeira reconhece o caráter estruturante das narrativas que são utilizadas da mesma forma tanto para as grandes narrativas quanto para as contranarrativas. A outra contribuição repousa na acepção de que as organizações se utilizam dos elementos da retórica instrumental e deliberadamente para sustentar as suas práticas comunicativas, que são meios no processo de produção de sentidos dessas organizações. A partir desse processo, ilustra-se, ademais, o apelo retórico gerado por meio dos elementos retóricos utilizados nas contranarrativas organizacionais e, por conseguinte, na produção dos seus sentidos. Por fim, elenca-se que o movimento da produção de sentidos das organizações produtoras de vacinas é assentado em um processo, que aqui se denomina, de (co)construção. Esse movimento reconhece que o *start* dos processos de *sensemaking* é construído a partir dos sentidos que imperam em um contexto, de

modo que esses sejam considerados para que novos sentidos sejam construídos e, então, negociados.

Diante das contribuições apresentadas torna-se clara o papel da comunicação narrativa no cerne das organizações produtoras de vacinas no Brasil. O próprio argumento construído para esta pesquisa elucida a posição das práticas comunicativas dentro do contexto das *fake news* e dos discursos negacionistas perpetuados durante a pandemia de Covid-19. Imbuídas de histórias e das suas próprias expectativas e visões acerca do seu 'lugar no mundo' e das suas práticas organizativas, as narrativas organizacionais têm se utilizado dos elementos da retórica para dispor ao grande público o seu ponto de vista ou o seu posicionamento em relação a uma dada questão. Essas práticas comunicativas visaram delimitar os sentidos produzidos por meio das narrativas em resistência às provenientes do contexto em que tais organizações se encontram inseridas. Apesar do engendramento e da organização das histórias em associação aos demais elementos oriundos da retórica, verifica-se que há uma prevalência ainda fortemente arraigada em aspectos linguísticos e textuais, de modo que o objetivo seja o de apelo do que propriamente a construção retórica dos sentidos.

Finalmente, cabe discorrer que nesta pesquisa visualiza-se o cumprimento de uma contribuição que também é social. Nesse sentido, reconhece-se a função social desta pesquisa ao propor uma imersão e uma análise crítica, ao apresentar e desvelar o que compõe o contexto social brasileiro com orientação populista. Nessa conjuntura, a atuação das grandes narrativas contextualmente demarcadas ilustra a formação e incita a reflexão daquilo que é institucionalizado na sociedade brasileira, assim como elucida e explica o processo da produção dos sentidos que por meio delas se rotula como dominantes.

Não obstante, ao considerar a relação contexto-organizações, esta pesquisa abre caminho para a apreensão do papel das organizações em um contexto social. Admite-se que, enquanto agentes sociais, as organizações possam atuar como moderadores no tangente aos sentidos produzidos e negociados por elas e em função delas. De outra maneira, esta pesquisa pontua o lugar das organizações na formatação dos entendimentos coletivos e na delimitação dos sentidos que em função da sua própria atividade e práticas, fazem-se conhecidos, e possivelmente, consumidos e reproduzidos.

Como sugestão de pesquisas futuras, incita-se identificar quais foram as grandes narrativas dominantes que foram elaboradas e propagadas durante o momento pandêmico da Covid-19. Nesta pesquisa, em virtude do posicionamento face à construção teórica do argumento, assume-se a sua existência, mas não se envereda na sua análise propriamente dita. Outrossim, aponta-se a possibilidade de exploração nas grandes narrativas daquilo que tornam os sentidos provenientes dessas narrativas, de fato, dominantes. Isso, pois não houve indícios suficientes para afirmar o que reveste, ou que é atribuído, à dominância dos sentidos. Nessa mesma linha, sugere-se investigar como as contranarrativas deixam de ser meras narrativas de oposição para se tornarem narrativas dominantes.

## REFERÊNCIAS

- ALVESSON, M. Organizations as rhetoric: knowledge-intensive firms and the struggle with ambiguity. **Journal of Management Studies**, v. 30, n. 6, p. 997–1015, 1993.
- ANVISA. **Anvisa aprova por unanimidade uso emergencial das vacinas**. 17 de jan. de 2021. Disponível em: < <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2021/01/anvisa-aprova-por-unanimidade-uso-emergencial-das-vacinas>>. Acesso em: 28 jul. 2022.
- BALZA, G. **Venda de remédios do 'kit Covid' dispara até 857% na pandemia, 2021**. Disponível em: < <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/05/06/venda-de-remedios-do-kit-covid-dispara-ate-857percent-na-pandemia.ghtml>>. Acesso em: 28 jun 2021.
- BANSAL, P.; SMITH, W. K.; VAARA, E. New ways of seeing through qualitative research. **Academy of Management Journal**, v. 61, n. 4, p. 1189-1195, 2018.
- BARROS, A.; WANDERLEY, S. Brazilian businessmen movements: Right-wing populism and the (dis)connection between policy and politics. **Organization**, v. 27, n. 3, p. 394-404, 2020.
- BATEMAN, J. A. Multimodality, where next? – some meta-methodological considerations. **Multimodality & Society**, v. 2, n. 1, p. 41-63, 2022.
- BBC NEWS BRASIL. **2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de 'gripezinha', o que agora nega**, 2020a. 1 vídeo (1 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rcxB7DsEAFQ>. Acesso em: 06 abr 2023.
- BBC NEWS BRASIL. **Gripezinha, cloroquina e 2 milhões de infectados: veja as falas de Bolsonaro em 143 dias de pandemia**, 2020b. 1 vídeo (12 min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=PQv\\_xbaNSjE](https://www.youtube.com/watch?v=PQv_xbaNSjE). Acesso em: 06 abr 2023.
- BEAUVAIS, C. Fake news: why do we believe it? **Joint Bone Spine**, v. 89, n. 4, 2022.
- BERNSTEIN, J. M. Grand narratives. In: WOOD, D. (Ed.). **On Paul Ricoeur: narrative and interpretation**. Routledge, 2003.
- BERTILSSON, J. Critical netnography: conducting critical research online. In: JEANES, E.; HUZARD, T. **Critical management research: reflections from the field**. (Eds.). SAGE Publications, 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a Covid-19 – PNO**. s.d. Disponível em: < <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/vacinas/plano-nacional-de-operacionalizacao-da-vacina-contra-a-covid-19> >. Acesso em: 12 nov. 2022.

BOJE, D.; SVANE, M.; GERGERICH, E. M. Counternarrative and antenarrative inquiry in two cross-cultural contexts. **European Journal of Cross-Cultural Competence and Management**, v. 4, n. 1, p. 55-84, 2016.

BOLSONARO, J. M. **Twitter**, 2020. Disponível em: [https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1318909799505985537?ref\\_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1318909886080614411%7Ctwgr%5Eda49dc2a5cc747886ad3508198afe86b08d544af%7Ctwcon%5Es2\\_&ref\\_url=https%3A%2F%2F](https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1318909799505985537?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1318909886080614411%7Ctwgr%5Eda49dc2a5cc747886ad3508198afe86b08d544af%7Ctwcon%5Es2_&ref_url=https%3A%2F%2F). Acesso em: 06 abr 2023.

BOLSONARO, J. M. **Youtube**, 2021. 1 vídeo (67 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2uy0cfgw9pQ>. Acesso em: 06 abr 2023.

BOXENBAUM, E.; JONES, C.; MEYER, R. E.; SVEJENOVA, S. Towards an articulation of the material and visual turn in organization studies. **Organization Studies**, v. 39, n. 5-6, p. 597-616, 2018.

BOYD, J.; WAYMER, D. Organizational rhetoric: A subject of interest(s). **Management Communication Quarterly**, v. 25, n. 3, p. 474-493, 2011.

BROWN, A. D. Making sense of inquiry sensemaking. **Journal of Management Studies**, v. 37, n. 1, p. 45-75, 2000.

BROWN, A. D.; AINSWORTH, S.; GRANT, D. The rhetoric of institutional change. **Organization Studies**, v. 33, n. 3, p. 297-321, 2012.

CAPONI, S.; BRZOZOWSKI, F. S.; HELLMANN, F.; BITTENCOURT, S. C. O uso político da cloroquina: COVID-19, negacionismo e neoliberalismo. **Revista Brasileira de Sociologia-RBS**, v. 9, n. 21, p. 78-102, 2021.

CAVALCANTI, A. B. *et al.* Hydroxychloroquine with or without azithromycin in mild-to-moderate Covid-19. **New England Journal of Medicine**, v. 383, n. 21, p. 2041-2052, 2020.

CHRISTIANSEN, Lærke Højgaard. The use of visuals in issue framing: Signifying responsible drinking. **Organization Studies**, v. 39, n. 5-6, p. 665-689, 2018.

CONNELLY; F. M.; CLANDININ, D. J. Stories of Experience and Narrative Inquiry. **Educational Researcher**, v. 19, n. 2, 1990.

CONRAD, C.; CHENEY, G. Organizational communication and organizational rhetoric I: the theme of merger. In: IHLEN, Ø.; HEATH, R. L. (Eds.). **The Handbook of Organizational Rhetoric and Communication**. Wiley Blackwell, 2018.

CZARNIAWSKA, B. Narrating organization studies. **Narrative Inquiry**, v. 21, n. 2, p. 337-344, 2011.

DAVISON, J. The visual organization: barthesian perspectives. In: BELL, E.; WARREN, S.; SCHROEDER, J. (Eds.). **The Routledge Companion to Visual Organization**. Routledge, 2014.

DAWSON, P.; MÄKELÄ, M. Introduction. Narrative today: telling stories in a post-truth world. In: DAWSON, P.; MÄKELÄ, M. (Eds.). **The Routledge Companion to Narrative Theory**. Routledge, 2022.

DOREMALEN *et al.* **Aerosol and Surface Stability of SARS-CoV-2 as Compared with SARS-CoV-1**. 2020. Disponível em: <<https://www.nejm.org/doi/10.1056/NEJMc2004973>>. Acesso em: 27 jun 2021.

EYAWO, O.; VIENS, A. M.; UGOJI, U. C. Lockdowns and low-and middle-income countries: building a feasible, effective, and ethical COVID-19 response strategy. **Globalization and Health**, v. 17, n. 1, p. 1-5, 2021.

DE CLENN, B.; GLYNOS, J.; MONDON, A. Critical research on populism: Nine rules of engagement. **Organization**, v. 25, n. 5, p. 649-661, 2018.

FENTON, C.; LANGLEY, A. Strategy as practice and the narrative turn. **Organization Studies**, v. 32, n. 9, p. 1171-1196, 2011.

FERRARI, H. **Após “motociata”, Bolsonaro diz que vacina não tem comprovação e defende cloroquina**, 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/apos-motociata-bolsonaro-diz-que-vacina-nao-tem-comprovacao-e-defende-cloroquina/>. Acesso em: 07 abr 2023.

FREITAS, R. M.; SILVA, M. A.; ROSA, A. C. Fatores que Impactam na Dependência e Comportamento de Compra de Smartphones. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, v. 14, n. 1, p. 120-146, 2021.

GABRIEL, Y. Narratives, stories, texts. In: GRANT, D.; HARDY, C.; OSWICK, C.; PUTNAM, L. L. (Eds.). **The Sage Handbook of Organizational Discourse**. SAGE Publications, 2004.

GIOVANNONI, E.; NAPIER, C. J. Multimodality and the messy object: exploring how rhetoric and materiality engage. **Organization Studies**, 2022.

GLYNN, M. A.; WATKISS, L. Of organizing and sensemaking: From action to meaning and back again in a half-century of Weick’s theorizing. **Journal of Management Studies**, v. 57, n. 7, p. 1332-1354, 2020.

GOLDMAN, J. D. *et al.* Remdesivir for 5 or 10 days in patients with severe Covid-19. **New England Journal of Medicine**, v. 383, n. 19, p. 1827-1837, 2020.

GROSS, T.; ZILBER, T. B. Power dynamics in field-level events: A narrative approach. **Organization Studies**, v. 41, n. 10, p. 1369-1390, 2020.

HAIR JR, J. F.; BABIN, B.; MONEY, A; H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HASSANIAZAD, M.; BAZRAM, A.; HASSANIPOUR, S.; FATHALIPOUR, M. Evaluation of the efficacy and safety of favipiravir and interferon compared to

lopinavir/ritonavir and interferon in moderately ill patients with COVID-19: a structured summary of a study protocol for a randomized controlled trial. **Trials**, v. 21, n. 1, p. 1-3, 2020.

HÖLLERER, M. A.; JANCSARY, D.; GRAFSTRÖM, M. 'A picture is worth a thousand words': multimodal sensemaking of the global financial crisis. **Organization Studies**, v. 39, n. 5-6, p. 617-644, 2018.

HULST, M.; YBEMA, S. From What to Where: A setting-sensitive approach to organizational storytelling. **Organizational Studies**, v. 41, n. 3, p. 365-391, 2020.

IHLEN, Ø.; HEATH, R. L. Introduction: organizational rhetoric. In: IHLEN, Ø.; HEATH, R. L. (Eds.). **The Handbook of Organizational Rhetoric and Communication**. Wiley Blackwell, 2018.

IHLEN, Ø. Science communication, strategic communication and rhetoric: the case of health authorities, vaccine hesitancy, trust and credibility. **Journal of Communication Management**, v. 24, n. 3, p. 163-1678, 2020.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **O Instituto**, 2023. Disponível em: <https://butantan.gov.br/institucional/o-instituto>. Acesso em: 09 jan 2023.

JORNAL NACIONAL. **Bolsonaro pede na TV 'volta à normalidade' e fim do 'confinamento em massa' e diz que meios de comunicação espalharam 'pavor'**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/24/bolsonaro-pede-na-tv-volta-a-normalidade-e-fim-do-confinamento-em-massa.ghtml>. Acesso em: 06 abr 2023.

KEMP, S. **Digital 2021: Global Overview Report**. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2021-global-overview-report>. Acesso em: 27 jul 2021.

KHALILI, H. *et al.* Efficacy and safety of sofosbuvir/ledipasvir in treatment of patients with COVID-19; A randomized clinical trial. **Acta Bio Medica: Atenei Parmensis**, v. 91, n. 4, 2020.

KISTRUCK, G. M.; SHANTZ, A. S. Research on grand challenges: adopting an abductive experimentation methodology. **Organizational Studies**, v. 43, n. 9, p. 1479-1505, 2022.

KJÆRBECK, S.; LUNDHOLT, M. W. Conflicting perspectives in a housing association: An investigation of employees' counter-narratives in relation to a new business strategy. **Journal of Organizational Change Management**, v. 34, n. 1, p. 45-59, 2021.

LACLAU, E. **On populist reason**. London: Verso Books, 2005.

LAVIERI, F. **O celeiro das vacinas**, 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/o-celeiro-das-vacinas/>. Acesso em: 16 jun 2022.

LÓPEZ-MEDINA, E. *et al.* Effect of ivermectin on time to resolution of symptoms among adults with mild COVID-19: a randomized clinical trial. **Jama**, v. 325, n. 14, p. 1426-1435, 2021.

LUNDHOLT, M. W.; BOJE, D. Understanding organizational narrative-counter-narratives dynamics: An overview of Communication Constitutes Organization (CCO) and Storytelling Organization Theory (SOT) approaches. **Communication & Language at Work**, v. 5, n. 1, p. 18-29, 2018.

MADEIRO, C. **Movimento antivacina avança na web**: por que ele é ameaça à saúde pública, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/10/29/movimento-antivacinaavanca-online-por-que-ele-e-ameaca-a-saude-publica.htm>. Acesso em: 03 fev 2021.

MARSHALL, C.; ROSSMAN, G. B. **Designing qualitative research**. 6. ed. SAGE Publications, 2016.

MEIRELLES, F. S. **32ª Pesquisa Anual do Uso da TI - Tecnologia de Informação nas Empresas**. Disponível em: <https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/u68/fgvcia2021pesti-relatorio.pdf> Acesso em: 27 jul 2021.

MEYER, R.; JANCSARY, D.; HÖLLERER, M. A.; BOXENBAUM, E. The role of verbal and visual text in the process of institutionalization. **Academy of Management Review**, v. 43, n. 3, p. 392-418, 2018.

NORDENSVARD, J.; KETOLA, M. Populism as an act of storytelling: analyzing the climate change narratives of Donald Trump and Greta Thunberg as populist truth-tellers. **Environmental Politics**, v. 31, n. 5, p. 861-882, 2021.

OLIVEIRA, M. A.; ALMEIDA, P. O. Entre ideologia e utopia: A dialética da imaginação em Mannheim. **Revista de Ciências do Estado**, v. 2, n. 1, p. 101-125, 2017.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Folha informativa sobre COVID-19**. 2021a. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 25 jun 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Qual é a visão da OPAS e OMS em relação ao uso de cloroquina e hidroxicloroquina para tratamento e profilaxia contra COVID-19?**. 2021b. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19#cloroquina-hidroxicloroquina>. Acesso em: 10 jun 2021.

REYES JUNIOR, E.; DIAS, F. O.; COSTA, C. C. B.; SAAB, F.; TORLIG, E. G. S. Conflito entre economia e saúde? O caso da Covid-19 no Brasil. **Revista Gestão Organizacional**, v. 14, n. 1, p. 378-389, 2021.

RICOEUR, P. Life in quest of narrative. In: WOOD, D. (Ed.). **On Paul Ricoeur: narrative and interpretation**. Routledge, 2003.

RICOEUR, P. **O discurso da ação**. Lisboa: Edições 70, 2012.

RICOEUR, P. **A ideologia e a utopia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

RICOEUR, P.; CASTORIADIS, C. **Diálogo sobre a história e o imaginário social**. Lisboa: Edições 70, 2016.

RIESSMAN, C. K. Narrative Analysis. In: KELLY, N.; HORROCKS, C.; MILNES, K.; ROBERTS, B.; ROBINSON, D. (Eds.). **Narrative, memory & everyday life**. University of Huddersfield, 2005.

RIESSMAN, C. K. **Narrative methods for the human sciences**. Sage Publications, 2008.

ROBINSON, S.; BRISTOW, A. Riding populist storms: Brexit, Trumpism and beyond, Special Paper Series Editorial. **Organization**, v. 27, n. 3, p. 359-369, 2020.

SANDBERG, J.; TSOUKAS, T. Sensemaking reconsidered: Towards a broader understanding through phenomenology. **Organization Theory**, v. 1, 2020.

SANDERS, P. Leadership and populism: A parallel reading of Hannah Arendt and Franz Neumann. **Leadership**, v. 15, n. 6, p. 750-767, 2019.

SCHILDT, H.; MANTERE, S.; CORNELISSEN, J. Power in sensemaking processes. **Organization Studies**, v. 41, n. 2, p. 241-265, 2020.

SCHOENEBOORN, D.; KUHN, T. R.; KÄRREMAN, D. The communicative constitution of organization, organizing, and organizationality. **Organization Studies**, v. 40, n. 4, p. 475-496, 2019.

SHANAHAN, F.; VOGELAAR, A. E.; SEELE, P. Persuasion in organizational rhetoric: distinguishing between instrumental and deliberative approaches. In: IHLEN, Ø.; HEATH, R. L. (Eds.). **The Handbook of Organizational Rhetoric and Communication**. Wiley Blackwell, 2018.

SILLINCE, J. A. A.; GOLANT, B. D. A theory of organization as a context for, and as constituted by, rhetoric. In: IHLEN, Ø.; HEATH, R. L. (Eds.). **The Handbook of Organizational Rhetoric and Communication**. Wiley Blackwell, 2018.

SKIPPER, C. P. *et al.* Hydroxychloroquine in nonhospitalized adults with early COVID-19: a randomized trial. **Annals of internal medicine**, v. 173, n. 8, p. 623-631, 2020.

TIMMERMANS, S.; TAVORY, I. Theory construction in qualitative research: from grounded theory to abductive analysis. **Sociological Theory**, v. 30, n. 3, p. 167-186, 2012.

UOL. **Bolsonaro questiona CoronaVac: "Não está comprovada cientificamente"**, 2021a. 1 vídeo (1 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eSU0YdmzltU>. Acesso em: 06 abr 2023.

UOL. **Bolsonaro volta a criticar governadores e diz que 'lockdown não é remédio'**, 2021b. 1 vídeo (2 min). Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/11/bolsonaro-volta-a-criticar-governadores-e-diz-que-lockdown-nao-e-remedio.htm>. Acesso em: 06 abr 2023.

VAARA, E.; SONENSHEIN, S.; BOJE, D. Narratives as sources of stability and change in organizations: approaches and directions for future research. **The Academy of Management Annals**, v. 10, n. 1, p. 495-560, 2016.

VAARA, E.; TIENARI, J. On the narrative construction of multinational corporations: an antenarrative analysis of legitimation and resistance in a cross-border merger. **Organization Science**, v. 22, n. 2, p. 370-390, 2011.

WEFFORT, F. **O populismo na política brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

WEICK, K. E. **Sensemaking in organizations**: foundations for organizational science. SAGE Publications, 1995.

WEICK, K. E. Sensemaking, organizing, and surpassing: a handoff. **Journal of Management Studies**, v. 57, n. 7, p. 1420-1431, 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Origin of SARS-CoV-2**, 2020a. Disponível em: < [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/332197/WHO-2019-nCoV-FAQ-Virus\\_origin-2020.1-eng.pdf](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/332197/WHO-2019-nCoV-FAQ-Virus_origin-2020.1-eng.pdf)>. Acesso em: 25 jun 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard**, 2021b. Disponível em: < <https://covid19.who.int/>>. Acesso em: 02 ago 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Coronavirus disease (COVID-19) advice for the public**, 2021c. Disponível em: < <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public>>. Acesso em: 09 jun 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **COVID-19 vaccine tracker and landscape**. 2021d. Disponível em: < <https://www.who.int/publications/m/item/draft-landscape-of-covid-19-candidate-vaccines>>. Acesso em: 09 jun 2021.

WUNENBURGER, J-J. **O imaginário**. Edições Loyola, 2007.

YIN, R. K. **Qualitative research from start to finish**. 2. ed. The Guilford Press, 2017.

## APÊNDICE 1 – REFERÊNCIAS DO INSTITUTO BUTANTAN

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Butantan Informa – o que é coronavírus?**, 2020a. 1 vídeo (6 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JasWcoWZ1Jc&t=2s>. Acesso em: 20 maio 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Butantan lança site com informações e orientações sobre o coronavírus**, 2020b. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/butantan-lanca-site-com-informacoes-e-orientacoes-sobre-o-coronavirus>. Acesso em: 06 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **IMPORTANTE | Saiba Mais sobre o Coronavírus**, 2020c. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/importante-%7C-saiba-mais-sobre-o-coronavirus>. Acesso em: 07 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Mônica Bergamo: Taxa de contágio pelo novo coronavírus caem SP depois de isolamento, diz Instituto Butantan**, 2020d. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/monica-bergamo-taxa-de-contagio-pelo-novo-coronavirus-cai-em-sp-depois-de-isolamento-diz-instituto-butantan>. Acesso em: 07 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Novo Coronavírus | Saiba se você tem maior risco de doença grave**, 2020e. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/novo-coronavirus-%7C-saiba-se-voce-tem-maior-risco-de-doenca-grave>. Acesso em: 07 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Projeção de óbitos por COVID-19 no Estado de São Paulo**, 2020f. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=NI7-2x7KWag&list=PLQSwC3UMEjiEKXdZ\\_bZ4aRPJ8H4KbMyb9&index=24](https://www.youtube.com/watch?v=NI7-2x7KWag&list=PLQSwC3UMEjiEKXdZ_bZ4aRPJ8H4KbMyb9&index=24). Acesso em: 08 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **A distância já está protegendo você do Coronavírus**, 2020g. Disponível em: [https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt_BR). Acesso em: 08 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Na Páscoa não viaje e siga a quarentena**, 2020h. Disponível em: [https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt_BR). Acesso em: 08 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Governo de SP inicia testes rápidos para coronavírus mesmo em quem não tem sintomas da doença**, 2020i. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/governo-de-sp-inicia-testes-rapidos-para-coronavirus-mesmo-em-quem-nao-tem-sintomas-da-doenca>. Acesso em: 08 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Butantan lança plataforma para consulta de ações de testagem do novo Coronavírus**, 2020j. Disponível em:

<https://butantan.gov.br/noticias/butantan-lanca-plataforma-para-consulta-de-acoes-de-testagem-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 08 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). 2020k. **#USEMÁSCARA Proteção extra na luta contra o coronavírus**, 2020h. Disponível em:

[https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt_BR). Acesso em: 10 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **“Eu tive Covid-19”**, 2020l. Disponível em:

[https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt_BR). Acesso em: 10 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **O que é pesquisa científica**, 2020m.

Disponível em: [https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt_BR). Acesso em: 10 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Etapas da produção de vacinas**, 2020o.

Disponível em: [https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt_BR). Acesso em: 10 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **FAPESP: Pesquisadores do Butantan combinam técnicas de biotecnologia para formular vacina contra COVID-19**,

2020p. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/fapesp-pesquisadores-do-butantan-combinam-tecnicas-de-biotecnologia-para-formular-vacina-contracovid-19>. Acesso em: 10 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Butantan e Governo de SP vão testar e produzir vacina inédita contra coronavírus**, 2020q. Disponível em:

<https://butantan.gov.br/noticias/butantan-e-governo-de-sp-vaotestar-e-produzir-vacina-inedita-contracoronavirus>. Acesso em: 10 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Butantan na Pandemia - Uma vacina, uma esperança**, 2020r. 1 vídeo (2 min). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=V9TgnXIKOs&list=PLQSwC3UMEjiH8qA0gbNDti0QdQeVdKlko&index=20&t=15s>. Acesso em: 10 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Testes da fase de ensaios clínicos iniciam**, 2020s. Disponível em:

[https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt_BR). Acesso em: 10 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Ciência dos ensaios clínicos com Ricardo Palacios**, 2020t. Disponível em:

[https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt_BR). Acesso em: 12 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Estudo divulgado pela Sinovac mostrou que a vacina é eficaz e segura**, 2020u. Disponível em:

[https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt_BR). Acesso em: 12 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Estudo com mais de 50 mil pessoas na China mostra segurança de vacina contra o coronavírus**, 2020v. Disponível em:

<https://butantan.gov.br/noticias/estudo-com-mais-de-50-mil-pessoas-na-china-mostra-seguranca-de-vacina-contr-o-coronavirus>. Acesso em: 12 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Estudo revela que Coronavac produz anticorpos contra a Covid em 97% dos participantes**, 2020w. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/estudo-revela-que-coronavac-produz-anticorpos-contr-a-covid-em-97-dos-participantes>. Acesso em: 12 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **O que é a fase 4 em um desenvolvimento de vacinas?**, 2020x. Disponível em: [https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt_BR). Acesso em: 12 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Plano Estadual de Imunização**, 2020y. Disponível em: [https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt_BR). Acesso em: 12 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Vacina do Butantan é eficaz contra cepas sul-africana e britânica do novo coronavírus**, 2021b. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/vacina-do-butantan-e-eficaz-contr-cepas-sul-africana-e-britanica-do-novo-coronavirus->. Acesso em: 12 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **CoronaVac: tudo que você sempre quis saber e não tinha para quem perguntar**, 2021c. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/coronavac-tudo-que-voce-sempre-quis-saber-e-nao-tinha-para-quem-perguntar>. Acesso em: 12 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Projeto S - A Cura Individual é a Cura Coletiva**, 2021d. 1 vídeo (16 min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=RyQW\\_FXxMeg&t=2s](https://www.youtube.com/watch?v=RyQW_FXxMeg&t=2s). Acesso em: 12 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Fake news também é vírus**, 2021e. Disponível em: [https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt_BR). Acesso em: 13 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Projeto S: imunização em Serrana faz casos de Covid-19 despencarem 80% e mortes, 95%**, 2021f. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/projeto-s-imunizacao-em-serrana-faz-casos-de-covid-19-despencarem-80-e-mortes-95>. Acesso em: 13 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Estudo preliminar indica eficácia de 98% da CoronaVac na prevenção de mortes por Covid-19**, 2021g. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/estudo-preliminar-indica-eficacia-de-98-da-coronavac-na-prevencao-de-mortes-por-covid-19>. Acesso em: 13 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Eficácia global da CoronaVac pode chegar a 62,3% com intervalo entre doses igual ou superior a 21 dias**, 2021h. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/eficacia-global-da-coronavac-pode-chegar-a-623-com-intervalo-entre-doses-igual-ou-superior-a-21-dias>. Acesso em: 27 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Dimas Covas comemora a efetividade da CoronaVac contra a variante delta: “boa notícia”**, 2021h. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/dimas-covas-comemora-a-efetividade-da-coronavac-contra-a-variante-delta-“boa-noticia”>. Acesso em: 27 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **A eficácia da coronavac tá on!**, 2021j. Disponível em: [https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/ButantanOficial/?locale=pt_BR). Acesso em: 27 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **Estudo mostra que CoronaVac é segura e imunogênica para crianças com idades entre sete meses e cinco anos**, 2022a. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/estudo-mostra-que-coronavac-e-segura-e-imunogenica-para-criancas-com-idades-entre-sete-meses-e-cinco-anos>. Acesso em: 27 jun 2022.

INSTITUTO BUTANTAN (BUTANTAN). **CoronaVac protege crianças de 3 a 5 anos contra a ômicron, mostra estudo chileno revisado por pares**, 2022b. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/coronavac-protege-criancas-de-3-a-5-anos-contra-a-omicron-mostra-estudo-chileno-revisado-por-pares>. Acesso em: 27 jun 2022.

## APÊNDICE 2 – REFERÊNCIAS DA FIOCRUZ

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Fiocruz acompanha situação do novo coronavírus no Brasil**, 2020a. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-acompanha-situacao-do-novo-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 14 jun 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Fiocruz oferece oficina sobre coronavírus para jornalistas**, 2020b. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-oferece-oficina-sobre-coronavirus-para-jornalistas>. Acesso em: 14 jun 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Fiocruz articula novas estratégias para o enfrentamento do coronavírus**, 2020c. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-articula-novas-estrategias-para-o-enfrentamento-do-coronavirus>. 14 jun 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Fiocruz atua no esclarecimento de casos de coronavírus**, 2020d. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-atua-no-esclarecimento-de-casos-de-coronavirus>. Acesso em: 15 jun 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Fiocruz dá treinamento para diagnóstico do novo coronavírus**, 2020e. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-da-treinamento-para-diagnostico-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 15 jun 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Fiocruz finaliza capacitação dos 27 laboratórios centrais para diagnóstico de Covid-19**, 2020f. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-finaliza-capacitacao-dos-27-laboratorios-centrais-para-diagnostico-de-covid-19>. Acesso em: 15 jun 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Serviço gratuito de orientações sobre coronavírus já está em funcionamento na Bahia**, 2020g. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/servico-gratuito-de-orientacoes-sobre-coronavirus-ja-esta-em-funcionamento-na-bahia>. Acesso em: 15 jun 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Covid-19: que vírus é esse?**, 2020h. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-que-virus-e-esse>. Acesso em: 15 jun 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Ferramenta online permite monitorar avanço da Covid-19 no Brasil**, 2020i. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/ferramenta-online-permite-monitorar-avanco-da-covid-19-no-brasil>. Acesso em: 16 jun 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Canal Saúde lança o 'Boletim Corona'**, 2020j. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/canal-saude-lanca-o-boletim-corona>. Acesso em: 16 jun 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Canal Saúde lança podcast semanal sobre a pandemia de Covid-19**, 2020k. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/canal-saude-lanca-podcast-semanal-sobre-pandemia-de-covid-19>. Acesso em: 16 jun 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **'Fake news' circularam na imprensa durante surto de gripe espanhola no Rio em 1918**, 2020l. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fake-news-circularam-na-imprensa-durante-surto-de-gripe-espanhola-no-rio-em-1918>. Acesso em: 16 jun 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Estudo identifica principais fake news relacionadas à Covid-19**, 2020m. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-identifica-principais-fake-news-relacionadas-covid-19>. Acesso em: 16 jun 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Fiocruz busca vacina contra Covid-19**, 2020n. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-busca-vacina-contracovid-19>. Acesso em: 18 jun 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Fiocruz e AstraZeneca alinham detalhes para produção de vacina para Covid-19**, 2020o. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-e-astrazeneca-alinham-detalhes-para-producao-de-vacina-para-covid-19>. Acesso em: 19 jun 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Agência Fiocruz de Notícias – Covid-19 (Semana de 27/07 a 31/07)**, 2020p .1 vídeo (7min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=5h13M54Hfgo&list=PLQ\\_83\\_IsoGE722h4CsM1TlMvjSzxEYQ4C&index=114&t=2s](https://www.youtube.com/watch?v=5h13M54Hfgo&list=PLQ_83_IsoGE722h4CsM1TlMvjSzxEYQ4C&index=114&t=2s). Acesso em: 19 jun 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Fiocruz participa de coletiva do MS sobre vacinas para Covid-19**, 2020q. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-participa-de-coletiva-do-ms-sobre-vacinas-para-covid-19>. Acesso em: 19 jun 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Covid-19: vacina de Oxford-AstraZeneca é aprovada no Reino Unido**, 2021a. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-vacina-de-oxford-astrazeneca-e-aprovada-no-reino-unido>. Acesso em: 19 jun 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Fiocruz recebe primeiro registro da Anvisa para vacina Covid-19 produzida no Brasil**, 2021b. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-recebe-primeiro-registro-da-anvisa-para-vacina-covid-19-produzida-no-brasil>. Acesso em: 20 jun 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Vacina AstraZeneca tem 92% de efetividade contra hospitalização pela variante Delta**, 2021c. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/vacina-astrazeneca-tem-92-de-efetividade-contrahospitalizacao-pela-variante-delta>. Acesso em: 20 jun 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Se liga no Corona**, 2021d. 1 vídeo (1 min). Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=LPRcG4o3xO0&list=PLQ\\_83\\_IsoGE5d-KNFFukRKqV68O7xf74Q&index=7](https://www.youtube.com/watch?v=LPRcG4o3xO0&list=PLQ_83_IsoGE5d-KNFFukRKqV68O7xf74Q&index=7). Acesso em: 22 jun 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Covid-19 | Perguntas e respostas. **A vacina contra a Covid-19 também é segura para crianças?**, 2022a. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/vacina-contracovid-19-tambem-e-segura-para-criancas>. Acesso em: 22 jun 2022.